

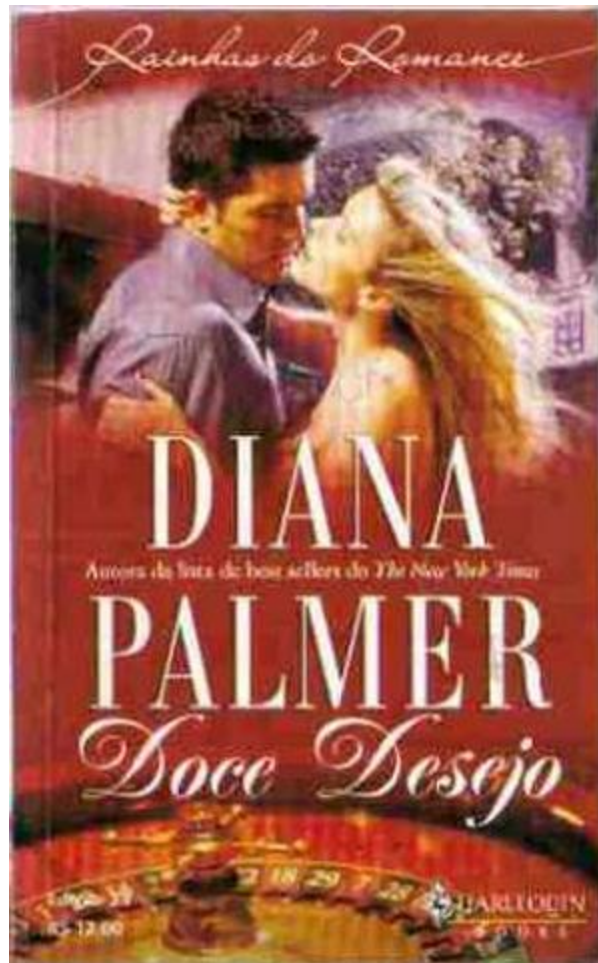
# Doce Desejo

*Carrera's Bride*

– Marcus Carrera e Delia Mason –

Diana Palmer

Série Homens do Texas 30



Com sua estatura imponente e notória reputação, Marcus Carrera despertava medo em amigos e inimigos. Contudo, uma mulher foi capaz de enxergar que sôb a dura fachada do magnata dono de cassinos havia um homem rude, porém carinhoso...

E seus destinos se chocaram quando a doce Delia Mason se viu inesperadamente envolvida em uma série de problemas durante suas férias em um paraíso tropical. Ele a ajudou, e também se apossou de seus lábios trêmulos com um beijo ousado que a deixou tonta de prazer...

Marcus, no entanto, estava sempre rodeado de perigos, e precisaria enfrentar um grande desafio antes de dar um novo rumo à sua vida: salvar Delia e torná-la sua para sempre!

**(Título em Espanhol: Cerca Del paraíso)**



## CAPÍTULO 1

Era uma noite febril no cassino *Bow Tie* na Ilha Paraíso. Marcus Carrera estava na varanda fumando um charuto. Ele tinha muitas coisas em sua cabeça. Alguns anos atrás, ele tinha sido um empresário de reputação duvidosa com alguns contatos perigosos e uma reputação que punha para correr mesmo os homens mais valentes. Ele ainda era durão, claro. Mas sua reputação como gangster era algo que ele esperava ter deixado para trás.

Ele possuía hotéis e cassinos nos Estados Unidos e Bahamas, embora ele fosse um sócio silencioso na maioria deles. O cassino *Bow Tie* era uma combinação dos dois, e o favorito entre todas as suas propriedades. Ali, ele lidava com uma clientela exclusiva, que incluía astros de cinema, do rock, milionários e ainda um ou outro patife. Ele era várias vezes milionário. Mas mesmo suas operações terem se tornado legítimas, ele ainda tinha de segurar sua antiga reputação por mais algum tempo. O pior de tudo era não poder contar a ninguém.

Bem, isso não era totalmente verdade. Smith sabia. O guarda costas era realmente um camarada durão, um ex-militar, que criava um iguana de 2 metros chamada mindinho como animal de estimação. Os dois se tornaram ponto de referência na ilha Paraíso. Marcus achava de vez em quando que seus hóspedes vinham mais para ver o Sr. Smith do que jogar ou tomar sol nas areias brancas na praia atrás do hotel.

Ele espreguiçou-se longamente. Estava cansado. Sua vida, nunca havia sido calma nem nos melhores tempos, era mais estressante atualmente do que sempre foi. Ele se sentia quebrado. Mas quando ele se lembrava à razão de seu stress, ele não podia se arrepender de sua decisão. Seu único irmão estava enterrado sozinho, em uma sepultura ornada em Chicago, vítima de um impiedoso traficante que estava usando uma corporação dirigida por um testa-de-ferro nas Bahamas para lavagem de dinheiro. Carlo tinha vinte oito anos, uma esposa e dois filhos. Marcus os estava sustentando, mas nada traria de volta o marido e o pai, ele pensou furiosamente. Pior de tudo, o banqueiro lavador de dinheiro que havia entregado Carlo ainda estava livre e tentava ajudar um gangster de Miami a comprar cassinos na Ilha Paraíso. Eles não trabalhariam limpo, como Marcus.

Ele pegou um charuto cubano, um dos melhores disponíveis. Smith tinha amigos na CIA que viajavam a Cuba em serviço. Eles podiam comprar charutos legalmente e dá-los como presentes para quem quisessem. Smith passou para Marcus. Smith não fumava ou bebia, e raramente jurava. Marcus sacudiu sua cabeça, rindo consigo mesmo. O homem era um enigma, assim como ele, tinha de admitir.

Ele levantou sua cabeça leonina para a brisa que soprava eternamente do oceano. Ela mexeu seus cabelos grossos, pesados e negros. Já existiam alguns fios grisalhos agora. Ele estava no final dos trinta, e aparentava isso. Mas era um homem elegante, apesar de sua alta estatura e largura. Media um pouco mais de 1,95 metro, era gracioso como uma pantera, e rápido quando precisava ser. Ele tinha mãos grandes, sem jóias a não ser por um Rolex no seu pulso esquerdo e um anel de rubi no seu dedo mindinho da mão esquerda. Sua pele era morena. Ele estava estonteante com seu *dinner jacket* preto e gravata borboleta. O vinco de sua calça estava perfeito. Seus sapatos feitos à mão estavam brilhando refletindo as palmeiras na sacada onde estava, com o suave iluminar da lua. Suas unhas estavam feitas e imaculadamente limpas. Ele estava bem barbeado, com nenhum fio de cabelo fora de lugar. Ele era obsessivo sobre se vestir.

Talvez, ele pensou, devido a sua extrema pobreza quando criança. Mais velho de dois filhos de imigrantes, ele e Carlo tiveram de trabalhar desde cedo ajudando em uma pequena oficina mecânica, que pertencia a seu pai e mais dois sócios. O trabalho ético foi ensinado a eles, este seria o único meio de sair da pobreza.

Seu pai entrou em atrito com um criminoso da vizinhança. Ele apanhou até quase a morte depois que ele se negou a usar sua loja como um desmanche, para processar carros roubados.

Marcus tinha doze anos nessa época, e era muito novo para um emprego legítimo. Sua mãe teve de trabalhar como faxineira na vizinhança. Carlo estava no primário, 4 anos atrás de Marcus. Com seu pai sem poder trabalhar, somente sua mãe trazia comida para a mesa. Porém logo eles já não conseguiam mais pagar

o aluguel. Eles acabaram nas ruas. Os sócios de seu pai disseram não ter nenhuma obrigação com ele uma vez que o contrato era só verbal. Eles não tinham dinheiro para um advogado.

Tiveram uma existência árida. Forçados a pedir ao serviço social, Marcus viu sua mãe humilhada e arruinada, enquanto seu pai vegetava em uma cama com uma concussão irreversível, impedido de falar e reconhecer sua família. Um aneurisma cerebral o matou alguns meses depois da surra, deixando Marcus, Carlo e sua mãe sozinhos.

Quando sua saúde começou a fraquejar, Marcus teve de encarar a possibilidade dele e seu irmão irem parar em um orfanato, sobre guarda do estado. Ele não podia suportar a possibilidade de serem separados. Eles não tinham família que pudesse ajudá-los nos Estados Unidos, nem amigos com meios para isso.

Com uma determinação ferrenha, Marcus pegou o nome com um de seus amigos e foi procurar o criminoso local. Ele conseguiu que este lhe desse uma chance, Marcus se tornou um entregador da máfia, fazendo um bom dinheiro do dia para a noite. Ele conseguiu dinheiro suficiente para alugar um bom apartamento para ele, sua mãe e seu irmão, e também um bom seguro saúde.

Sua mãe soube o que ele estava fazendo e tentou desencorajá-lo, mas ele maduro demais para a sua idade, a convenceu de que o que ele estava fazendo não era realmente ilegal. Além disso, ele falou para ela, ela queria que a família fosse separada, e as crianças ficassem sobre a guarda do estado?

A perspectiva a assustou. Mas ela passou a rezar todo dia de manhã por seu filho.

Quando Marcus estava com seus vinte anos, ele estava firmemente no lado errado da lei, e ficando cada dia mais rico. Nesse meio tempo, ele pegou o traficante que matou seu pai, e acertou as contas. Mais tarde ele comprou a oficina mecânica dos antigos sócios de seu pai e os jogou na rua. A vingança, ele achava, era doce.

Sua mãe nunca aprovou o que ele fazia. Ela morreu antes de ele fazer seu primeiro milhão, ainda rezando por ele todos os dias. Ele tinha um pouco de arrependimento por tê-la desapontado, mas o tempo curava tudo. Ele colocou Carlo em uma escola privada e se certificou de que ele teria educação que lhe faltou. Ele nunca olhou para trás.

As mulheres sempre entravam e saíam de sua vida. Seu estilo de vida não permitia uma família. Ele ficou feliz quando Carlo após se graduar na faculdade casou-se com sua namorada de infância, Cecelia. Ele ficou deliciado por ter um sobrinho e uma sobrinha para mimar.

Ele havia se apaixonado uma vez, por uma linda socialite de uma poderosa família do leste com dinheiro para queimar. Ela gostava de sua reputação, a aura de perigo, que o rodeava. Ele gostava de mostrá-lo para seus amigos entediados.

Mas não gostava de Carlo nem de seus amigos, pessoas de sua antiga vizinhança, tão sem cultura quanto ele. Ele não gostava de ópera, não gostava de discutir literatura, e não gostava de fofocas. Quando ele mencionou sobre ter uma família, Erin somente riu. Ela não queria crianças por um bom tempo, ela queria ir a festas e viajar pelo mundo. Mas quando as quisesse, não seria com um homem que pretendia ser educado, ele disse rindo sonoramente. E foi aí que ele entendeu que ela só estava com ele pela novidade. Isso acabou com ele.

Nessa época, Marcus já havia visto boa parte do mundo, e não estava encantado com isso. O final veio inesperadamente quando ele deu a Erin uma festa de aniversário em um dos maiores hotéis de Miami. Erin havia desaparecido e ele foi procurá-la. Ele a encontrou desalinhada e bêbada, saindo de um quarto do hotel com não apenas um, mas dois astros de rock que ele havia convidado. Isso foi o final de um sonho. Erin apenas riu e disse que gostava de variedade. Marcus disse que ela estava livre para isso. Ele saiu e nunca olhou para trás.

Atualmente, ele havia perdido e muito seu interesse nas mulheres. Seus interesses se desviaram para o trabalho com tecidos e agulhas. Ninguém ria dele desde que ele começou a ganhar competições internacionais. Ele encontrava muitas mulheres boas com suas mãos, e ele apreciava sua companhia. Mas a maioria era casada e idosa. As solteiras olhavam para ele estranhamente quando ouviam seu nome e as fofocas. Ninguém queria se misturar com um mau elemento. Foi isso que o fez tomar sua recente decisão. Foi uma reviravolta em sua vida. Mas ele não podia falar sobre isso.

Ele estava cansado de ser um mau elemento e estava mais do que pronto para mudar sua imagem. Ele suspirou. Bem, isso não seria possível por isso por alguns meses. Ele tinha que participar do jogo até o final. Seu problema mais imediato era achar um meio para conversar com um contato necessário que se encontrava em um hotel em Nassau. Ele não podia ser visto com o homem, apesar da segurança vigilante de Smith, era arriscado usar até mesmo um telefone celular. Era um grande problema e ainda havia outro. O homem que ele deveria supostamente ajudar em algumas atividades ilegais deveria aparecer naquela noite. Mas até aquele momento ele não havia chegado..

Ele deixou o charuto de lado relutantemente, não era permitido fumar no hotel nem no cassino. Ele não podia reclamar. Ele mesmo havia feito as regras, depois que seu sobrinho e sobrinha vieram passar uma semana com ele junto com sua mãe, Cecelia. A fumaça dos cigarros na sala de jantar causaram em seu sobrinho Julio uma seqüência de tosse e espasmos. Julio havia sido levado ao médico e diagnosticado com asma. Desde que ele protegia Julio, e a pequena Cosima, ele havia banido o fumo do resort. Não havia sido uma decisão muito popular. Mas quem se importava com popularidade? Ele fumava raramente, ele se consolou. Ele já nem gostava mais. Era apenas um hábito.

He regressou para seu luxuoso escritório. Smith estava supervisionando, uma rede de circuito interno.

– Patrão é melhor você olhar aqui – ele disse, endireitando-se. Ele era enorme, estava na meia idade, mas impunha uma figura perigosa, com uma cabeça raspada, olhos verdes que podia piscar com divertimento de uma hora para outra.

Marcus juntou-se a ele, olhando para o monitor, ele não precisava perguntar qual ele devia olhar. Uma loira miúda estava sendo maltratada por um homem com o dobro de seu tamanho. Ela tentava lutar, mas sem nenhum efeito. Seu sangue ferveu.

– Quer que eu resolva isso? – Smith perguntou.

Marcus ergueu seus ombros. – Eu preciso de exercício mais do que você. – lê se moveu com graça para o elevador privado e apertou o botão.

Delia Mason estava lutando com toda a sua força, mas ela não conseguia fazer com que seu acompanhante bêbado a soltasse. Era terrível ter de admitir isso, porque ela havia estudado caratê por um ano. Mas mesmo isso não a ajudava muito. Ela não conseguia se afastar. Seus olhos verdes estavam em chamas, e ela tentava mordê-lo, mas aquele homem estúpido, parecia não sentir seus dentes marcando sua mão. Ela não queria ter vindo em primeiro lugar. Ela estava nas Bahamas com sua irmã e cunhado, tentando esquecer a morte de sua mãe. Era suposto que ela devia estar gostando da viagem, mas até aquele momento havia sido um desastre. Especialmente, agora.

- Eu gosto muito... de garotas espirituosas – ele ofegava, apalpando seu corpo sobre o curto vestido preto.

- Eu odeio homens... que não aceitam não como resposta! – ela enfureceu-se, tentando trazer seu joelho para cima.

O homem ria e a forçava contra a parede do prédio.

Ela começou a gritar, justamente quando sentiu uma boca horrível e molhada sobre a sua. Ele fazia movimentos obscenos e gemia. Ela nunca se sentiu tão fraca e apavorada em sua vida. Ela não queria nem ter saído com aquele banqueiro repulsivo, mas seu rico cunhado insistiu de que ela precisava de companhia na cidade. Sua irmã Barb não havia gostado dele também, mas Barney foi tão insistente dizendo que Fred Warner era um verdadeiro cavalheiro. Fred era um banqueiro. Ele tinha negócios no cassino de qualquer forma, Barney contou para Delia, então por que não combinar negócios e prazer levando consigo Delia? Fred aceitou relutantemente. Ele estava nervoso e começou a beber um drink após o outro no bar do hotel enquanto esperava por Delia, tentando tomar coragem. Ele murmurou alguma coisa sobre ir para a cama com uma cascavel para manter seus negócios em dia. Isso não havia feito nenhum sentido para Delia, que quase cancelou o encontro de ultimo minuto. Mas Barney havia sido tão insistente...

Delia mordeu o lábio inferior dele com força e apreciou seu grito de dor por uns segundos. Mas a dor o tornou mais raivoso fazendo com que ele rasgasse o decote de seu vestido inesperadamente e a estapeou.

O choque do ataque a congelou, mas somente quando ela começou a realizar o que iria lhe acontecer, uma sombra se moveu atacando Fred e o derrubando com um soco.

Um homem enorme, imaculadamente vestido e ameaçador, moveu-se para frente com a graça de uma pantera.

– Seu filho da... – o bêbado gritou, tentando levantar-se. – Eu vou matar você!

– Tente – uma voz profunda e divertida convidou.

Delia moveu-se para frente antes de seu frio salvador, e bateu em Fred com sua bolsa, e dando um murro consistente em seu maxilar.

– Hei! – Fred protestou, segurando seu queixo.

– Eu gostaria de ter um taco de baseball, seu primo de segundo grau de uma jaritataca. – Delia disparou furiosa e com as faces vermelhas.

– Eu empresto um a você. – Marcus prometeu, admirando sua ferocidade.

Fred encarou o homem, e seus olhos se piscaram. – Quem, diabo, você pensa que é...? Fred exigiu embriagado, movendo-se para frente.

Marcus deu um grande soco em seu estômago, fazendo com que ele caísse de joelhos.

– Que coisa mais gentil de se fazer. – Delia exclamou com seu acentuado sotaque texano. Ela sorriu para o estranho. – Obrigada!

Marcus percebeu o estrago no seu vestido. Sua face endureceu. – O que você está fazendo com esse arremedo de Casanova?

– Meu cunhado o apresentou para mim como companhia – ela disse desgostosamente. – Quando eu contar a Barb o que ele tentou fazer comigo, ela vai jogar seu marido pela janela por sugerir este encontro.

– Barb?

– Minha irmã mais velha, Barbara Cortero. Ela é casada com Barney Cortero. Ele possui hotéis – ela confidenciou.

As sobranceiras de Marcus levantaram-se de repente, e ele sorriu. – sua sorte havia acabado de mudar.

Ela olhou aquele homem enorme com fascinação. – Eu realmente apreciei o que você fez por mim. Eu conheço um pouco de auto defesa, mas eu não consegui interrompê-lo. Eu mordi seu lábio inferior, mas isso não o fez ir mais devagar, só fez com que ele ficasse mais bravo, e me batesse. – Ela colocou a mão na face dolorida.

– Ele bateu em você? – Marcus perguntou com raiva. – Eu não vi isso!

– Ele é realmente encantador – ela murmurou, olhando de soslaio para o bêbado, que ainda segurava seu estômago e gemia.

Marcus pegou seu celular e apertou um único número. – Smith? – ele disse. – Desça até aqui e leve este homem até seu hotel. Em apenas um pedaço. – ele adicionou. – Nós não precisamos de mais problemas.

Marcus teve uma resposta desligou e fechou o celular. Ele olhou para Delia com curiosidade. – Você precisará de pontos nesse vestido – ele afirmou. Ele tirou seu *dinner jacket* e colocou sobre os ombros de delia. Ele estava quente do calor daquele corpo grande e cheirava a uma cara colônia e charutos.

Ela o olhou com fascinação. Ele era um homem muito bonito, mesmo com aquelas duas cicatrizes esbranquiçadas, cortando suas faces morenas como mapas de estradas. Ele tinha a constituição de um lutador romano e parecia perigoso. Muito perigoso.

– Pontos – ela murmurou, fascinada.

Ele a estava olhando, também, com uma curiosidade divertida. Ela era pequena, mas tinha o coração de uma leoa. Ele estava impressionado.

O elevador se abriu e Smith saiu e foi ao encontro deles, músculos poderosos por baixo do terno preto.

– Aonde eu o entregarei? – ele perguntou com sua voz grave.

Marcus olhou para Delia e ergueu uma sobrancelha.

– Nós estamos no *Colonial Bay Hotel* em Nassau, ela gaguejou.

Marcus assentiu para Smith, que com apenas uma mão o colocou de pé.

– Me deixe ir, ou eu o processarei! – Fred ameaçou.

– Tentativa de estupro é um crime – Marcus disse friamente.

– Você não pode provar isso – Fred replicou arrogantemente.

– Eu tenho câmeras em todos os lugares. Você está na fita. Toda a situação – Marcus adicionou.

Fred piscou. Ele fez uma carranca e perscrutou o homem mais velho. O efeito do álcool começava a passar, o reconhecimento estampou-se em sua face. – Carrera! – ele disse chocado.

Marcus sorriu. Não era um sorriso bonito. – Então você se lembra de mim. Quem imaginaria. Mundo pequeno, não é?

Fred engoliu com dificuldade. – Sim, pequeno. – ele endireitou-se – Eu vim aqui falar com você – ele começou, dizendo oscilante.

– Sim? Bem, volte quando estiver sóbrio – Marcus disse com firmeza, dando um olhar a Fred que ele esperava que fosse entendido.

Fred pareceu se recobrar de uma vez – Oh, sim claro. Eu farei isso. Escute, essa coisa com a garota, é tudo um... engano – ele adicionou rapidamente. – Eu bebi muito. E ela estava pedindo por isso...

– Seu mentiroso! – ela exclamou.

– Nós temos tudo gravado – Marcus disse novamente.

Fred desistiu e deu a Marcus um olhar inquieto. – Não use isso contra mim, ok? Quero dizer, somos como uma família, certo?

Marcus teve de morder a língua para não estragar tudo. – Mais uma dessas e você vai precisar de uma família, para o enterro. Entendeu?

Fred perdeu a cor. – Sim. Claro. Certo. – ele se afastou de Smith e se endireitou. – Eu só estava querendo me divertir um pouco. Eu estava bêbado senão eu nunca a teria tocado! Desculpa-me. Eu realmente sinto muito.

– Leve ele embora daqui – Marcus disse para Smith, e virou-se novamente enquanto Fred ainda pedia desculpas dando-lhe um longo olhar.

– Eu... ligarei para você. Fred disse.

Marcus assentiu sem que Delia visse.

Ele pegou o braço de Delia. – Vamos, nós pegaremos uma agulha e linha e arrumaremos este vestido. Você não pode voltar para casa neste estado.

Ela ainda estava tentando entender o que estava acontecendo. Fred parecia conhecer aquele homem, parecia ter medo dele. E mensagens estranhas eram passadas entre eles sem palavras. Quem era aquele homem grande e moreno.

– Eu não sei – ela disse hesitante.

Ele ergueu uma sobrancelha. – Reparos primeiro, apresentações depois. Você está perfeitamente salva.

– Foi o que minha irmã disse quando eu estava com Fred. – ela apontou, fechando mais o paletó – Salva.

– Sim, mas eu não preciso atacar mulheres nos cantos escuros – ele constatou. – É uma sorte me ter ao seu lado.

Ele estava sorrindo. Ela gostou de seu sorriso. Ela estremeceu e seus lábios perfeitos se ergueram num sorriso. – Ok. – ela sorriu para ela mesma. – Obrigada.

– Estou aqui para ajudá-la – ele disse vagarosamente, deixando-a entrar no elevador antes dele. – Você estaria bem se tivesse uma espingarda.

– Eu não tenho tanta certeza – ela disse. – Ele era extremamente forte.

– Homens drogados ou bêbados geralmente o são.

– Verdade? – ela disse num sussurro.

Ele explicou a ela fatos mundanos enquanto subiam de elevador até seu escritório. – Primeira experiência com um bêbado? – ele perguntou abruptamente.

– Bem, não exatamente – ela confessou encarando-o longamente. – Eu nunca tive uma experiência como essa, pelo menos. Eu pareço atrair bêbados como mel atrai abelhas. Eu fui a uma festa com Barb e Barney no mês passado. Um bêbado insistiu em dançar comigo, depois ele desmaiou no chão na frente de Deus e todo mundo. Na festa de aniversário da Barb, um homem que havia bebido andou atrás de mim a noite inteira tentando comprar para mim um pacote de cigarros. – ela olhou para ele com um sorriso triste. – Eu não fumo.

Ele riu profundamente. – É seu rosto. Você um olhar de simpatia. Homens não resistem à simpatia.

Ela piscou seus olhos verdes. – Isso é um fato? Você não parece um homem que precisa dela.

Ele riu. – Não mesmo, pelo menos normalmente. Chegamos.

Ele deu um passo para o lado para que ela saísse do elevador.

Ela parou a porta do escritório e olhou em volta. O carpete era da cor champagne. Os moveis de mogno. As cortinas combinam com o carpete e a mobília. Havia uma série de telas mostrando o movimento no cassino. Havia também um bar curvo com taças e copos a sua volta, computadores, telefones e faxes. Parecia a casa de um espião a Delia, que nunca perdia um filme de James Bond.

– Uau! – ela disse suavemente. – Você é um espião?

Ele ria e balançava a cabeça – Eu nunca faria o tipo, não gosto de martínis.

– Nem eu – ela murmurou, sorrindo para ele.

Ele a levou a um grande banheiro. – Há um roupão pendurado na porta, tire o vestido e ponha-o. Eu pegarei a agulha e a linha.

Ela hesitou, seus olhos incertos.

Ele apontou para um canto da sala. – Há câmeras em todo o lugar eu não poderia fazer nada. O chefe tem olhos na nuca.

– O chefe? Ela perguntou. – O dono do cassino, você quer dizer, certo?

Ele assentiu tentando não sorrir.

– Você é um... – ela quase disse um leão de chácara, mas esse homem era elegante demais para ser um.

– Você é um segurança? – ela emendou.

– Alguma coisa assim – ele concordou. – Vamos. Você já teve problemas demais por uma noite. Eu seria a última pessoa a querer te machucar.

Isso a fez se sentir culpada. Geralmente ela era uma pessoa que confiava muitos nos outros, muito crente. Mas aquela havia sido uma noite bastante difícil. – Obrigada.

Ela fechou a porta e tirou o vestido, ficando só com a meia calça preta e sapatos de salto. Ela vestiu o roupão rapidamente imaginando sua total confiança em completo estranho. Se ele era um segurança, ele deveria ser o chefe, uma vez que ele disse ao outro segurança, Smith, o que fazer. Ela se sentia estranhamente segura com ele independente de seu tamanho. Para trabalhar em um cassino, um homem devia ser forte, ela lembrou.

Ela saiu do banheiro envolta no roupão que devia ser cinco vezes maior do que ela, fazendo com que este se arrastasse como se fosse a cauda de um vestido de noiva.

Seu salvador estava sentado à mesa, usando um par de óculos dourados. A sua frente havia uma caixa de costura, e uma tesoura de cabo preto. Ele já estava segurando uma agulha.

Ela estava imaginando se ele havia sido um militar. Ela conhecia em sua cidade natal alguns, e a maioria cozinhavam e remendavam muito bem. Ela avançou e sorriu, procurando pela agulha ao mesmo tempo em que ele pegava o vestido.

– Você costura? – ela perguntou.

Ele concordou com a cabeça. Meu irmão e eu aprendemos. Nós perdemos nossos pais muito cedo.

– Sinto muito. – ela realmente sentia. Seu pai havia morrido antes dela nascer. E sua mãe havia acabado de morrer de câncer no estômago. Ela sabia como ele se sentia.

– Sim.

– Eu posso fazer isso – ela disse – eu não me importo.

– Permita-me. Isso me relaxa.

Ela desistiu com graça e sentou-se em uma cadeira enquanto ele inclinava sua cabeça para a tarefa. Seus dedos, apesar de serem grandes, trabalhavam com segurança. E seus pontos eram curtos, e quase invisíveis. Ela estava impressionada.

Ela olhou ao redor do escritório com curiosidade, e num impulso ela ficou de pé enquanto olhava para uma tapeçaria na parede.

Ela se aproximou curiosa. Não era uma tapeçaria afinal. O trabalho lhe era familiar. O tecido era atual, ela tinha um pouco com ela em sua casa. Seus olhos admiravam o belíssimo acolchoado na parede, preso a



uma vareta. Era uma sinfonia de blocos brancos e pretos. Era incrível achar um trabalho assim no escritório de segurança de um cassino!

– *Bow tie*, – ela murmurou mansamente.

Ele levantou a cabeça abruptamente. – O que? – ele perguntou.

Ela o olhou sorrindo timidamente. – No acolchoado, o padrão é o *bow tie*, ela respondeu. É único. Eu posso jurar que já vi este trabalho em algum lugar antes, – ela acrescentou pensativamente. – Eu adorei as variações, e o contraste dos blocos brancos e pretos. Os pontos são únicos. Há os pontos haste, os pontos de corrente...

– Você faz acolchoados. – ele atestava não perguntava.

– Bem, sim. Eu dou aulas, em minha cidade natal Jacobsville, Texas, no centro comunitário da cidade durante o verão.

Ele não se moveu. – Qual padrão você gosta mais?

– *Desdren Plate* – ela disse, curiosa no seu interesse em um trabalho tipicamente feminino.

Ele soltou seu vestido, e abriu uma gaveta na grande escrivaninha, pegou um álbum de fotos e entregou a ela, indicando que abrisse.

As fotografias não eram de pessoas. Elas eram de colchas, colchas premiadas, feitas no padrão *four-patch* ao famoso *Desdren Plate*, com variações que eram pura genialidade.

Ela mergulhou de novo na cadeira com o livro em seu colo. – São gloriosas. – ela exclamou.

Ele riu – Obrigado.

Seus olhos quase saíram de órbita, ela o olhou embasbacada. – Você fez sozinho? Você faz acolchoados?

– Eu não faço simplesmente acolchoados. Eu ganho competições, nacionais e internacionais. – Ele indicou a colcha de retalhos na parede. – Aquela ganhou o primeiro prêmio no ano passado numa competição nacional nesse país. – Ele deu o nome de um famoso programa sobre acolchoados em um dos canais de casa e jardim. – Eu fui convidado em fevereiro, e aquele acolchoado, foi apresentado.

Ela riu e tomou e respirou pesadamente. – Isso é incrível. Eu não pude ir a competição, mas eu vi os ganhadores na Internet. É de lá que eu me recordo! Não é à toa você parece tão familiar para mim, também. Eu vejo aquele programa sempre. Eu o vi no programa!

Ele ergueu uma sobrancelha. – Mundo pequeno. – ele comentou.

– Não é mesmo? Perdoe-me, eu não lembrar seu nome. Mas eu lembro do seu rosto. Eu o vi colocar junto um bloco da colcha de retalhos no programa. Fiquei impressionada. Não são muitos homens que participam mesmo hoje em dia.

Ele riu. – Nós estamos ganhando de vocês mulheres. – ele disse piscando seus olhos negros. – Há um *Texas Ranger* e um oficial de polícia que participam comigo nas competições. Nós viajamos juntos algumas vezes para esses eventos.

– Você é bom – ela disse, seus olhos voltando para o livro de fotos.

– Eu gostaria de ver alguns de seus trabalhos – ele retornou.

Ela riu. – Eu não estou na sua categoria – ela disse. – Eu ensino, mas nunca ganhei prêmios.

– O que você faz quando não está ensinando?

– Eu tenho uma loja de costuras e trabalho numa lavanderia, – ela disse. – eu faço algumas roupas originais para uma pequena boutique também. Eu não ganho muito dinheiro com isso, mas eu amo meu trabalho.

– Isso é mais importante do que a quantidade de dinheiro que você ganha. – ele disse.

– Foi o que sempre achei. Uma de minhas amigas casou e teve um filho, aí descobriu que ela podia ganhar bastante dinheiro com um diploma de direito em uma cidade grande. Ela pegou seu filho e se mudou para a cidade de Nova York, aonde ela se tornou rica. Mas ela se sente miserável longe de seu marido, um rancheiro em minha cidade natal, e ela não tem tempo nenhum para seu filho. Então eles entraram com o divórcio. – ela balançou a cabeça – Às vezes nós temos sorte, e não obtemos aquilo que achamos que nos fará feliz. De qualquer maneira, eu aprendi observando-a que eu não quero este tipo de pressão, não importa quanto dinheiro eu ganhe.

- Você é madura para a sua idade. Você não pode ter mais do que vinte anos...? – ele propôs.
- Posso? – suas sobrancelhas se ergueram e ela sorriu.

## CAPÍTULO 2

– Eu suponho – ele murmurou, pegando novamente o vestido e terminando o conserto. – Quantos anos você tem?

– Cavalheiros nunca devem fazer as damas perguntas como esta – ela apontou.

Ele riu, um riso profundo, seus olhos no trabalho sendo executado. – Eu nunca fui chamado de cavalheiro na minha vida. Então você deve me contar, sou bastante persistente.

Ela piscou. – Tenho vinte e três anos.

Ele lhe deu um sorriso indulgente. – Você é ainda uma criança.

– Realmente? – ela perguntou ligeiramente irritada.

– Eu farei trinta e oito no meu próximo aniversário – ele disse. – E sou mais velho que você de varias maneiras.

Ela sentiu um pouco de arrependimento. Ele era muito bonito e atraente. Todo seu corpo jovem tremia perto dele. Era uma reação inesperada. Delia nunca sentiu nada do que suas amigas falavam. Ela era muito inocente.

– Nenhum comentário? – ele perguntou, erguendo seus olhos.

– Você nunca me disse seu nome – ela mudou de assunto.

– Carrera – ele disse, olhando para seu rosto. – Marcus Carrera. – ele notou sua falta de reconhecimento.

– Você nunca ouviu falar de mim, ouviu?

– Você é famoso? – ela se aventurou.

– Não realmente – ele respondeu. Ele terminou de costurar, puxou a linha e cortou-a com seus dentes fortes e brancos e entregou o vestido para Delia.

Ela pegou o vestido, e sentiu um arrepio gelado. No minuto que ela coloca-se o vestido de volta, o têtê-à-têtê estaria terminado. Ela nunca mais o veria de novo.

– Há alguma coisa sobre navios que passam a noite... – ela murmurou ausente.

Ele esticou o queixo enquanto a olhava, e seus óculos de leitura caíram sobre a mesa. Ele vislumbrou com seus olhos negros, inocência e atração misturadas ao medo e nervoso.

Seus olhos escureceram. Ele raramente ficava atraído tão rapidamente por uma mulher, especialmente uma como ela, que era claramente de outro mundo. Suas conexões iam ser muito valiosas para ele, mas ele não queria sentir nenhuma centelha de atração. Ele não podia se dar ao luxo naquele momento.

– Qual o seu nome? – ele disse suavemente.

– Delia Mason – ela respondeu.

– Você é do sul – ele adivinhou.

Ela sorriu. – Eu sou do Texas, de uma pequena cidade chamada Jacobsville, entre San Antonio e Victoria.

– Você vive lá desde de que nasceu? – ele perguntou.

Ela deu para ele um sorriso maldoso. – Não ainda.

Ele riu.

– De onde você é originalmente? – ela perguntou, segurando o vestido em frente ao roupão. – Não das Bahamas.

Ele negou com a cabeça. – Chicago. – ele respondeu.

Ela suspirou – Eu nunca estive lá. Na verdade, esta é a primeira vez que saio do Texas.

Ele achou isso fascinante. – Eu já fui a todos os lugares.

Ela sorriu. – É um mundo grande.

– Muito. – ele estudou o rosto oval com grandes olhos verdes de pele macia e sedosa. Sua boca era carnuda e doce. Seus olhos escureceram quando ele sentiu uma inesperada vontade de beijá-la.

Ela se mexeu desconfortável. – Acho melhor me vestir. – ela hesitou. – Os táxis circulam tão tarde? – ela perguntou.

– Eles circulam a noite inteira, mas você não precisará de um – ele disse enquanto fechava a caixa de costura e a colocava no lugar. Ele pensou em levá-la pessoalmente. Mas não era sábio começar coisas que não se podiam terminar. Aquela pequena violeta não se encaixava na sua vida tumultuada. Ela não se encaixaria, mesmo se fosse mais velha e sofisticada. O pensamento o perturbou e sua voz saiu mais áspera do que intencionava, quando ele adicionou – Eu pedirei para Smith levá-la de volta ao seu hotel.

A possibilidade de fazer aquela viagem com o misterioso e perigoso Sr. Smith a deixou desconfortável, mas ela não ia discutir. Ela estava grata pela carona. Era uma longa caminhada sobre a ponte até Nassau.

– Obrigada. – ela resmungou com um disfarçado desapontamento, e foi ao banheiro colocar o vestido.

Ela pendurou o roupão e checkou seu rosto no espelho. Ela reteve o fôlego ao perceber a terrível contusão na sua face. Ela aplicou o corretivo, mas não conseguiu disfarçar o fato de ter levado um tapa.

Ela fez o melhor que podia e voltou ao escritório. Ele estava na varanda com as mãos nos bolsos, olhando o mar. Ele era um homem sofisticado com uma figura poderosa e ela não estava surpresa por ele trabalhar em segurança. Ele era grande o suficiente para intimidar os causadores de problemas, só com aqueles olhos negros que podiam dizer mais do que palavras.

O vento balançava seus cabelos ondulados e soprava a sua volta. Ele parecia sozinho. Ela sentia por ele, porém deveria ser desnecessário e não muito bem vinda este tipo de confissão da parte dela. Ele não era um homem para se sentir pena, ela podia ver isso.

Ela pensou sobre não vê-lo mais, e sentiu um vazio dentro dela. Ela havia acabado de perder a mãe. Mas havia algo nisso que a fazia querer novas experiências, novos sentimentos. Ele pensou sobriamente. Ela devia estar fora de si. Um homem que ela havia acabado de conhecer não deveria causar tal efeito nela.

Mas até agora seu passado recente havia sido bastante traumático. A perda de sua mãe havia sido dolorosa. E foi pior porque sua mãe nunca a amou. Pelo menos, não como Barb, querida Barb, linda e talentosa, e que havia feito um ótimo casamento. Delia era somente uma costureira, não muito atraente para os homens e sem aquela presença de espírito que havia na sua irmã mais velha. Foi muito difícil viver a sombra de Barb. Delia se sentia como uma cópia mal feita. Sua mãe vivia cheia de sugestões para melhorar sua maçante filha mais nova. Nenhuma delas foi aceita. Delia estava satisfeita com ela mesma, solitária e tudo o mais. Se pelo menos sua mãe a houvesse amado, elogiado ela mesmo que só uma vez. Mas havia apenas críticas. Uma vida inteira disso. Ela imaginava o que havia feito para desapontar tanto sua mãe. Ela sentia que sua mãe a punia por algo. Ninguém sabia, nem mesmo Barb, como havia sido difícil sua vida com a mãe. Ela fazia o que era esperado dela, sempre.

Mas quando ela olhava para esse homem, esse estranho, ela queria fazer coisas loucas. Queria quebrar todas as regras, ultrapassar todos os limites. Ela não entendia como ele a fazia sentir-se tão despreocupada, quando ela era uma pessoa tão convencional. Aparentemente existia uma verdade naquele velho ditado, “que diferentes pessoas trazem diferentes qualidades na gente, quando as deixamos entrar em nossa vida”. Ele devia ser uma má influência, porque ela nunca quis quebrar regras antes.

Como se tivesse sentido sua presença, porque ele não podia escutar seus passos silenciosos acima do vento, enquanto o apreciava na varanda, ele virou-se e a olhou diretamente.

Ela não disse uma palavra. Apenas se aproximou e olhou para o oceano, apreciando o som do vento, e mais longe, o barulho das ondas.

– Você é bem quieta – ele notou.

Ela riu nervosamente. – Essa sou eu. Eu passei minha vida em segundo plano.

Ele lhe deu um olhar avaliador. – Talvez seja hora de mudar.

Seu coração parou uma batida enquanto ela o olhava na luz difusa do escritório. Seus olhos negros encontraram os dela e o seguraram enquanto o vento soprava a sua volta em um estranho e quente abraço.

Ele a fez pensar em ruínas, lugares misteriosos, na sombra e na escuridão, em tempestades e tormentas.

– Você está me encarando – ele disse roucamente.

– Eu nunca havia conhecido alguém como você – ela disse oscilante. – Eu sou somente uma garota de cidade pequena. Eu nunca estive em lugar nenhum, nunca fiz nada realmente memorável ou excitante. Eu nunca estive em um cassino antes na minha vida. Mas... mas... – ela não conseguia achar as palavras certas para expressar o que estava sentindo.

Ele ergueu o queixo e deu um passo para mais perto. Assim ela podia sentir toda a força e o calor do corpo dele. – Mas você sente como se tivesse me conhecido por toda a sua vida – ele disse roucamente.

As sobrançelas dela tremeram. – Bem... sim...

Ele acariciou levemente sua face, com a ponta dos dedos. Ela tremeu e sussurrou com a sensação de corrente elétrica que circulavam pelo seu corpo.

– Oh, céus – ele gemeu.

– Qual o problema? – ela perguntou confusa.

– Eu já devia ser velho o suficiente para saber – ele disse, obviamente pensando em voz alta. Ele parecia perturbado, até mesmo um pouco irritado, mas assim ela não estava realmente preparada quando ele a alcançou inesperadamente.

Seus braços fortes ergueram-na de encontro a ele até que sua cabeça ficasse alinhada. Seus olhos negros observavam seus lábios doces separados. – Que inferno! É meia noite e você deveria estar dormindo.

Enquanto ela tentava entender o que ele dizia, ele aproximou seus lábios e a beijou possessivamente.

Instintivamente ela tentou resistir, mas acabou correspondendo, sentindo uma série de novas sensações. Mas não medo. Ela sentiu os poderosos músculos do peito dele, os estômago chato, e sentiu o tempero daquela pele. Ela sentiu a respiração dele contra sua face enquanto o beijo se tornava mais profundo e faminto.

No torpor do desejo, ela sentiu os braços dele apertarem-na contra ele, enquanto seu rosto deslizava pelo seu pescoço ternamente e a mantinha de pé só abraçando-a, seus braços a protegiam contra o vento frio que vinha do oceano. Ela deveria ter protestado. Ela não deveria estar desse jeito com um total estranho, ela não deveria nem estar com um homem que ela não conhecia.

Mas todos os argumentos deram em nada. Ela se sentia como se tivesse saído de uma longa jornada. Ele fechou seus olhos e se deixou ser abraçada. Era uma intimidade que ela nunca havia sentido em sua vida. Sua mãe nunca fora muito carinhosa com ela, mesmo Barb sendo, era diferente. Mais isso estava no passado. Agora, simplesmente o fato de estar sendo abraçada era uma nova experiência.

Marcus se sentiu confuso com o que ele havia feito; com o que ela havia deixado fazer. Ele sabia pela sua resposta a ele que ela nada sabia sobre homens. Ela não sabia nem como beijar. Mas ela confiou nele, não protestou, brigou ou resistiu. Ela parecia uma gatinha carente nos seus braços, e sentiu sensações que ele nunca havia experimentado.

– Isso é uma estupidez – ele disse depois de um minuto, o esforço audível em sua voz profunda e rouca.

– Você não me parece estúpido – ela disse sonhadora, sorrindo contra seus ombros.

Ele tomou um longo fôlego e a soltou lentamente. Seus olhos estavam turvos.

– Escute – ele começou, suas grandes mãos descansando involuntariamente nos ombros dela – Nós somos de mundos diferentes. Eu não começo nada que eu não possa terminar.

– Bem, não me culpe – ela disse com um olhar sorridente. – Eu quase nunca seduzo homens na varanda.

Ele fez uma carranca. Ela tinha uma mente rápida e um senso de humor espirituoso. Isso não facilitava as coisas. Ela mexia muito com ele. Mas ele estava em um ponto de sua vida em que não podia ter envolvimento de nenhum tipo, especialmente com tipos como ela. Ela era mais vulnerável do que pensava. O que ele precisava fazer poderia colocá-la em perigo, se ela se mantivesse por perto. Ele estava num péssimo momento para procurar um romance.

– Normalmente eu não ligaria de ser seduzido – ele disse. – Mas eu não estou disponível.

Ela se sentiu embaraçada e deu um passo para trás, corando. – Desculpe – ela disse. – Eu não pensei...!

– Não fique assim. – ele disse asperamente. – Vamos. Eu pedirei para Smith levá-la de volta.

– Eu posso pegar um táxi – ela disse, segurando-se no resto de orgulho que ainda tinha.

– Não diga absurdos – ele disse secamente.

Delia não podia esconder o desconforto do pensamento de voltar a Nassau em companhia do Sr. Smith.

– Tem certeza que você não tem medo dele? Marcus perguntou suavemente. – Você não tem medo de mim, e eu sou pior que Smith de vários modos.

Ela arqueou as sobrancelhas. – Você é, realmente? – ela perguntou sinceramente curiosa.

Ele riu a despeito dele mesmo. – Você não sabe nada a respeito de mim – ele murmurou enquanto a estudava com um indulgente divertimento. – Isso é bom – ele adicionou pensativamente. – Fazia muito tempo que alguém se sentia confortável comigo, como você fica.

– Agora você está me deixando nervosa – ela contou para ele.

Ele sorriu. Era um sorriso raro e genuíno. – Não muito, aparentemente.

Ela se aproximou um pouco mais, ele a deixava faminta. Ela o encarou. – Eu pensei que já tivesse entendido, de qualquer forma.

– O que você sabe?

– Você é o chefe do Sr. Smith – ela disse.

Ele tentou começar a falar.

– Você é um leão de chácara – ela concluiu antes de ele começar a falar.

Ele ficou confuso. Ele a olhava com um crescente espanto.

– Não há nada do que se envergonhar – ela disse. – Alguém tem de manter a ordem em um lugar como esse. Na verdade, meu pai foi xerife. Eu não era nem nascida quando ele morreu, então eu não me lembro dele. Mas nos ainda temos sua arma, seu cinto e distintivo.

– Como ele morreu? – ele disse abstratamente.

– Em uma batida de drogas rotineira – ela disse suavemente. – O homem era um assassino fugitivo.

– Dureza.

Ela assentiu. – Mamãe foi deixada comigo e Barb, embora Barb tivesse dezesseis anos na época, quase dezessete. – ela suspirou. – Barb é bonita e inteligente. Ela casou com Barney, que vale milhões, e ela tem sido muito feliz desde então.

– Então é só você e sua mãe em casa – ele supôs.

Ela fez uma careta. – Minha mãe morreu de câncer no mês passado – ela disse. – É por isso que estou aqui. Barb acha que eu precisava de uma folga, então ela e Barney conversaram com meu chefe na lavanderia, eu faço algumas alterações e consertos para ele, e me arrastaram para o avião. Eu espero ainda ter um emprego quando voltar. Ninguém parece entender como é difícil se achar um emprego em uma cidade pequena. Eu tenho uma série de contas para pagar e pouco dinheiro guardado, assim sendo meu trabalho é muito importante. – ela sorriu timidamente. – Barb não entende sobre trabalho. Ela casou com Barney logo que terminou o segundo grau, quando eu tinha dois anos de idade, então ela nunca trabalhou.

– Sorte dela. – ele disse observando as expressões passando por aquela face delicada. – Eu suponho que Barb ajudou quando sua mãe ficou doente?

Ela assentiu. – Ela pagou todas as contas médicas e remédios, e até contratou uma enfermeira para ficar com ela durante o dia. Nós nunca teríamos conseguido sem ela.

– Ela também cuidou dela?

– Ela veio e ficou conosco nos últimos meses de vida da mamãe – ela disse. – Ela e Barney decidiram que isso seria demais para mim, assim contrataram enfermeiras para a noite também. Mas quem ficava mais com ela era Barb, até ela morrer. Mamãe não me queria por perto. – Barb e mamãe eram muito próximas, o que não acontecia comigo e mamãe. Ela não gostava muito de mim – ela disse tristemente.

Ele reviu sua opinião sobre a irmã mais velha. Ela havia feito a parte dela.

– Vocês são próximas, você e sua irmã?

Ela riu. – Nós somos tão próximas quanto mãe e filha, na verdade. Barb é maravilhosa. Seu único problema é ela achar que eu não devo andar a não ser que ela me diga como fazer. Ela é mais velha que eu dezesseis anos.

– É uma grande diferença – ele apontou.

– Nem me fale. Isso faz com que ela me veja mais como criança do que uma adulta.

Ele fez uma carranca. – Quantos anos tinha sua mãe quando você nasceu?

– Quarenta e oito anos – ela riu. – Ela disse que eu era uma criança milagrosa.

– Mmmm – ele disse ausente.

– Quantos anos tinha sua mãe quando você nasceu? – ela perguntou curiosa.

Ele suspirou – Dezesesseis anos. Antigamente, e nos países mais antigos – ele disse – mulheres casavam cedo. Ela e meu pai foram prometidos pelas suas famílias. Eles só se viam na companhia de uma *dueña*, e se casaram na igreja. A primeira vez que eles se beijaram foi no dia do casamento, ou era o que meu pai sempre dizia.

Ela parecia confusa com o termo em espanhol usado para chaperone – Eu pensava que você fosse italiano – ela disse.

Ele negou com a cabeça. – Meus pais eram do sul da Espanha. Eu sou a primeira geração na América.

– Você fala espanhol?

Ele assentiu. – Mas eu leio melhor do que falo, meus pais queriam que eu e meu irmão falássemos inglês, assim nós nos adaptaríamos melhor.

Ela sorriu em entendimento. Ela foi lentamente para o escritório e ele a seguiu, fechando a porta de correr que levava a varanda.

– Eu a levarei ao hotel – ele disse depois de um minuto. Ele pegou o telefone e pediu alguém para tomar conta de tudo enquanto ele ia a Nassau e voltava.

Ela deu uma última olhada na linda colcha branca e preta pendurada na parede. – Ela é realmente majestosa – ela disse.

– Obrigado. Eu gostaria de ver alguns dos seus trabalhos.

Ela suspirou. – Eu não tenho nem mesmo fotos, como você – ela disse. – Desculpe.

– Talvez eu vá ao Texas um dia desses – ele disse.

Ela sorriu. – Seria bom.

Ele a olhou. – Pode ser que não seja tão bom assim, quando você me conhecer melhor – ele disse muito solene.

– Difícil.

– Você é otimista. Eu não sou.

– Eu percebi – ela brincou.

Ele ria enquanto abria a porta para que ela saísse para o hall.

O Sr. Smith estava esperando ao lado de uma enorme limusine preta em frente ao hotel e boate.

Delia falou ofegando – Você não pode estar me querendo levar aí! – ela exclamou. – Seu chefe vai despedi-lo!

– Difícil – Marcus disse, com uma olhadela para Smith, que estava tentando não rir alto. – Entre.

Ela assobiou suavemente enquanto deslizava para o centro do banco de couro, dando espaço a Marcus.

Smith fechou a porta e foi para o banco do motorista.

Delia estava deslumbrada. Ela olhava a sua volta, de olhos bem abertos, fascinada pelo interior luxuoso.

– Você pode jogar boliche aqui dentro!

– É bom quando você circula a volta de uma turma de turistas – ele constatou. – Quer algo para beber?

Ele indicou o bar, onde uma garrafa de champagne e várias garrafas de cerveja e drinks suaves estavam no gelo.

Ela negou com a cabeça. – Não, obrigada. Isso é uma televisão?! – ela adicionou, indicando uma tela plana em frente onde ela estava, presa ao teto.

– Televisão e rádio via satélite, CD player, telefone...

– É incrível – ela disse suavemente. – Maravilhoso!

– Sua irmã casou com um milionário – ele apontou. – Você nunca andou de limusine?

Ela negou com a cabeça. – Não havia nenhuma necessidade para ela de trazer uma a Jacobsville. Eles voam até San Antonio e alugam um carro. Na casa deles, eles tem um Jaguar.

– Eu pensava que você a visitava e andava de limusine. – ele brincou.

– Em New York? – ela perguntou. Ela balançou sua cabeça. – Nós geralmente vamos a Galveston juntos em férias na praia. Eu nunca fui a New York, e desde que Barney viaja muito e Barb vai com ele, eles ficam pouco em casa. Eu não vou nem mesmo a San Antonio a não ser que eu realmente precise, para comprar suprimentos. Eu fico muito na casa que eu dividia com a minha mãe. Nós temos um punhado de galinhas e um cachorro chamado Sam.

– Quem está olhando por eles?

– Um vizinho – ela disse. – Embora, ele tenha dado trabalho para levá-lo. Você tem de olhá-lo constantemente.

– Qual a raça dele?

Ela sorriu. – É um pastor alemão, negro com manchas marrom. Eu o tenho já por oito anos. Ele é um doce.

– E gatos?

Ela negou com a cabeça. – Mamãe era alérgica. Nem Sam podia entrar na casa.

Smith estava pegando a saída para a ponte que levava a Nassau. Marcus se recostou no couro suave do banco. – Eu nunca vi uma galinha de perto, exceto na televisão – ele disse.

Ela sorriu. – Venha ao Texas e eu deixarei você acariciar uma.

– Pode se acariciar uma galinha?

– Claro que sim – ela disse rindo.

Ele gostou do som da risada dela. Fazia bastante tempo que ele não ria tanto. Sua vida era solitária e perigosa, e ele não costumava confiar muito nas pessoas. Ele já havia visto mulheres que pareciam virgens inocentes pegarem tudo o que um homem tinha.

– Porque você foi ao clube em primeiro lugar? – ele perguntou inesperadamente.

Ela suspirou. – Porque Fred disse que queria conversar sobre negócios com o gerente do cassino e que seria tão bom ir lá quanto em qualquer lugar da ilha. Mas ele ficou com medo e começou a beber. – ela olhava diretamente para o rosto de Marcus. – Ele estava mexendo com algo ilegal, eu acho, e algumas pessoas com quem ele está lidando querem machucá-lo. – ela mordeu seu lábio enquanto olhava para Marcus. – Eu provavelmente não deveria ter mencionado isso. O dono do cassino é seu chefe, certo?

– Mais ou menos – ele confessou.

– Bem, Fred estava bebendo bastante até mal se agüentar de pé. Eu queria voltar ao hotel já nessa hora, porque a situação estava ficando sem controle. Eu tive de apará-lo no táxi, e quando chegamos ao clube, eu entrei e estava pedindo um táxi para me levar de volta. Mas Fred ficou bravo, quando eu disse isso, e me lembrou que havia pagado um jantar bastante caro e que eu lhe devia alguma diversão. – ela adicionou friamente. Ela apertou a bolsa em suas mãos e olhou para Marcus. – Eu não tenho muita experiência. Os homens realmente acham que devemos fazer sexo com eles porque eles pagaram uma refeição? Porque se for assim prefiro pagar minhas próprias refeições de agora em diante!

Sua expressão o divertiu. Ele riu suavemente. – Eu posso falar apenas por mim mesmo, mas eu nunca considere um bife como moeda corrente para sexo.

Ela sorriu a despeito de sua irritação. – Isso mostra que eu não tenho muitos encontros, não é? – ela disse. – Mesmo quando eu estava no colegial, eu tinha de brigar com Barb e minha mãe para sair com alguém. Minha mãe chamava Barb se alguém me convidava para sair. Elas diziam que os homens dizem de tudo para nos levar para a cama, e depois nos deixam grávidas e sozinha. – ela balançou a cabeça. – Sabe-se lá de onde elas tiraram essas idéias. Barb casou com Barney logo depois de se formar no segundo grau, e mamãe não saiu com ninguém depois que papai morreu.

– Não? – ele perguntou abruptamente, surpreso.

– Ela era antiquada – eu suponho. – Ela disse que ela e papai foram tão felizes juntos que nenhum outro homem com quem ela saísse chegaria perto dessa perfeição. Então ela passava seu tempo fazendo caridade e me criando.

– Eu não sabia que ainda havia mulheres assim no mundo – ele disse honestamente.

– Como era a sua mãe?

Ele sorriu lentamente. – Ela era o tipo de mulher que beijava cortes e machucados e fazia biscoitos caseiros para nós. Ela trabalhou até não poder para nos comprar o necessário para irmos a escola – ele adicionou, sua face dura.

– Ela era bonita?

– Que pergunta. Por que?

– Você é muito bonito – ela disse corando quando percebeu que ultrapassou o limite.

Ele riu. – Obrigado. Eu a acho muito bonita, também.

– Oh, eu tento – ela replicou. – Eu não tenho muitas ilusões sobre ser bonita, mas eu posso cozinhar, e sou boa costureira.

Ele se aproximou e pegou uma mecha de seus longos cabelos louros em sua mão, contemplando a leveza dele. – Quão longo é o seu cabelo? – ele perguntou de repente.

– Vai até a minha cintura – ela disse. – Meu patrão na lavanderia, diz que pareço com a Alice no país das maravilhas, quando eu o deixo solto, então eu o mantenho preso em um coque ou rabo de cavalo na maior parte do tempo.

– Porque você não o corta então?

Ela balançou com a cabeça. – Eu fico pior de cabelo curto – ela disse. – Pareço um menino.

Marcus ergueu as espessas sobrancelhas. – Desculpe-me?

Ela se mexeu no assento. – Eu pareço uma tábua.

Ele riu sonoramente.

Ela estava muito vermelha, agora. – Eu não sei uma maneira melhor de dizer isso – ela confessou. – Mas é a verdade.

Os olhos negros eram gentis e indulgentes. – Homens tem gostos individuais no que se refere a mulheres – ele disse. – Eu venho de uma cultura onde as mulheres tem muitas curvas mais isso não quer dizer nada.

Ela o encarou não compreendendo direito o que ele falava.

– Eu não gosto de mulheres com muito... peito – ele explicou.

Ela o olhou, seus olhos abertos e esperançosos. – Você não... gosta?

Ele negou. – E eu nunca havia conhecido uma mulher que criava galinhas até agora, muito menos uma que conhecesse o padrão *Bow Tie* a *Dresden Plate*.

Ela sorriu. – Eu nunca conheci um leão de chácara que fazia acolchoados antes – ela replicou.

Ele riu. Resolveu deixá-la com suas ilusões. Ele nunca lhe disse o que fazia para viver naquele programa de tv, ou mesmo nas competições. Ele só dizia que era um empresário de Chicago. Ele estava apreciando o anonimato. Era raro alguém não reconhecer pelo menos seu nome, se não seu rosto.

– Você gostaria de conhecer *Blackbeard's Tower*?

Ela ficou animada. *Blackbeard's*, o pirata? – ela perguntou.

– O único. – ele se inclinou em conspiração. – Ele não está lá.

Ela riu. – Está certo, é preferível ver sem o seu fantasma. – ela torceu seu pulso com as mãos. – Quando? – ela perguntou, sem olhar para ele.

Ele hesitou. Ele tinha um encontro que não tinha vontade de ir. Mas claro, ele tinha de comparecer. – Eu tenho um compromisso no almoço. Que tal entre uma e duas horas amanhã?

Ela ergueu os olhos grandes para ele, radiante e feliz. – Eu gostaria – ela disse rousadamente.

– Eu chamarei você do lobby.

Ela sorriu. – Certo!

Ele hesitou. – Você deve ouvir algumas coisas sobre mim quando Fred contar a sua irmã o que aconteceu – ele disse a ela. – Tente não acreditar. Ou pelo menos, espere e faça sua própria cabeça quando me conhecer um pouco melhor. Tudo bem?

Ela ficou curiosa, mas sorriu. – Certo.

– Mais uma coisa - ele adicionou, quando Smith passava pela estrada circular que levava a entrada do hotel. – Se Fred chamar você de mentirosa e falar coisas que não aconteceram, e ele vai, você pode



falar a sua irmã e seu cunhado que eu tenho tudo gravado em fita e que eles são bem vindos para assistir a qualquer hora. Isso é aceito em qualquer tribunal.

– Você acha que eu devo denunciar Fred? Ela perguntou.

Ele estava entre o que era certo e o que era necessário. Ele não podia contar com Fred preso justo agora. – Não – ele mentiu. – Mas você não deve sair sozinha com ele novamente.

– Eu não tenho a menor vontade – ela o assegurou.

Smith abriu a porta. Turistas olhavam por trás do vidro das portas tentando saber quem estava dentro da enorme limusine preta.

– Eles provavelmente acham que são cantores de rock. – ela disse piscando o olho.

– Deixe que eles pensem o que quiserem. Você tem certeza de que está bem? – ele adicionou.

Ela assentiu. Seus olhos acariciando seu rosto forte. – Obrigada. Por tudo.

Ele suspirou. – O prazer foi meu. Eu a verei amanhã.

– Entre uma e duas da tarde, no lobby – ela concordou.

Smith esticou uma mão ajudando-a a sair do enorme veículo. Ele sorriu para ela.

Ela corou, porque ela ainda ficava nervosa com ele, e ele percebeu.

– Bem, boa noite – ela disse a Marcus.

Ele sorriu. – Boa noite, anjo.

Ela andou sobre as nuvens todo o caminho, da frente hotel entre os turistas, até o elevador.

Barb estava atrás dela quando ela usou a chave para entrar na suíte.

Com seu cabelo loiro bem penteado por profissionais, e suas lindas unhas manicuradas. – Amor, onde você estava? – ela perguntou, correndo para abraçar Delia. – Oh, eu estava tão preocupada! Fred veio aqui com uma história sobre você ter sido seqüestrada por um gangster...!

– Fred me atacou do lado de fora do cassino, num canto escuro – Delia disse raivosamente, e apontou para sua face – Quando eu não cooperei, ele me bateu!

Barb engasgou-se.

Barney, seu marido, veio para o quarto em um terno. Sua cabeça raspada brilhando com as luzes e seus olhos negros escurecidos. – Então você finalmente está de volta! Fred estava tão preocupado...

– Fred me atacou – Delia começou novamente.

– Agora, amor, você sabe que isto não é verdade – Barney disse, com voz suave. – Fred me contou que você ficou um pouco chateada porque ele ficou um pouco tonto...

– Olhe o meu rosto – ela enfureceu-se – Eu não o deixei fazer sexo comigo, então ele me bateu, tão forte quanto ele conseguiu!

Barney hesitou, e seus olhos negros começaram a brilhar. – Fred disse que o dono do cassino lhe causou este machucado – Barney contou, mas com menos confiança e uma raiva crescente.

– Há um videotape com todo o incidente – ela disse sumariamente. – E o chefe dos seguranças do hotel disse que vocês são bem vindos para assistir, vocês dois. A qualquer hora que quiser!

### **CAPÍTULO 3**

Houve um silêncio atordoado. A respiração de Barb era audível enquanto ela olhava do marido para a irmã.

– Eu acho que Fred está mentindo – Barb disse finalmente.

Barney a encarou. – Fred disse que não havia feito nada e que foi apenas um mal entendido, desculpe, meu bem – ele disse para Delia – Mas essa é a verdade, não fazia sentido a idéia de que ele atacasse uma mulher que não o atraía.

– Uma tigela de gelatina o atrairia naquela hora, Barney – Delia disse em sua defesa. – Ela estava pra lá de Bagdá.

– Eu falarei com Marcus Carrera – Barney disse sucintamente. – Ele contará a verdade. Ele pode ser um pirata, mas ele é uma pirata honesto.

– Você conhece o chefe de segurança do cassino? – Delia perguntou.

– Meu bem, Eu não sei o que você andou bebendo – Barney disse secamente – Mas Carrera é o dono do cassino *Bow Tie*. O mais próximo que ele chega da segurança, é quando ele substitui Smith ou pega alguém tentando trapacear. Dizem que ele costumava fazer seu próprio trabalho sujo nos tempos de Chicago. Talvez ele ainda faça.

– Sr.... Carrera é o dono do cassino – Delia disse.

– Ele é dono de muitos negócios – Barney replicou casualmente. – Hotéis e cassinos na maior parte, no Caribe e na costa de New Jersey. O *Bow Tie* é o mais novo deles. Ele está aqui há algum tempo. Desde o incidente com o tambor de óleo, parece.

Delia sentou-se, ereta. Ela sentia-se mal. – Que incidente com o tambor de óleo?

Barney riu. – Algum mal elemento fez algo quase fatal a um dos amigos de Carrera. Eles o encontraram flutuando no rio Chicago em um tambor de óleo. Bem, pelo menos boa parte – ele emendou. – Ainda existem algumas partes desaparecidas.

– Partes? – Delia.

– Agora, amor, ninguém disse que Carrera fez isso ele mesmo. Ele sempre teve pessoas a sua volta que faziam o que ele queria – ele continuou. – Mas ele tem uma reputação que assusta até os criminosos. Ninguém atravessa o seu caminho a não ser que deseje morrer.

– Não foi isso que aquele tal de Dunagan disse – Barb lembrou o marido.

Ela a encarou. – Dunagan estava apenas espalhando fofocas – ele disse com deliberada firmeza.

– Bem, existe também aquela fofoca sobre o tal gangster de Miami, qual o nome dele, Deluca? Que está tentando trazer suas operações para a ilha. Eles disseram que ele está envolvido em toda a espécie de ilegalidades na Florida e que agora ele quer um ou dois cassinos aqui nas Bahamas.

– Ele foi pego por trabalhar com apostas ilegais – Barney replicou. – Ele abriu um espaço de apostas onde as pessoas podiam apostar em corrida de galgos e cavalos. Mas ele negava os pagamentos ou mentia sobre as apostas que eram feitas. Ele pegou três anos. Ele tinha um ótimo advogado – ele adicionou com um sorriso.

Barb deu a ele um olhar frio – Ele é um velhaco.

– Claro que sim – Barney concordou. – Mas ele tem muitos músculos e aquela filha que viaja com ele a todo o lugar. Dizem que ele a usa como isca e que ela tem a personalidade de uma cobra venenosa.

– Como você veio para casa exatamente, amor? – Barb perguntou repentinamente.

– O chefe dos seguranças me trouxe em uma limusine preta. – Delia disse com um grande sorriso. – Foi incrível!

– Eu esqueci que você nunca andou em uma – Barney disse suspirando. – Eu gostaria de ter levado você para nos visitar em New York e mostrar a cidade. Mas sua... mãe não queria ouvir falar sobre isso – ele adicionou secamente. – Ela me odiava. Ela dizia que não queria você perto de mim.

– Mas, por que? – Delia perguntou assustada. Ninguém nunca havia lhe contado aquilo.

Barb e Barney entreolharam-se. – Mamãe tinha ciúme de Barney porque ele me levou para longe dela – ela disse. – Eles nunca se deram bem, você sabe disso.

– Sim – Delia admitiu – Mas isso não explica o porque dela não querer que eu fosse a New York.

– Ela não queria perdê-la, meu bem – Barb disse, mas ela não parecia muito confortável.

– Mas ela nunca gostou de mim – Delia exclamou.

– O quê? – Barb perguntou agudamente.

Delia nunca admitiu isso para eles. Ela odiava fazer isso agora, mas talvez essa fosse a hora para trazer isso à luz.

– Ela não gostava de mim – ela confidenciou miseravelmente. – Nada que eu fazia era certo. Ela não gostava dos meus cabelos longos, mas gostava ainda menos deles curtos. Ela não gostava das roupas que eu

usava. Ela ridicularizava as roupas que eu desenhava e fazia eu mesma. Ela dizia que eu era preguiçosa, mentirosa e não servia para muita coisa...

– Meu bem, você não pode estar falando sério! – Barb exclamou, horrorizada.

– Eu nunca entendi o porque. – Delia disse pesadamente, sentando-se. – Era quase como se ela me odiasse, mas quando eu perguntava se ela me odiava, ela ficava agitada e dizia que era obvio que não, que não era minha culpa, eu ser do jeito que era.

Barb e Barney trocaram olhares estranhos. Eles não estavam apenas chocados, eles pareciam culpados. Delia se perguntava porque.

– Meu bem, porque você nunca me contou isso? – Barb perguntou gentilmente, seus olhos gentis e amorosos.

Delia riu. – Isso não seria certo, falar assim de minha própria mãe. E o que vocês poderiam fazer de qualquer forma? Você e Barney tinham sua própria vida.

– Ela nunca disse porque ela dificultou tanto as coisas para você? – Barney perguntou.

Delia olhou para Barney e pensou, não pela primeira vez, como era estranho sua face e a dele serem tão parecidas, das orelhas pequenas ao queixo redondo e o formato dos olhos. Ela havia perguntado uma vez a Barb se eles eram parentes, por causa das semelhanças. Mas Barb riu e disse que não.

Não que ela não se parecesse com Barb, também, ela tinha os mesmos olhos verdes e cabelo loiro. Sua mãe tinha cabelo preto e olhos azuis. Mas, então, ela sabia que ela e Barb eram parecidas com a avó paterna, porque a mãe de Delia tinha falado.

– Me desculpe – Barb disse, movendo-se para abraçar sua irmã apertado. Ela sempre havia sido carinhosa assim, desde que Delia conseguia se lembrar. Barb abraçava-a por qualquer coisa, elogiava-a, provocava-a, mandava-lhe presentes todos os feriados e aniversários e entre essas datas também. Delia nunca sentiu falta de nada, especialmente amor. De fato, até três anos atrás, Barb e Barney haviam morado em San Antonio. Eles estavam sempre por perto. Mas quando eles estavam por perto o comportamento de sua mãe era o melhor. Ela amava Barb, e demonstrava, porém, ela era dura com Delia e Barb reparava nisso ocasionalmente. Ela não sabia o quão dura era sua mãe podia ser, quando ela não estava lá.

– Talvez eu possa ir a New York e visitá-los um dia – Delia mencionou.

Barb se animou. – Isso seria bárbaro! Nós poderíamos levá-la a todos os pontos turísticos e poderíamos ir ao shopping juntas.

Delia sorriu. – Eu adoraria.

– Nós ainda não terminamos a conversa sobre Fred – Barney interrompeu.

– Ela não vai sair com ele novamente – Barb disse firme, com um braço em volta de sua irmã.

– Eu não ia sugerir isso – Barney disse gentilmente. – Mas eu preciso falar com ele sobre seu comportamento de hoje – ele adicionou, seus olhos negros brilhando. – Ele não tinha o direito de tratá-la daquele modo.

– Eu concordo – Barb falou e virando-se para Delia disse – Pelo menos você chegou em casa a salvo.

– Sim, e Carrera não mandou Fred para casa em uma caixa de sapatos, também, aparentemente – Barney murmurou.

– Você disse que o Sr. Carrera não mata pessoas – Delia lembrou-o. Ela não podia acreditar que ele fazia aquilo. Ela não queria acreditar.

– Ele acalmou um pouco – Barney disse. Preparando um drink para ele mesmo. – Ele não tem feito muito disso ultimamente, pelo menos. Ele tem se mantido quieto. Eu acho que é por isso que ele está aqui nas Bahamas. Descansando.

– Você parece doente, amor – Barb disse preocupada. Ela se sentou à frente de Delia e colocou a mão no joelho dela. – Você não teve uma boa noite. Porque você não vai para a cama e dorme?

– Eu acho que vou fazer isso – Delia disse.

– Você realmente conversou com Carrera? – Barney perguntou curioso.

Delia assentiu. Sua garganta apertada demais para falar.

Barney riu. – Isso é novo. Ele nunca trata com os clientes. Eu acho que ele está com medo que você o processe, se Fred mentir. Ele não gostaria da publicidade.

– Eu pensei que você tivesse acreditado em Fred – Barb disse secamente.

Ele suspirou. – Se Carrera está envolvido, não é a toa que Fred está assustado. Ninguém quer ter problemas com ele. Muito menos Fred. Ele está trabalhando numa proposta de negócios que envolve Carrera. Eu não sei em que tipo, mas Fred é um gênio para fazer dinheiro. – ele deu um gole em seu drink, tremendo. – Eu devo tentar também – ele disse olhando Barb.

– Você não vai se envolver em negócios com Carrera – Barb disse categoricamente. – Eu gosto de você vivo, do jeito que está.

– Smith trouxe você de volta ao hotel? – Barney perguntou a Delia.

– Ele e Sr. Carrera.

Eles a olharam chocados.

– Fred rasgou meu vestido e o Sr. Carrera costurou-o para mim – ela balbuciou.

Barney terminou o drink em um gole.

– É verdade, ele faz acolchoados – Barb disse, radiante. – Delia ensina a fazer acolchoados. Você contou a ele, certo?

Delia assentiu.

– Não me admira ele ter sido tão gentil com você – Barney concordou. – ele é obcecado por isso. Nós escutamos que ele deu a um cara uma semana de férias pagas em um de seus hotéis por dois metros de uma colcha velha.

– Trabalhos antigos são muito valiosos – Delia disse suavemente – E difíceis de conseguir.

– Dizem que ele mantém um álbum com seus trabalhos – Barney riu.

– Ele mantém. Eu o vi. Ele ganha competições internacionais – Delia replicou. – Seus trabalhos com agulha são maravilhosos. Ela mostrou a emenda para Barb, que não conseguiu achar os pontos.

– Ele é realmente bom – Barb teve de admitir.

– Se um dia ele atirar em mim, eu pedirei a ele para costurar para mim uma colcha como mortalha – Barney gracejou.

Barb encarou-o. – Porque ele atiraria em você?

Barney pareceu desconfortável. Então, suspirou. – Nenhuma razão. Eu ia sugerir irmos todos a um show no cassino. Nós deveremos ter tratamento especial agora, depois do que aconteceu a Delia.

Barb olhou para o marido. – Você não vai colocá-la no caminho dele novamente. Eu não quero minha irmã çagula com um criminoso!

– Ele não é um criminoso. Não exatamente – Barney disse. – Ele é um cara simpático se você não tentar roubá-lo ou ameaçar alguém próximo a ele.

– Eu não quero descobrir – Barb disse firmemente. Ele se virou para Delia. – Você fique longe daquele homem. E não me importa em quão bem ele costura, também.

Delia queria contar a eles que Marcus a havia convidado para sair, mas ela não teve coragem. Estava difícil ficar na frente de Barb, com sua maturidade e autoridade. Delia nunca havia recusado nada que Barb havia pedido.

Mas ela lembrava do beijo faminto que compartilhou com Marcus na varanda, a sensação dos braços dele a sua volta, e do seu calor na noite fria. Ela tremia só de lembrar. Ela queria estar com ele.

A única coisa que a preocupava era a reputação dele. E se ele realmente matava pessoas...?

Barb estudava sua expressão – Dee, você me ouviu? – ela perguntou. – Eu disse, que eu não a quero as voltas com aquele gangster.

– Eu ouvi, Barb – Delia replicou.

– Ele é cheio de dinheiro, você sabe – Barney interrompeu. – Dizem que ele vale milhões.

– É como ele o conseguiu que me incomoda – Barb replicou.

– Existem criminosos muito piores dirigindo corporações em todo o mundo – Barney disse cuidadosamente. – Ele certamente tem o toque de Midas no que se refere a negócios. Pelo menos ele é honesto. E nunca faz ameaças sem sentido. E adora idosos.

– Assim como a máfia japonesa, a Yakusa – Barb atirou de volta.

Barney jogou suas mãos para o alto. – Tudo é branco e preto com você.

– Eu vou para a cama e deixar vocês terminarem essa discussão com privacidade – Delia ofereceu.

– Faça isso, meu bem – Barb disse gentilmente. – Eu estou feliz que você está bem. Imagine, circular por Nassau na companhia de um assassino.

– Eles nunca provaram que ele matou alguém – Barney argumentou.

– E nunca provaram que não!

Delia saiu da sala de estar e fechou a porta abafando as vozes altas. Ela se preparou para ir para a cama, ainda entorpecida. Ela não podia acreditar no que Barney disse sobre Marcus. Ela certamente teria sentido alguma maldade nele. Mas ele havia sido gentil, e atencioso. Ele havia sido até afetuoso. Ele estava atraído por ela, como ela por ele. Porque era errado querer passar algum tempo com ele?

Ela estava preocupada com o que Barb poderia dizer. E depois ela pensou, eu sou adulta. Eu tenho de tomar minhas próprias decisões sobre as pessoas.

Ela se lembrou repentinamente do ele que havia dito para ela, sobre não acreditar no que ela ouviria a respeito dele; sobre esperar até conhecê-lo melhor antes de fazer um julgamento.

Ia ser muito difícil de qualquer modo, se afastar dele agora. Ela já estava atraída. Ela não conseguia parar de pensar nele. Ela iria ao *Blackbeard's Tower* com ele, mesmo que tivesse de ir escondida.

Ela lembrou sobre ele ter dito que iria encontrá-la no lobby, e ela ficou preocupada. Era um tiro no escuro, mas e se Barb e Barney estivessem no lobby ao mesmo tempo?

O pensamento a fez dormir tarde aquela noite.

Ela sonhou com aquele beijo quente que haviam compartilhado na varanda. Ela sempre havia sido o tipo de pessoa sensível e prática. Mas quando Marcus Carrera a tocou, ela perdeu completamente sua cabeça e se tornou outra pessoa. Ela nunca havia entendido porque as mulheres desistiam de seus princípios e dormiam com os homens antes do casamento. Mas estava se tornando claro que a atração física superava o bom senso. Seu corpo tremia, e ficava agitado e ela nunca havia sentido nada disso antes. Ela mal podia sentir o contato com os lençóis sem lembrar daquele toque febril. O corpo de Marcus junto ao dela, as mãos dele nas suas costas, sua boca beijando-a furiosamente. Ela gemeu. Era perigoso vê-lo novamente, porque ela o queria com uma paixão cega e descuidada. Ela já sabia que não podia resistir a ele. E ele devia ter tanta dificuldade para parar quanto ela.

Ela era muito curiosa sobre sexo. Sua mãe havia sido reticente e relutante para falar sobre isso, assim como Barb. Mas Delia tinha algumas amigas indulgentes, que haviam contato para ela as coisas mais chocantes sobre os homens e mulheres na cama. Ela pensou em Marcus de uma forma que fez seu corpo arder por ele.

Ela sabia que se ele a convidasse para sair, ela sairia quantas vezes ele quisesse. Ela havia vivido em um casulo toda a sua vida, sem recusar o que diziam que ela devia fazer. Mas ela tinha vinte três anos agora, e estava atraída por aquele homem grande e moreno dono de um cassino. Uma vez na vida, ela iria fazer aquilo que tinha vontade, e assumir as conseqüências. Ela não iria passar o resto de sua vida sozinha sem ter nem ao menos uma memória doce para acompanhá-la quando estivesse mais velha. E se ela precisasse ir contra Barb para fazer isso, ela faria. Porque afinal de contas à vida era dela.

Quando Delia acordou, ela se sentia como se não tivesse dormido nada. Ela não podia acreditar que Marcus fosse um assassino, não importava o que dissessem. Ele havia sido carinhoso com ela, gentil. Certamente um gangster não seria tão obsequioso com uma desconhecida.

Mas o que ela sabia sobre gangsteres? Ela era uma garota de cidade pequena sem conhecimento de pessoas com conexões na máfia, exceto algumas fofocas. Havia acontecido alguma excitação em Jacobsville, Texas, ao longo daqueles anos. Um traficante de droga havia resolvido montar um centro de distribuição de drogas, e um grupo de mercenários local conseguiram pará-lo. Uma garota da cidade foi seqüestrada em revanche e levada para casa do traficante no México, e seu irmão de criação a resgatou. Havia acontecido um tiroteio onde Christabel Gaines e seu guardião Judd Dunn foram alvos de um

assassino; Christabel foi atingida por um dos notórios irmãos Clark, que havia matado uma jovem perto de Victoria. Clark estava agora preso e condenado à prisão perpétua sem possibilidade de condicional.

Mas fora isso, Jacobsville era uma cidade tranqüila para se viver. Delia vivia num casulo com pessoas gentis e de charme rústico. Ela não era sofisticada, não era muito bonita, e era muito tímida.

Então, porque, ela pensava, um rico, e atraente homem como Marcus Carrera gostaria de levá-la para conhecer pontos turísticos. Se ele fosse rico como Barney disse que ele era, com certeza ele poderia sair com qualquer mulher que ele quisesse, mulheres bonitas, talentosas e famosas. Porque ele iria querer levá-la para sair? Talvez ele estivesse desesperado por companhia? Ela riu perante aquele pensamento. Então ela se lembrou do beijo tórrido que eles compartilharam, e seu coração disparou. Talvez, ele se sentisse da mesma forma que ela. Isso não tinha muito a ver com aparência, posição social ou riqueza. Ninguém podia explicar a atração física.

Aquela paixão abrasadora era desordenadora para uma mulher que nunca havia sentido nada daquilo em sua vida. Ela não podia nem considerar um caso, ela disse a si mesma. Ele não parecia do tipo que casava. Certamente se ele quisesse casar já teria casado na sua idade.

Havia outra consideração, se ela quisesse ir contra seus instintos e sair com ele, ela teria de mentir para Barb. Ela nunca havia feito isso na sua vida. Barb a amava, havia se sacrificado por ela, tomado conta dela muito mais do que sua mãe. Com toda a honestidade, ela amava Barb mais do que sua própria mãe. Mas a alternativa era esquecer Marcus e se afastar dele. Seu coração se apertava só de pensar em não vê-lo de novo. Aquela fome de vê-lo novamente, beijá-lo era poderosa. Ela não conseguia pensar em ficar longe dele. Mesmo após um breve encontro, seus olhos ansiavam por vê-lo.

Ela chamou a si mesma de idiota. Mas ela ia encontrá-lo, não importava as conseqüência. Ela não conseguia evitar.

No final, seu medo de Barb vê-la com ele no lobby se evaporaram quando Barney teve uma chamada de emergência a respeito de negócios. Seu escritório central era em New York, mas ele estava abrindo um novo hotel em Miami, e lá estava havendo muitos problemas com a construtora responsável pela obra. O homem responsável por ela havia desistido do trabalho, com toda a sua equipe, após uma discussão com o vice-presidente de Barney. Barney precisou pegar um avião para resolver o problema. Barb, que estava encarregada da decoração de interiores do prédio, teve de ir também, uma vez que o encarregado da obra estava autorizado a comprar os materiais que ela havia requisitado.

– Eu odeio deixá-la sozinha, amor – Barb disse preocupada. – Você não quer ir a Miami conosco enquanto resolvemos isso?

Delia pensou rápido. – Eu prefiro continuar aqui, se você não se importa – ela disse. – Eu gostaria de tomar um pouco de sol na praia.

– Você tem certeza que vai ficar bem? – Barb persistiu.

– Ela é uma mulher adulta, pelo amor de Deus. Você é apenas sua irmã, não sua mãe – Barney disse furioso.

Barb corou. – Bem, me desculpe! – ela se defendeu. – E Fred? – ela adicionou.

– Fred foi a Miami, também, por uma semana – Barney murmurou, procurando por sua carteira. – Eu não sabia que ele tinha negócios lá – ele disse com um sorriso estranho.

– Viu! – Delia disse, aliviada. – Isso resolve o problema.

Barb fez uma carranca. – Você não vai sair com esse Carrera a lugar algum, vai? – ela perguntou desconfiada.

Delia fingiu um olhar confuso. – Muito difícil! – ela exclamou. – Digo, olhe para mim – ela adicionou, abrindo ser braços. – Conte-me porque um cara rico como ele olharia duas vezes para uma tábua, que não é ninguém, além de costureira de uma pequena cidade do Texas?

– Você não é uma tábua! – Barb discordou. – Com as roupas certas e maquiagem você vai ficar um estouro. De fato, eu comprei uma série de roupas novas, e você não as usou até agora!

– Eu irei. Eu prometo – Delia disse num tom conciliatório.

Barb suspirou. – Não, você não vai. Você passa sua vida entre roupas velhas. De fato, você não tinha uma camisa sem figura ou escrita até eu trazê-la aqui e levá-la ao shopping.

– Eu usarei as roupas novas – Delia prometeu, e falava sério. Marcus gostaria de vê-la usando algo bonito.

– Nós precisamos conversar sobre isso – Barb continuou.

– Mas não agora – Barney disse impaciente, olhando seu Rolex. – Nós precisamos ir agora ou perderemos nosso voo.

– Tudo Bem – Barb disse com relutância. Ela abraçou Delia. – Você mantenha a porta fechada – ela começou. Barney abriu a porta e deixou espaço para ela passar. – Não abra a porta a não ser que você saiba quem está do lado de fora.

– Sim, Barb – ela disse automaticamente.

– E não saia à noite sozinha... – Barb continuou.

Barney a pegou pelo braço e começou a puxá-la para fora. Ela riu. – Não aceite doces de estranhos! – ela gritou alegremente. – Não chegue perto do mar e não acaricie cachorros de rua!

– Eu não vou, prometo – Delia disse rindo.

– Eu amo você!

A porta fechou na última palavra.

– Eu amo você, também! – Delia gritou depois dela.

Ela escutou risadas e depois o silêncio.

Delia experimentou três das roupas novas que Barb havia lhe comprado antes de escolher uma blusa branca simples com acabamento em renda, uma saia de cotton e um cinto bastante comprido na cor magenta. Ela encontrou a roupa numa loja local e a vendedora, uma moça alta e elegante, ensinou-a como colocar o cinto dando várias voltas na sua cintura e dobrá-lo. O resultado era bastante chique, especialmente para a cintura fina de Delia.

Ela estava vibrando de nervosismo e indecisão sobre sua decisão quando o telefone tocou e a fez dar um salto.

– Sim? – ela disse ao atendê-lo.

Ela ouviu uma risada profunda, como se ele soubesse que ela pisando em brasa de carvão esperando por ele e sentisse prazer com isso. – Eu estou no lobby – Ele disse.

– Eu estou descendo.

Ela desligou e se atirou em direção a porta, somente então ela percebeu que estava descalça, havia esquecido sua bolsa e as chaves do quarto. Com uma risada triste perante sua própria tolice, ela voltou pegou os sapatos, a bolsa e as chaves.

Oito minutos depois, ela chegou sem fôlego ao luxuoso lobby, após cinco minutos esperando o elevador.

Ela entrou no lobby e procurou a sua volta por Marcus. E lá estava ele, encostado na parede oposta do bloco de elevadores, preguiçoso, elegante e sorridente.

Ele estava vestindo uma camisa verde de tricô com detalhes em marrom. Ele parecia enorme, caro e sexy.

Ele a estava olhando, também, seus olhos negros apreciando a figura magra, e seu longo e ondulado cabelo loiro solto a suas costas.

Ele sorriu calorosamente, e ela foi na sua direção, quase colidindo com outro hóspede do hotel que ela não havia visto, causando olhares divertidos nas pessoas ao redor.

– Oi – ela disse roucamente.

– Oi – ele respondeu, sua voz profunda e suave. – Pronta para sair?

Ela pensou nos riscos que estava assumindo, no perigo que ela podia correr, e na ira de Barb ao descobrir sua traição. Mas nada importou exceto aqueles olhos negros. Ela jogou a razão e a precaução para o alto.

– Eu estou pronta – ela disse.

## CAPÍTULO 4

Marcus mal podia acreditar que aquela fosse a mesma mulher tímida e conservadora que havia conhecido na noite anterior. Ela parecia excitante naquela roupa branca, com seus cabelos longos e soltos. Ele havia pensado muito sobre envolvê-la em sua vida naquele período, mas no final ele não teve escolha. Foi pura sorte Fred tê-la levado aquele encontro que acabou não se realizando. Ela era a cunhada de Barney e isso dava a tão necessária conexão que ele precisava. Ele podia passar uma mensagem de uma maneira bastante inocente, pela mulher que ele fingiria estar interessado. O único problema era Barbara, a irmã de Delia, que não iria aprovar sua irmã caçula saindo com um gangster.

Ela espantoso, que de todas as mulheres que ele havia conhecido, e ele havia conhecido mulheres lindas, ele estar sinceramente interessado nela. Não que ele se sentisse atraído por uma interiorana como Delia. Ela não era seu estilo. E ainda havia também, a questão sobre o seu passado. Ela pensava que ele fosse um segurança, e não tinha a menor idéia quem ou o que, ele realmente era. Não era justo ela crer numa mentira. Mas ele não se atreveria a contar a verdade. Ela não parecia o tipo de mulher que se sentiria confortável circulando com um gangster, mesmo reformado. E ele precisava que ela passasse um tempo com ele. Algumas semanas pelo menos.

Ele se aproximou vagarosamente e pegou seus dedos nervosos e frios, nos seus, entrelaçando-os. A mão dela tremeu junto à dele, como se ela também tivesse sentido a eletricidade. A respiração dela se tornou audível. Ela estremeceu quando percebeu que ele sabia exatamente o que ela estava sentindo.

– Não fique assim – ele disse num tom profundo e macio, vindo para perto. – Eu sinto a mesma coisa.

– Eu não consegui dormir – ela disse, perdida no olhar dele.

– Nem eu – ele replicou brevemente. Ele estudou aquela perfeita complexão, o corado na face atestando seu tumulto interior. – Onde está sua irmã?

– No caminho de Miami junto a Barney. Algum tipo de crise. E Fred foi para Miami, também – ela adicionou sem fôlego.

– Para Miami? – ele parecia pensativo.

– Foi o que Barney disse. Deus sabe porque, Barney disse que ele tem negócios lá.

– Nada que Barney deva saber, talvez – Marcus meditou. Ele pareceu distante por um momento. Então ele piscou e sorriu para Delia. – Eu tenho um grande dia planejado para nós. Vamos.

– Ok – ela disse suavemente.

Ele não perguntou nada e ela não contou sobre os receios de Barb sobre ele. Ela ia fingir que não havia nenhuma complicação. Era um dia que ela ia simplesmente curtir. Deveria ser o único dia que eles teriam juntos. Ela não ia desperdiçá-lo se preocupando.

Eles caminharam para a porta da frente de mãos dadas, mas o Sr. Smith e a limusine não estavam à vista. Em vez dela um táxi esperava na entrada.

– Eu não queria criar mais problemas, para o caso de sua irmã ter contado algo sobre mim – ele murmurou.

– O que ela poderia ter contado sobre você para mim? – ela perguntou, aparentando inocência.

A expressão dele era engraçada. Parecia aliviado. – O que você contou para ela?

– Que Fred me atacou e o chefe dos seguranças do hotel me trouxe de volta – ela disse simplesmente.

– Não meu nome? – ele persistiu.

Ela fez uma careta. – Eu não pensei nisso até ser muito tarde...

– Não pense nisso – ele disse secamente. – Eu explicarei mais tarde.



Ele a ajudou a sentar no banco de trás do táxi e a seguiu. – Nos leve de volta ao *Bow Tie*, John – ele falou ao motorista.

– Sim, senhor – o homem disse com um grande sorriso – Você está circulando disfarçado, hem, Sr. Carrera?

– Grande disfarce, e você ganhará um bônus para esquecê-lo.

– Não se preocupe.

– Você poderá levá-la de volta para o hotel mais tarde, também – ele disse a John. – Por outro bônus.

– Eu não o conheço Sr. Carrera – ele disse alegremente. – Eu nunca o vi em toda a minha vida.

Marcus riu – Esse é o espírito.

– Qual o tipo de disfarce a que ele se refere? – Delia perguntou.

– Não importa – ele replicou. – Eu pensei em almoçarmos antes de sair.

– Eu adoraria! – ela disse.

Ele se sentiu culpado por um minuto sobre o jogo que ele estava fazendo. Ele não queria machucá-la, mas ela estava dando a ele a conexão que ele precisava tão desesperadamente. Fora isso, ela o atraía de uma forma proibida. Ela era uma garota doce e ela iria mimá-la um pouco, assim ela não perderia se associando a ele. Ela não precisaria saber quem ele realmente era, e ele não planejava contar. Não até que precisasse, pelo menos.

Eles passaram pela ponte em direção a Ilha Paraíso, e na luz do dia ela pode ver a incrível variedade de barcos ancorados na marina. Havia veleiros, lanchas e ferry boats, carregando pessoas de Nassau para a Ilha Paraíso pela água ao invés da estrada.

– Olha só quantos barcos! – ela exclamou, olhando pela janela do táxi. – Tem um com uma caveira sobre um fundo preto!

– Ele deve ser um pirata então, não? – ele a provocou, seguindo o seu olhar.

Ela virou sua cabeça e o olhou diretamente nos olhos. Ela o sentiu forte e quente a suas costas, e todo seu corpo ficou tenso.

Ele viu isso, apreciou e saboreou. Ela não podia esconder nada dele. Aquilo era prazeroso, como o toque dos ombros dela em seu peito. Seus olhos se escureceram e ele se afastou abruptamente. Aquele não era o lugar, ele falou para si mesmo, mesmo que ele fosse louco o suficiente para fazer um movimento em direção a ela. Ele tinha de se lembrar onde estavam. Ele tinha que manter a mente nos negócios, não em Delia.

O cassino parecia diferente sob a luz da manhã, ela pensou quando saía do táxi. Enquanto Marcus estava pagando a corrida, Delia andou em direção a um canteiro de hibiscos e tocou as pétalas vermelhas com sua mão delicada. Ela amava flores. Ela tinha um grande jardim em sua casa, cheio de vários tipos de flores. Mas ela não tinha hibisco. Eles não resistiam ao inverno no Texas.

– Você gosta deles? – Marcus perguntou.

Ela assentiu. – Eu não consigo fazer com que eles cresçam em casa. O inverno é muito frio.

– Eu pensei que o Texas fosse quente.

Ela riu. – É, no verão. Mas no inverno chega a nevar de vez em quando, e fica bastante frio. Plantas tropicais só crescem em estufas, e eu não posso pagar por uma.

Ele se aproximou e pegou uma das flores colocando atrás da orelha dela. Ele sorriu. – Combina com você.

Ela riu. – Eu não sou bonita, mas você me faz sentir como se fosse. Isso soa tolo, eu acho.

Ele balançou a cabeça. Ele procurou aqueles olhos verdes e intensos. Ela corou, e ele sorriu. Ele se divertia por ela achá-lo atraente, e reagir tão faminta a ele.

Ela tinha vinte três anos. Ele estava certo de que ela já tinha alguma experiência, naquela idade. Ele tinha curiosidade de saber quanta. Mas ele não podia derrubar suas defesas. Ela iria se encaixar fácil no esquema das coisas. Ele tinha de mantê-la por perto.

– Você não vive no hotel? – ela perguntou.

– O chefe mantém uma cobertura aqui – ele disse evasivo. – Mas eu gosto do meu próprio espaço.

Ele a levou pelo jardim do hotel até um portão de ferro em um muro branco. Ele destrancou e a deixou entrar.

Lá havia um extenso gramado, flores e árvores. Atrás disso, em frente à praia, havia uma casa de tijolos brancos, arcos graciosos e um telhado vermelho de barro.

– Uau! – ela disse ao se aproximar. A varanda tinha mobília em vime branco, e vasos de flores em todo o lugar, enfeitando todo a beirada da varanda, sobre a cerâmica.

– Você gosta? – ele disse, sorrindo. – Eu achei que você gostaria. Eu adoro flores, também. Eu plantei a maioria. Alguns arbustos foram importados. Os hibiscos já estavam aqui, mas eu plantei mais alguns. Lá existe uma estufa, também, onde eu mantenho as orquídeas. Você pode ver a estrada daqui, alinhada as palmeiras.

– São aquelas com tronco branco, não?

– Sim.

– Aqueles são casuarinas? Ela adicionou, assentindo para as árvores alinhadas na área, perto da praia. Elas pareciam brancas, com galhos longos que se ondulavam com a brisa.

– E são – ele disse surpreso. – Não me diga que você tem desses no Texas – ele a provocou.

Ela negou com a cabeça. – Eu comprei um livro sobre plantas e árvores nativas no dia que eu cheguei aqui – ela falou para ele. – Tudo aqui é tão diferente!

– Eu gosto da paisagem, também – ele disse. – mas existe algo mais. É um lugar que nos relaxa, deixa você mais leve.

– Na sua linha de trabalho, eu acho que deve ser um alívio depois das brigas – ela disse.

– Hã?

– Trabalho de segurança – ele respondeu.

Ele sorriu tristemente. Ele havia esquecido do seu papel. – É verdade – ele disse. – Eu preciso de um lugar para esquecer os problemas do trabalho.

Ele a deixou entrar dentro de casa, abrindo os cômodos com piso em pedra, que deixava o ambiente mais fresco. Ela pensou como devia ser gostoso sentir aquelas pedras no pé descalço e não resistiu a tirar seus sapatos.

– Eu não vejo uma televisão – ela percebeu quando entraram na sala.

– Eu tenho uma no quarto – ele disse preguiçosamente – Junto com toda a parafernália eletrônica de segurança que usamos aqui. Smith tem uma na sua suíte. Eu tenho o resto.

– Sr. Smith vive com você? – ela perguntou, surpresa.

– Bem, não no mesmo quarto – ele disse indignado.

Ela riu de sua indignação. – Desculpe.

– Inferno, mulher – ele amaldiçoou, e depois riu. – Smith toma conta da casa para o, hã, chefe – ele adicionou. – Assim como eu, quando estou de folga.

Ela sabia que aquela era a casa dele, mas não o deixou saber. Ela olhou a sua volta, com aprovação.

– Deve ser ótimo, morar aqui, com o oceano tão perto.

– Eu não gosto muito da estação dos furacões – ele disse.

– Que é quando?

Ele franziu os lábios. – De maio até o final de setembro ou início de outubro.

Ela ofegou. – Nós estamos no final de agosto.

Ele riu com sua expressão. – Não se preocupe. Nós não temos tantos assim.

– A casa inunda?

– Costumava no passado – ele disse. – Eu... O chefe quero dizer... a reconstruiu uma vez. Do contrario, nós teríamos de drenar tudo e ter uma equipe entrando e saindo para limpar os danos causados pela água.

Ela assentiu, como se tivesse entendido.

Ele sabia que não havia. Ele se virou e a olhou. – Limpar danos causados pela água é um trabalho especializado – ele disse. – É a mesma equipe que combate incêndios.

– Oh!

Ele sorriu para ela. – Nunca tenha vergonha de admitir que não sabe algo, Delia – ele disse gentilmente. – Isso não é um crime.

Ela sorriu tristemente. – Desculpe. Eu não queria que você pensasse que sou uma idiota. Eu não conheço muito sobre o mundo.

– Fique comigo, garota – ele disse em um tom divertido – E eu a ensinarei.

Ela riu deliciada. – Que emocionante.

Ele franziu seus lábios e deu um olhar apreciador ao seu corpo delgado. – Você é a única coisa excitante por aqui. Vamos. Nós vamos terminar o tour e depois iremos até *Blackbeard's Tower*.

– Eu mal posso esperar!

Ele mostrou a ela a suíte master, decorada com móveis mediterrâneos pesados, carpete e cortinas em tons terra. Havia um grande banheiro, com uma banheira de hidromassagem. Os outros dois banheiros eram similares, só que menores. E havia uma lavanderia, também.

– Eu não a uso – ele disse com um sorriso. – Nós temos uma senhora, Lucy, que vem aqui todos os dias para cuidar da casa, ela cozinha para nós todos os dias, e dois dias por semana ela lava as roupas para mim e Smith. E o chefe, claro.

– Eu tenho um lavanderia, também, mas nenhuma Lucy.

Ele sorriu. – E essa é a garagem – ele adicionou, abrindo a porta.

Ela ofegou. Dentro haviam cinco carros. Um era a limusine que a havia levado ao hotel antes. E lá havia quatro outros, nenhum que ela reconhecesse. Bem, exceto o Jaguar prata. Os irmãos Ballenger em sua maioria dirigiam Jaguar, então ela conhecia sua aparência. Os outros eram incomuns, e ela nunca visto nada como eles.

– Vamos com esse – ele disse, guiando-a ao pequeno carro esporte vermelho.

– Uau – ela disse assim que se sentou. – Ele é bonitinho.

Ele tinha certeza que ela não sabia que aquele era um Alfa Romeo, assim ele não contou quanto custava. – Sim – ele concordou, acionando o motor da máquina – É bonitinho.

– Nós estamos indo ver o *Blackbeard's Tower* agora? – ela perguntou.

Ele riu. – Sim. Segure-se no seu lugar, benzinho. Esse carro corre.

Ele se ajoelhou no varro, saiu da garagem, e desceu correndo até a estrada. Tudo que ela viu foi uma mancha verde e branca no caminho para a estrada.

Uma vez que eles atravessaram a ponte para Nassau novamente, e alcançaram a estrada pavimentada, ela começou a relaxar. O vento nos seus cabelos era uma delícia. Ela não se preocupou com lenços ou grampos de cabelo. Ela fechou seus olhos e apreciou o vento.

– Você gosta dos elementos, não? – ele gritou por cima do barulho do motor.

– Perdão?

– Você gosta de ventos e tempestades.

– Sim. – ela gritou de volta, sorrindo.

– Eu, também – ele murmurou.

Eles passavam por casas pequenas e praias públicas, onde os moradores locais faziam surf. Havia casas afastadas atrás de portões feitos de ferro e bares de estrada onde turista podiam comprar bebidas e comida. Tudo era colorido. Muitas das casas pequenas eram pintadas em tons pastéis, rosas, azuis e verdes. Tudo parecia agradável e caloroso, e as pessoas pareciam sempre sorridentes.

Marcus acessou uma praia deserta por uma trilha suja que levava a ruína de um antigo edifício.

– É isso – ele disse, ajudando-a a descer do carro depois de estacioná-lo.

– A torre? – ela disse.

– Ela mesma. – ele levou-a para circular pelas ruínas de pedra e vegetação rasteira, uma construção circular com degraus de madeira, alguns até pareciam novos. – Muitos turistas não sabem desse lugar –

ele falou para ela. – Eles não podem provar que Blackbeard procurava navios carregando tesouros daqui, mas acham que sim. Lendas locais dizem que sim, de qualquer modo.

– Um pirata de verdade – ela disse entusiasmada. – Que excitante.

– Piratas circulavam por toda as Bahamas e Caribe – ele observou, ajudando-a na escadaria. – Woodes Rogers, que se tornou governador das Bahamas, foi um pirata, assim como Henry Morgan, que se tornou mais tarde governador da Jamaica.

– Renegados – ela meditou sem fôlego.

– Algumas vezes um criminoso reformado se torna um bom homem – ele disse brandamente.

Ela riu. – Assim dizem.

Ela chegou ao alto e olhou para fora através da janela de pedra cinza para o oceano. – É lindo – ela disse para si mesma, notando a incrível cor do oceano, o brilho da areia branca como açúcar na praia. Entre a torre e a praia existia algumas videiras. Um dos motoristas de táxi apontaram para elas e contou que elas foram usadas como placas no início quando estavam se estabelecendo.

– Você gosta de piratas? – ela perguntou, olhando-o com um sorriso maldoso.

Ele estremeceu. – Eles são meu tipo de pessoa – ele comentou, olhando para ela. – Eu sou um intruso.

Os dedos dela tocaram os dele, mas ela se sentia nervosa. Ele era formidável.

– Você ficaria surpreso com o número de caras durões que vivem na minha cidade. Temos desde ex-mercenários a ex-agentes do governo de missões especiais. Eu escutei que existe até mesmo um atirador reformado em algum lugar na cidade. Nosso chefe de polícia, Cash Grier, é um ex-agente, pelo menos foi o que eu ouvi.

As sobrancelhas dele arquearam. – Não diga – ele disse. Ele não contou que conhecia Cash Grier muito bem, ou que ele já havia escutado de Jacobsville. Ele havia ajudado Grier a proteger sua esposa Tippy, de ser vítima de mais um atentado após seu seqüestro no inverno passado.

– Eu preciso conhecer sua cidade – ele disse, estudando-a.

– Você seria bem-vindo – ela replicou, abaixando seus olhos timidamente. – Eu poderia levá-lo para conhecer nossos pontos turísticos. Não que lá tenha tantos lugares excitantes como aqui, mas Jacobsville já foi o centro da nação Comanche, e lá aconteceu uma famosa batalha.

– Você gosta de foras da lei, não?

Ela sorriu. – Bem, eles são interessantes – ela apontou.

– E perigosos.

Ela ergueu o seu queixo, demonstrando teimosia. – A vida é muito chata sem algum tempero.

Ele se aproximou um passo e tocou seu cabelo. Sua mão coçava com a necessidade de senti-lo, desde de que a apanhou no hotel. – Seu cabelo me fascina. Eu amo cabelos longos.

– Eu desconfiava – ela confessou sem respirar.

Ele riu. – Foi por isso que você o deixou solto? Por mim?

– Sim.

Ele ergueu uma sobrancelha. – Você não sabe mentir?

– É uma perda de tempo – ela disse simplesmente. – E complica tudo. – ele deixou sua mão cair.

Ela ia perguntar porque ele havia se tornado tão distante de repente, quando um ônibus de turismo parou ao lado do Alfa Romeo e estacionou.

– Parece que fomos descobertos – ele disse, sorrindo para ela, mas não com a mesma sensualidade de antes. – É melhor irmos.

Ela o seguiu descendo a escada. Eles chegaram no solo justamente quando seis turistas apareceram rindo, seguindo o guia turístico. Uma das mulheres era jovem, loira, sofisticada e usava jóias caras. Ela deu a Marcus um olhar quente com seus olhos azuis muito pintados. Ele a ignorou completamente, olhando os dedos de Delia entrelaçados nos seus enquanto assentia polidamente para o guia turístico e continuava andando.

A loira ergueu os ombros e virou o corpo.

Delia estava curiosa sobre a falta de interesse dele.

Ele deu a Delia um olhar afiado e riu sonoramente. – Eu posso não ser o Sr. América, mas o carro atrai mulheres – ele disse. – Mesmo que ele não seja meu – ele adicionou rapidamente. – Eu não gosto de mulheres que acham minhas posses atraentes.

– Eu suponho que seja humilhante – ela concordou, porque ela sabia o que estava falando. Uma série de mulheres através dos anos deviam ter gostado dele pelo dinheiro, seu poder, sua posição.

– Humilhante. – ele saboreou a palavra. – Sim, é uma boa forma de expressar isso.

Ele abriu a porta do passageiro e a ajudou a entrar. – Você é perceptiva – ele meditou.

Ela encostou sua cabeça no assento do carro – Todo mundo diz isso, mas eu não sou, não realmente. Eu só sei escutar.

Ele entrou no carro ao lado dela e passou o braço por trás do encosto. Ele a encarou até os olhos dela se abrirem e sua cabeça virar para ele.

– Saber escutar é um dom raro – ele disse. – A maioria das pessoas gosta de falar apenas delas mesmas.

Ela sorriu calorosamente. – Eu não sou tão interessante, e não tenho nada de muito valor para falar as pessoas. Eu faço alterações em roupas e colchas de retalhos. O que tem de excitante nisso?

– Como um companheiro que também produz colchas – ele apontou secamente – Eu acho isso muito excitante.

Ela se inclinou e sussurrou – Eu sei onde encontrar uma colcha floral que data de 1948, e a dona a venderia pelo preço certo.

– Querida! – ele exclamou.

Ela riu em puro deleite do brilho que surgiu nos olhos negros. – Você não é como eu imaginava um segurança – ela disse a ele. – O único leão de chácara que conheço se chama Tiny, que trabalha no restaurante e bar de estrada Sheas's, e ele, bem, não é muito bonito de se olhar.

– Muito menos a iguana do Sr. Smith, que também tem o nome de Tiny – ele riu ironicamente. – Devíamos apresentá-los qualquer dia.

– Que coincidência divertida. – ela ergueu a mão e traçou o nariz de Marcus – Seu nariz já foi quebrado? – ela perguntou.

Ele pegou sua mão e pressionou a palma em sua boca. – Apenas uma vez – ele disse. – Mas ele é tão grande que eu quase não senti – ele brincou.

Ela sorriu, olhando faminta para ele.

Ele sentiu um desejo incontrolável de se inclinar e beijá-la até ela perder o fôlego. Mas aquele era um lugar público e aquela não era a hora. Ele beijou a sua palma de novo e a devolveu.

– É melhor sairmos antes dos turistas voltarem – ele disse secamente. – Você quer comer?

– Eu quero.

– Ótimo, eu pedi para Lucy fazer salada de frutos do mar e fatiar manga ontem à noite. Vai ser frio e doce.

– Eu vou gostar disso – ela murmurou.

Marcus sorriu diante da radiante felicidade de Delia enquanto o vento soprava seus cabelos uma vez mais no pequeno conversível a caminho de casa. Ele notou que ela não havia protestado alegando que aquilo bagunçaria seu cabelo, ou reclamou sobre o vento. Ela parecia adorar isso.

Já fazia anos desde que ele não dirigia um carro com uma mulher em um encontro. Ele normalmente usava a limo e chamava Smith como motorista. Quando ele queria impressionar uma mulher, o que era raro nos dias atuais, a limo sempre fazia o trabalho.

Mas ele desconfiava que Delia não distinguia um carro esporte de um modelo doméstico, e ele estava certo. Ela era tão honesta, tão natural, que o fazia sentir-se uma fraude.

Ele deixou a pista pavimentada e se direcionou para o portão feito de ferro branco. Ele apertou um botão no carro e os portões se abriram.

Delia riu surpresa. – Como você fez isso?

– Mágica – ele a provocou. Ele entrou pelo portão dirigindo vagarosamente e este se fechou automaticamente atrás deles.

– Parecia diferente quando saímos – ela meditou assim que notou as palmeiras imperiais nos dois lados do caminho de acesso, com hibiscos, bougainvilias e jasmims tudo florido. Ao longe, a graciosas árvores casuarinas à frente da casa de tijolos brancos, tudo muito colorido e com flores variadas por toda parte.

Ele riu divertido. – Eu entendi a mensagem. Eu irei devagar para você poder ver tudo agora.

– Seu chefe deve considerá-lo bastante, para deixá-lo viver num lugar espetacular como este.

– Você realmente gostou? – ele perguntou, satisfeito com seu entusiasmo,

– Oh, eu adorei – ela disse quase num sussurro quando ele parou e desligou o motor. Os olhos dela estavam em todos os lugares, suaves enquanto descansavam sobre as flores. – É tão lindo.

Outras mulheres que ele havia convidado usaram adjetivos diferentes: maçante, chato, rústico. Era muito pequeno, ou muito primitivo, ou muito longe da cidade. O centro da questão era que elas haviam detestado. Ele era louco por aquilo. Ele passava horas trabalhando nas flores, colocando fertilizantes e estudando o paisagismo.

– Você deve ser um jardineiro maravilhoso – ela murmurou enquanto saía do carro e andava sobre as pedras do piso do pátio em direção aos degraus amplos da varanda. – Eu nunca havia visto tantas flores! E essa árvore parece... Não, não pode ser – ela hesitou.

– É exatamente o que ela parece, uma *Umbrella plant* – ele confirmou. – E aquela é um *Norfolk Island Pine*.

– Mas ele é enorme.

– Comparada com os plantados em vasos existentes nos Estados Unidos, ele certamente é. Mas aqui ele está no seu elemento natural, e cresce como louco.

– Ele é lindo – ela disse solene.

Ele sorriu. – Eu também acho isso.

Ele levou o carro para garagem e seguiu para a cozinha, colocando a chave do carro de volta no bolso.

Ele abriu a geladeira e retirou uma enorme vasilha contendo salada de frutos do mar e um prato com fatias de manga. – Temos torta de limão também, se você gosta de limão.

– Oh é a minha favorita – ela se entusiasmou.

Ele riu. – Nós a teremos como sobremesa. É a minha favorita, também. – ele pegou os pratos e copos e ela os colocou na mesa, arranjando os talheres de prata e guardanapos à mesa.

– O que você quer beber? – ele perguntou.

– Eu gosto de chá gelado, mas leite está bom.

Ele lhe deu um olhar curioso. – Eu usualmente tomo café...

– Isso seria ainda melhor, mas eu não queria dar trabalho – ela adicionou. – Você já teve muito trabalho com isso.

Ela estava constantemente o surpreendendo. Ninguém iria querer comer sobras lá, quando havia vários restaurantes cinco estrelas por toda Nassau. E lá estava ela preocupada por dar mais trabalho a ele. Ele estava impressionado por Delia e sua companhia espirituosa.

Eles comeram a refeição leve sem pressa, e tomaram um segundo copo de café na varanda, olhando as árvores casuarinas, e além delas, a areia branca e o turquesa das águas do Oceano Atlântico.

Nuvens pesadas, escuras e baixas começaram a se formar em volta deles. O sol havia saído cedo, mas uma tempestade estava claramente se formando na baía.

– Você gosta de tempestades? – ela perguntou ausente enquanto encostava-se ao tronco de uma palmeira, olhando o movimento das ondas no mar.

– Sim. Eu imaginei que você gostasse – ele replicou.

Ela sorriu. – Eu deveria ter medo delas, por que raios me apavoram, mas eu amo tempestades. Eu amo a fúria do vento, e o som da chuva caindo. Nós temos um telhado de metal em nossa casa. Quando

chove, é como uma canção de ninar metálica, especialmente à noite. Eu não sei porque, chuvas me fazem sentir segura.

Ele estava estudando seu rosto com intenso interesse. Seus olhos escuros descendo por sua figura esbelta naquela roupa branca, e ele considerou como ela seria por debaixo delas.

Como se respondesse a um comando mental, o céu se abriu num estouro e uma chuva torrencial começou a cair imediatamente.

Delia ofegou quando a chuva encharcou sua blusa, saia e ensopou seu cabelo.

Rindo, Marcus, pegou na mão dela e juntos correram para a proteção do telhado do pátio, ela estagnou com suas roupas pingando perto de uma parede, tentando sacudir a água da saia.

Os olhos de Marcus escureceram e brilharam subitamente, e ele a olhava com uma expressão que ela não conseguia penetrar.

Quando se olhou, ela entendeu. O tecido estava transparente. Ele podia ver através das roupas, direto para seu sutiã e calcinha. Era como estar nua.

Ela tentou se cobrir com as mãos. Segundos depois, Marcus a empurrou contra a parede segurando seus pulsos contra a parede, enquanto seu joelho separava sua coxas e seus olhos iam para seus seios.

Instintivamente ela começou a lutar lembrando de Fred.

– Eu não vou machucá-la – ele sussurrou suavemente, olhando em seus olhos. – Eu não vou forçá-la. Confie em mim.

O rosto dela ficou corado quando ele abaixou os olhos novamente, vagarosamente encostando seus quadris com o dela enquanto o vento soprava a volta deles.

– Seus seios são incríveis – ele disse roucamente. – Eu me sinto queimando só de olhar para eles. E sua boca tem a mais sedutora curva no lábio inferior...

Enquanto falava, ele se inclinava. Ele tomou a boca dela vagarosamente e carinhosamente, enquanto sua língua invadia a boca dela e elevava os batimentos cardíacos dela no limite. A mente dele estava dizendo que ainda era muito cedo para isso. Seu corpo não estava escutando.

Nem o de Delia. Jogando a precaução para o alto, ela o abraçou pelo pescoço e abriu sua boca sob a dele.

## **CAPÍTULO 5**

A reação de Delia foi inesperada e ardente, um pouco assustadora para uma mulher que nunca havia deixado um homem acariciá-la. Marcus era obviamente um homem de bastante experiência, e que sabia como ultrapassar as reservas de uma mulher.

O corpo grande dele roçava no dela com enorme sensualidade, em movimentos preguiçosos que a faziam tremer com novas sensações. O joelho dele separava as pernas dela para poder se encaixar entre delas.

Ela ofegou e enrijeceu com aquele prazer explosivo.

Ele separou seus lábios alguns centímetros dos dela. Sua respiração era pesada, seus olhos negros brilhavam. – O que está errado? – ele perguntou roucamente.

Ela estava fora de si e não sabia como contar para ele. Ele parecia achar que ela era muito mais experiente do que na verdade.

– Muito rápido? – ele sussurrou, mordendo sua lábio de leve. – Eu vou mais devagar. Está melhor?

Melhor? Aquilo era uma tortura! A mão dele acariciava seu pescoço, seu ombro, e com uma lentidão angustiosa as curvas suaves de seus seios sobre o tecido.

Sua perna tremia. As mãos dela se apoiaram no ombro dele como suporte. Ela se sentia tonta, com aquela sensação mágica dos dedos dele sobre sua pele. Ele a provocava subindo e descendo seus seios vagarosamente, fazendo com que ela ansiasse por satisfação.

Ela arqueou sua coluna gentilmente, levando assim os dedos dele mais para baixo, ele ergueu a cabeça, encarando-a curioso.

– Você é tímida – ele disse divertido, rindo ternamente. – Eu não consigo acreditar.

– Sempre fui tímida – ela sussurrou, estremeecendo quando os dedos dele chegaram ao seu mamilo.

– Mas não há nada frio em você, há? – a respiração dele próxima aos lábios dela. Ele mordiscou o mamilo dela ternamente, saboreando com sua língua antes de seu dente fechar gentilmente sobre ele. Ao mesmo tempo, a mão dele cobriu um seio sob a blusa. Ela revirou os olhos com a força da sensação prazerosa. Seu choro suave de prazer foi capturado por um assalto duro e demorado da língua de Marcus que começava a penetrar sua boca de forma longa e profunda.

O corpo dela não mais lhe pertencia. Ela sentia os quadris dele sobre o dela, intimamente pressionados entre as pernas dela. O contato próximo era agonizante. As mãos dele estava sob a blusa agora, debaixo do sutiã, contra a sua pele. Ela se ergueu na direção dele, estremeecendo ritmicamente sentindo confiança nos quadris dele sobre os dela.

– Isso não é bom – ele gemeu. – Eu não consigo parar.

Ela não conseguiu protestar quando ele a pegou no colo e a carregou para dentro de casa, o desejo dele era tão grande que ele não conseguia nem pensar.

Ela se recostou no peito dele, sentindo os batimentos cardíacos e o calor dele, a respiração dela acompanhava cada passo. Ela estava tremendo com um desejo selvagem, tão poderoso que ela não podia suportar a idéia de parar.

Ele a carregou para a suíte master, chutando a porta a frente dele. Ele mal teve tempo de trancá-la antes de cair sobre ela na colcha marrom que cobria a cama.

Ele arrancou sua camisa e a dela, eles estavam peito contra peito agora, enquanto se beijavam com uma paixão ardente e angustiada.

As mãos dele ajudaram-na a tirar sua roupa molhada, jogando-a no carpete. Ela estava nua debaixo dele, e o único pensamento dela eram as mãos dele sobre sua pele gelada e nua. Ela se movia enquanto ele tocava lugares onde ninguém nunca a havia tocado.

Quando a boca dele desceu em direção ao seu pescoço e chegou ao seus seios ela arfava com a explosão de prazer. Quando ele colocou a boca em seu mamilo e deslizou sobre ele, ela estremeceu. Ela sentiu uma onda de calor na parte mais baixa de seu corpo. Ela estava cega, surda, muda para qualquer coisa fora daquela sensação.

– Você está tomando alguma coisa? – ele sussurrou sobre seus lábios.

– Você diz... pílula ou vacina anticoncepcional?

– Sim.

– Não – ela sussurrou miserável.

– Tudo bem – ele disse roucamente. – Você não precisa se preocupar. Eu sou saudável como um cavalo. Eu tenho algo para usar, e cuidarei de você.

Ela teria que ter muita força de vontade para entender o que estava acontecendo. Ela tinha vinte três anos, e nenhum homem a havia querido realmente. E ela certamente nunca quis tanto alguém. Uma voz na sua cabeça gritava avisos, mas ela não queria ouvir nada.

Ele se levantou tirou a roupa, deixando-a assistir. Quando ele arrancou o short tipo boxeador que usava e ela o viu por inteiro, ofegou. Ela já havia visto uma ou outra foto de homens sem roupa. Mas nenhum deles se comparava a Marcus.

Ele gostou da forma como ela o encarava, isso o deixou ainda mais excitado. Ele pegou um envelope na sua carteira e a fez sentar-se na cama.

– Coloque para mim – ele disse asperamente.

Ela ficou vermelha. – Me desculpe – ela gaguejou. – Eu não... bem, eu não sei como.

Ele fez uma careta, mas não registrou a estranha declaração devido ao desejo. As mãos dele tremiam. Ele não lembrava de ter ficado em tal estado com nenhuma outra mulher antes. Talvez fosse a longa abstinência.



Ele colocou a proteção no lugar em tempo recorde. Ele deitou o corpo dela na colcha, os olhos dele intensos, o corpo tencionado de desejo.

– Não... não me machuque – ele disse fracamente.

A hesitação dela o confundiu, mas ele já havia ido muito longe para fazer perguntas.

– Eu cortaria meu braço antes de machucá-la, querida – ele sussurrou. – De fato, isso vai ser a hora mais gostosa da sua vida. Eu prometo.

Enquanto falava, ele se inclinava sobre o corpo dela e a boca dele descia suave e quente sobre sua pele.

Em toda leitura e pesquisa sobre o assunto que já havia feito, e ela havia lido bastante, nada a preparou para os minutos que se seguiram. Ela estava chocada, deliciada e mergulhando em sensações desconhecidas. Ela devia ter protestado, pelo menos uma vez, mas ela não conseguia dizer uma simples palavra. E ao invés de reclamar, ela abriu suas pernas para ele, erguendo seus quadris na direção dele, estremecendo ao tomento daqueles beijos vagarosos, conhecedores e gentis que pediam por um alívio.

Ele ergueu a cabeça e olhou o rosto dela enquanto a mão dele a acariciava com superioridade e conhecimento, fazendo-a subir nas alturas.

Ele voltou para beijá-la na boca. – Você está pronta para mim – ele sussurrou roucamente. – Você quer me sentir dentro de você?

Ela gritou em tormento. – Sim.

Uma perna longa e poderosa foi colocada entre as pernas de Delia enquanto uma das mãos dele ergueu o quadril dela fazendo com que ficassem intimamente juntos.

Os olhos dela abriram-se quando ele começou a se mover. Ele viu os olhos dela abertos em choque, com curiosidade.

Quando ela enfiou suas unhas duramente nos braços de Marcus, e ele sentiu a razão daquela repentina imobilidade, ele começou a entender o que estava acontecendo.

Ele parou um segundo, sua respiração pesada enquanto procurava os olhos dela. – Se eu sou seu primeiro homem, é melhor você me falar rapidamente – ele disparou.

Os olhos dela pareciam torturados. A resposta estava neles, total e vívida.

Ele respirou rápido e trêmulo, engolindo com dificuldade. – Tudo bem – ele sussurrou reassegurando-a, puxando o ar profundamente para ir mais devagar, procurando deixar a angústia e a necessidade de lado. – Eu não vou me mexer de novo. Você vai – ele disse gentilmente. – Vamos. Eu a deixarei controlar.

– Eu não sei como – ela sussurrou. – Eu sinto muito...

– Pelo amor de Deus, não há nada para se desculpar! Aqui. Venha mais para perto de mim – ele disse com urgência. – Vamos, querida, eu não posso segurar mais. Vai!

Ela o obedeceu, fazendo uma careta de dor quando ele entrou fundo nela.

– De vagar – ele sussurrou. A mão dele movendo entre eles procurando e encontrando o ponto secreto que controlava o prazer dela. Ele a tocou carinhosamente deixando-a cada vez mais sensível, até ela ofegar e começar a se mexer a favor dele ao invés de para longe dele. – Faça de novo. E de novo. Assim.

Ela sentiu a dor diminuir, e o prazer crescer, com o toque experiente de Marcus.

– Boa garota. Assim. Eu a levarei ao limite do prazer e quando você cair eu irei junto – ele sussurrava sensualmente contra sua boca. – Eu vou entrar em você rápido e fundo...

Ela gemeu roucamente ao impacto das palavras e do toque sensual, tudo ao mesmo tempo, não havia tempo. Ela gritou alto em êxtase quando o corpo dela explodiu numa sinfonia de prazer.

Ela estremeceu, seus olhos estavam meio fechados, seu corpo movia ritmicamente enquanto ela se movia com ele furiosamente e sentia o poder dele sobre ela. Ondas de choque e calor ferviam ao som da respiração de cada um. Ondas de prazer começaram a levá-la a uma terrível tensão de encontro ao êxtase.

Ela pensou que o prazer iria acabar logo, mas com a penetração mais funda do corpo dele no dela, o clímax dela foi a uma altura maior, uma que certamente iria matá-la. Era quase doloroso. Ela soluçava enquanto ele gemia roucamente. Os movimentos dele, como os dela, eram involuntários. Aquilo era tão doce que ela chorou.

Quando o mundo entrou em foco novamente, ela estava abraçada a ele com toda a sua força e ainda soluçando.

– Você sentiu? – ela sussurrou contra o seu pescoço. – Você sentiu, também?

– Claro que sim! – ele caiu sobre ela, jogando todo o seu peso enquanto tentava recuperar seu fôlego.

– Eu nunca senti isso na minha vida! Eu ainda te quero. Você pode me sentir? Eu estou louco por você!

– Você... está?

Ele ergueu sua cabeça e a encarou com olhos cheios de curiosidade. Olhos virginais. Ela não tinha a mínima idéia do que acontecia. E agora era tarde demais para voltar atrás. Ele moveu seu quadril em experiência, ela ofegou, arqueando-se para ele, enquanto ele recomeçava os movimentos.

– Você pode fazer de novo? – ela sussurrou ternamente.

– Sim – ele replicou, o corpo dela se movimentando de encontro ao dele.

Ele cerrou seus dentes. – Eu não consigo parar – ele gemeu.

Ela aproximou-se mais e tocou a face dele, levando seus dedos aos cabelos escuros e ondulados. – Eu não me importo – ela disse timidamente, nunca se sentindo tão próxima de alguém antes. Ele era parte dela agora, em todos os sentidos.

– Me perdoe – ele disparou enquanto a beijava apaixonadamente.

Ela queria contar a ele que não havia nada para perdoar, mas a febre já a havia dominado. Ela sentiu as primeiras ondas de prazer e fechou os olhos.

Muito tempo mais tarde, ela abriu seus olhos e percebeu que havia dormido. Enquanto ela olhava a riqueza da pele nua, dele e dela sobre os lençóis, ela sentiu culpa e embaraço. Ela estava guardando sua castidade para o casamento. Nunca ocorreu a ela entregá-la a um homem que conhecia há apenas um dia! Ela estava horrorizada por ter permitido.

Porém ela não podia culpá-lo. Ela não havia feito um único protesto. Ela era tão culpada quanto ele. Ela ainda podia se lembrar da urgente necessidade, como uma sede insaciável em ambos. Não havia um meio de para aquilo. Tudo havia acontecido muito depressa.

Pelo menos não haveria conseqüências, ela se consolou. Eles haviam usado proteção.

Ele abriu os olhos, espreguiçou-se, e deu a ela um olhar longo e calmo antes de se sentar e colocar o rosto dela entre suas mãos quentes e grandes. – Eu não planejei isso – ele disse, seus olhos escuros e firmes. – Não era minha intenção. Eu perdi o controle quando comecei a beijá-la.

– Eu sei – ela disse miseravelmente. – Eu perdi o controle também.

Ele a beijou suavemente. – Pelo menos diga se você gostou, assim eu não me sentirei tão mal.

Ele soou sinceramente aborrecido. Ela ergueu seus olhos para ele, envergonhada. – Foi à experiência mais incrível da minha vida – ela confessou. – Eu... amei isso.

– Assim como eu – ele replicou rousamente. – Isso valeu qualquer coisa. Até minha vida.

Ela procurou os olhos dele curiosa. Ele não parecia o tipo de homem que considerava o sexo um ato solene, mais o oposto. Porém ele parecia bastante sério.

– Delia, eu nunca estive com uma virgem – ele disse seu tom profundo e carinhoso. Sua voz estava rouca e sincera. Ele tocou seu rosto ternamente. – Eu não podia acreditar, mesmo enquanto tudo acontecia.

Ela não conseguia responder para ele. Ela sentia-se confusa.

– Eu não a machuquei muito, machuquei? – ele persistiu.

Ela negou com a cabeça. – Só um pouquinho. Sério.

Ele a puxou para fora da cama com ele e a empurrou em direção ao banheiro. – Vamos tomar um banho. Então nos sentaremos e conversaremos.

– Um banho?

– Na banheira de hidromassagem – ele disse.

Ele abriu a torneira e pegou o roupão e toalhas. Quando a banheira estava cheia, ele ligou a hidro. A sensação foi celestial, embora a água tivesse incomodado um pouco no início suas partes femininas doloridas.

– Eu estava com medo disso – ele murmurou desculpando-se. – Está muito dolorido?  
– Nem tanto – ela disse. – Eu estou bem, realmente.  
Ele encostou-se na banheira e fez uma carranca.  
– A alguma coisa errada? – ela supôs. – O que?  
– Você sabe que nenhuma forma de controle de natalidade é 100%? – ele perguntou gentilmente.  
O coração dela pulou uma batida. – Sim.  
Ele suspirou. – Delia, o que eu usei só vale para uma vez, eu usei duas.  
– E...?  
– Ela estourou.  
Ela se sentiu incerta. Seu olhar ficou tumultuado.  
Ele fez uma careta. – Escute, eu cuidarei de você, se alguma coisa acontecer – ele falou para ela.  
– Você quer dizer... um aborto...?  
– Não! – ele pareceu horrorizado. Ele parou. – Você...?  
Ela negou. – Eu não poderia.  
Ele relaxou e espreguiçou-se, fazendo caretas quando os músculos protestaram. Ele a viu assistindo e sorriu. – Eu sinto minha idade às vezes. Eu sou mais velho que você. Muito mais velho. – ele a olhou preocupado. – Você me acha velho?  
– Não seja tolo – ela disse, sorrindo.  
Ele respirou longamente. – Diabo, eu não sei onde eu estava com a cabeça. Era para ser um almoço e uma visita à torre do pirata. Agora olhe para nós.  
Os olhos dela desceram para o seu tórax coberto de pelos escuros e para seus braços musculosos. Eles eram muito fortes. Ela se lembrou do poder daquele corpo grande sobre o dela, mergulhando no dela em um ritmo furioso.  
Ela corou.  
Ele ergueu uma sobrancelha. – Ora, ora – ele murmurou. – Memórias agradáveis?  
Ela jogou sua toalha de banho nele.  
Ele gostou daquilo, e demonstrou. Ele pegou a toalha e se moveu repentinamente, formando grandes ondas na água, e aprisionando-a na lateral da banheira. – Agora, fique tranqüila – ele sussurrou, beijando-a enquanto suas mãos enormes procuravam aqueles seios macios, explorando-os famintas. – Você está dolorida, e eu esgotado.  
Ela o abraçou no pescoço e o beijou também, faminta. O corpo dela cantava. Ela tremia relembrando aqueles prazeres. – Você é como dinamite – ela sussurrou oscilante.  
– Assim como você. Explosiva. Apaixonante. Deliciosa. Eu poderia comer você viva.  
– Eu pensei que fosse o que estávamos fazendo – ela provocou, beijando-o com sensualidade, sentindo, pela primeira vez, seu poder como mulher.  
– Delia, isto é loucura. Nós dois estamos loucos! Nós não podemos ter este tipo de complicação – ele gemeu.  
Ela esfregou seus seios contra o tórax dele e se moveu sedutora. – Não podemos? Você tem certeza?  
Ele a beijou novamente, saboreando a sensação do corpo nu dela junto ao dele. – Você não sabe o que é isso – ele disse preocupado. – Nós vamos nos querer o tempo todo. Você vai ver. As pessoas vão saber.  
– E isso importa? – ela perguntou seu olhar perdido em nuvens de prazer.  
– Sim, meu bem importa – ele replicou solene, erguendo sua cabeça. – Você não sabe quem eu sou, o que eu sou. Você não sabe o quão perigoso isso é.  
Foi aí que ela lembrou o que Barney e Barb haviam dito para ela. Isso assaltou sua mente como uma triste realidade. Ela ergueu seus olhos para ele, um olhar assustado, traindo seu conhecimento.  
Ele estremeceu – Você sabe quem eu sou, não? – ele perguntou a ela. – Você já sabia quando a peguei no hotel.  
Ela mordeu seu lábio inferior preocupada.

Ele a afastou e saiu da banheira, água escorrendo do seu corpo antes de alcançar o roupão branco que enfatizava ainda mais sua complexão morena.

Ela se levantou da banheira também e pegou uma das grandes toalhas de banho, enrolando-a em seu corpo com embaraço.

Ele se virou com um longo suspiro e seu rosto estava devastado. – Eu não queria que você soubesse – ele disse rispidamente. – Pelo menos, não agora. Não até que você me conhecesse melhor.

Ela deu um riso inanimado. Como se eles pudessem se conhecer melhor fisicamente!

– Foi sua irmã que contou, ou Barney? – ele persistiu.

Ela puxou o ar longamente. – Ambos.

Ele não foi para mais perto dela, mais queria. Ele queria pegá-la em seus braços e confortá-la. Ele imaginou o que deveriam ter dito sobre ele, sobre seu passado. Ele não era mais assim. Ele havia se regenerado de todos os modos, mas não podia lhe contar isso. Ele não podia admitir que havia desistido de sua antiga vida. Muita coisa dependia de suas ações. Ele não podia se dar ao luxo de confiar em ninguém, menos ainda em uma mulher que havia acabado de conhecer, a despeito dos sentimentos incomuns que ela o fazia sentir. Ele já havia sido traído por uma mulher em quem confiava, e aquele incidente quase lhe custou a vida.

Ele a estava assistindo, esperando, inquieto.

Ela se sentia doente. No calor do momento ela havia esquecido tudo o que sabia sobre ele. Agora, quando era tarde demais, sua razão voltava.

– Eu não sou tão mal quanto me pintam – ele disse após um minuto. – Eu não sou procurado em nenhum lugar dos Estados Unidos. De fato, eu só fui preso uma vez, quando tinha vinte anos. Mas as queixas foram retiradas. O resto é história.

Aquilo fez a diferença. Ela relaxou um pouco enquanto olhava para ele. – Eu não conheço muito sobre o mundo real – ela disse depois de um minuto. – Eu fui protegida minha vida inteira, especialmente, por Barb. Eu só tive dois encontros, e eles saíram correndo depois de Barb fazer um sermão quando foram de novo a minha casa.

Ele ergueu uma das sobrancelhas em divertimento. – Sua irmã intimidas os homens?

Ela assentiu. – Ela é formidável.

– Você tem medo dela?

– Não exatamente medo. Mas eu quase nunca a desobedeço.

Ele estremeceu preocupado. – Você contou a ela que iria sair comigo?

Ela ficou escarlate.

– Uh-huh – ele murmurou.

– Ela me disse para não sair com você – ela explicou.

Isso o fez sentir-se melhor, se ela se arriscava a entrar em atrito com sua irmã por ele, ela devia sentir alguma coisa.

– E você queria vir – ele disse suavemente.

Os olhos dela procuraram os dele com angustia. – Foi só nisso que eu pensei – ela confessou. – Eu queria muito vê-lo.

– Eu queria vê-la, também. – ele foi para perto dela, as mãos dele puxando-a pelos ombros. Eles ficaram próximos. – Não desista de mim – ele a persuadia. – Eu não posso fazer nenhuma promessa agora, mas eu não consigo suportar a idéia de perdê-la.

Ela sorriu fracamente. – Eu também.

As mãos dele foram para a face dela. Ele procurou os olhos dela faminto antes de beijá-la com ternura.

Ele a abraçou apertado e a beijou até os lábios dela ficarem sensíveis.

– Fique comigo esta noite – ele gemeu contra os lábios dela.

– À noite... toda?

– A noite toda, Delia. – ele ergueu a cabeça. – Sim, eu sei, nós dois estamos doloridos demais para qualquer coisa, exceto ficarmos abraçados, mas eu quero isso. Eu quero isso mais do que eu posso dizer.

Assim como ela. – O que eu posso contar ao recepcionista do hotel se Barb ligar e perguntar onde eu estava? Ela vai ficar desesperada.

– Eu tenho uma amiga chamada Karen. – ele sorriu quando ela ficou enciumada. – Ela tem sessenta anos e adora conspirações, especialmente as românticas. Ela contará a sua irmã que vocês se conheceram no cassino e você aceitou uma oferta de velejar. Ela tem um iate.

– Ela tem? – ela exclamou. – Eu nunca velejei!

Ele riu quando viu o entusiasmo nos olhos dela. – Você gostaria de passar um dia no mar? Eu a chamarei agora.

Ele segurou as mãos de Delia enquanto ia ao quarto pegar seu celular no bolso de sua calça jogada no chão. Ele jogou a calça na cadeira e apertou um botão no seu celular.

Ele se jogou numa poltrona e puxou Delia para o seu colo. – Oi, Karen – ele disse com voz sorridente. – Como vão as coisas?

Houve uma pausa. Ele puxou Delia e beijou seus cabelos. – Eu tenho uma garota – ele disse. Houve outra pausa, e ele riu. – Não, ela não joga, nem bebe, é do Texas e ensina a fazer acolchoados. – outra pausa. Ele riu novamente. – Isso é exatamente o que estava pensando. Quando você gostaria de conhecê-la? Ela nunca esteve em um barco.

Ele virou a cabeça na direção dela e olhou mais para baixo com olhos quentes brilhantes. – Nós a encontraremos na marina às 10 horas da manhã. Você leva a cesta de piquenique. Pode apostar! Até amanhã.

Ele desligou e fechou o aparelho tipo flip. – O que está errado? – ele perguntou quando ela estremeceu.

– Eu não tenho uma troca de roupas – ela disse. – Eu tenho de ir ao hotel...

– Bobagem. Qual o seu tamanho?

– Eu é... trinta e oito – ela replicou.

Ele pegou o telefone de novo e falou, mas dessa vez em espanhol fluente. Ele assentiu, falou novamente e desligou. – Eles mandaram uma seleção de shorts, saias, e vestidos de verão. Você já tem aquelas coisinhas pequeninas e rosas – ele provocou, indicando-os no chão.

– Você pode fazer isso? – ela gaguejou. – Quero dizer, ligar apenas e pessoas trazerem a loja para você?

– Bibi é minha prima – ele disse vagarosamente. – Ela tem uma boutique na cidade.

– Mas ela não me conhece.

– Eu pedi a ela para trazer tons pastéis, rosas, azuis e amarelos – ele disse. – Eu notei que gosta dessas cores.

– Você é simplesmente... maravilhoso – ela conseguiu dizer.

Ele sorriu e inclinou-se para beijá-la suavemente – Espere – ele sussurrou. – Você ainda não viu nada. O que você quer para o jantar?

– Não pode ser assim tão tarde – ela começou.

Ele puxou um relógio da mesa ao lado da poltrona. Era surpreendente eles estarem naquele tempo por três horas.

Ela tentou começar a falar mais não conseguiu.

Ele se inclinou novamente e beijou suas pálpebras. – Eu sei que tudo pareceu rápido, mas não foi – ele sussurrou. – E nós dormimos.

Ela olhou para o rosto dele com os olhos bem abertos e curiosos. – Eu nunca fiz nada parecido com isso – ela disse, tentando fazê-lo entender. – E u demoro uma vida só para definir o que comer em um restaurante. Eu não faço nada sem pensar.

– Mas você entrou nisso de cabeça e agora está assustada – ele disse perceptivo. – Se isso significa alguma coisa, aconteceu o mesmo comigo. Eu geralmente penso antes de agir. Eu não sou impulsivo. Mas isso foi além do meu controle.

– Isso era o que eu estava pensando.

Ele tocou os lábios dela com seus dedos, notando que eles estavam um pouco inchados. – Você estava se guardando para o casamento, não?

Ela assentiu tristemente.

– E você quer filhos, uma casa, um lugar para pertencer.

– Sim.

O dedão dele roçou o lábio inferior dela e ele fez uma carranca. – Você me quer assim, desse jeito? Você gostaria que eu te pertencesse?

Os lábios dela se abriram com os sentimentos que surgiam. – Oh, sim.

Ele ainda estava carrancudo. – Ninguém nunca me quis assim – ele disse ausente. – Por meu dinheiro, claro, para uma noite, um caso. Mas não para o resto. Uma casa e crianças.

– Por que não? – ela considerou.

– Talvez eu gostasse do tipo errado de mulher.

– Que tipo? – ela perguntou, porque estava genuinamente curiosa.

– Mulheres bonitas, com pernas longas e nenhum escrúpulo – ele disse simplesmente. – Modelos, dançarinas, até mesmo atrizes. Elas gostam de carros bonitos, dinheiro fácil e muitas jóias.

– Mulheres piratas – ela disse, tentando não parecer com ciúmes.

Seus olhos chispava de raiva. – Porque... está com ciúmes... - ele disse entre surpreso e divertido.

– Porque eu teria ciúmes de beleza e talento? – ela perguntou triste. – Quero dizer, eu sou tão linda de morrer e tão talentosa...

– Você é bonita, especialmente no coração – ele a interrompeu. – E eu considero fazer colchas uma arte.

– Eu nunca fui considerada atraente pelos homens.

– Isso é o que você pensa – ele disse com um sorriso.

Delia piscou seus olhos – Eu nunca vi nada – ela protestou.

Ele a abraçou apertado e sorriu para ela. – Eu já falei para você, beleza está nos olhos do observador. Para mim, você é um arraso.

Ela o olhou com suspeita. – Você não está dizendo isso porque sente culpa?

Ele negou com a cabeça. – Eu valorizo a honestidade. Assim como você. – ele se sentiu culpado por dizer isso, porque ele estava envolvido na maior mentira da sua vida, e não podia falar para ela.

## CAPÍTULO 6

O hotel mandou o jantar pedido por eles para a casa em uma van. Eles dividiram coquetel de camarão, bife com salada, e uma garrafa de champagne. Mas Marcus a manteve no quarto quando eles chegaram porque não queria que seus funcionários descobrissem que havia uma mulher em sua casa.

– Não é que eu tenha vergonha de você – ele falou para ela quando sentaram a mesa para saborearem a deliciosa comida. – Mas eu não quero que seu pessoal fique sabendo.

– Especialmente Barb.

– Sim.

Ela terminou seu jantar e pegou um pedaço de bolo de limão recheado enquanto Marcus colocava café fresco em suas xícaras.

– Está deliciosa. – ela disse saboreando. – Eu posso fazer um bolo de limão, mas não assim.

– Eu pedirei ao *chef* a receita e você faz um para mim.

– Mas você tem um *chef* – ela argumentou.

Ele pegou a mão dela sobre a mesa. – Nada se compara a comida feita em casa. O caminho para o coração dos homens...?

Ela sorriu.

– Karen vive nas Bahamas há muito tempo? – ela perguntou.

Ele assentiu. – Ela é inglesa, veio aqui de férias, e nunca mais voltou para casa. Ela era antropóloga – ele adicionou. – Ela foi a escavações no Egito quando era jovem. Agora, está feliz em cavoucar os jardins de sua casa e tricotar.

– Ela também faz acolchoados?

Ele assentiu. – Ela me ensinou a fazer peças com máquina de costura, embora eu raramente as use. Eu prefiro as feitas à mão.

– Eu também – ela concordou.

O telefone celular começou a tocar de repente. Ele o atendeu e escutou. – Não – ele disse secamente. – Não, eu não posso. Não hoje. – ele olhou para Delia pensativamente. – Isso é culpa sua, não minha. Quanto tempo você vai ficar em Miami? No final de semana. Sim. Você pode falar comigo quando retornar. A gente se vê. Eu disse, a gente se vê. Sim.

Ele desligou e discou logo em seguida. – Smith? Escute, eu não quero receber mais nenhuma chamada hoje. Eu estou deixando tudo com você. – ele escutou. – Fale para eles que eu estou indisponível até amanhã à noite. Entendeu? – ele franziu os lábios. – Não é da sua conta. Faça o que estou mandando. Se acontecer alguma emergência, você resolve. Sim, eu concordo. Tudo bem, obrigado.

Ele colocou o telefone de lado e pegou um pedaço de bolo de chocolate. – Você não gosta de chocolate?

– Eu tenho enxaqueca quando como – ela disse. – Eu não quero arruinar o dia de amanhã.

Ele sorriu e comeu a sobremesa com gosto.

Ele gostava de dormir com as janelas abertas, Delia notou. Ela deitou nos braços dele na cama king-size e pensou em como seria difícil explicar isso para Barb. Então ela sentiu o calor próximo a ela, e pensou na intimidade que eles estavam vivendo e não se importou. Qualquer que fosse o custo, ela estava verdadeiramente feliz pela primeira vez em muito tempo. Ela aceitaria as consequências e lidaria com elas quando chegassem. Ele a sentiu se movimentando e a trouxe para mais perto, abraçando-a ternamente.

– Não me deixe – ele sussurrou, meio dormindo. – Nunca me deixe.

– Eu nunca irei deixá-lo – ela sussurrou de volta. – Eu prometo.

Ela se aconchegou ao corpo de Marcus e se preparou para dormir. Se Barb ligasse para o hotel para se certificar que Delia estava bem, eles diriam que ela estava na casa de Karen Bainbridge, e Karen contaria a Barb a mesma história. Era bom ter um álibi. Era a primeira vez que mentia para Barb. Ela estava vivendo muitas primeiras vezes naquele dia. Ela era adulta e era certamente capaz de tomar suas próprias decisões, fazer suas próprias escolhas. Talvez ela cometesse um erro terrível, mas ela nunca quis tanto alguma coisa quanto ela queria Marcus.

Um voz fraquinha no fundo de sua mente avisou-a que algumas coisas cobravam um preço exorbitante. Ela se recusou a escutá-la. Tudo o que importava era aquela sensação doce de ser amada, de pertencer a... alguém. Ela suspirou suavemente e caiu no sono.

Na manhã seguinte, Delia vestiu-se e esperou na sala de estar a dona da boutique, uma mulher morena, elegante e com olhos que dançavam, acompanhando dois homens carregando uma série de caixas.

– Oi, Bibi – Marcus a cumprimentou.

– Hei você. Eu trouxe uma seleção de roupas – ela falou para Marcus, virando o rosto para um beijo.

– Esta ella? – ela adicionou em espanhol, indicando Delia. – Bonita – ela adicionou com um sorriso.

– Ela é bonita, com certeza – Marcus concordou com um sorriso. – Tudo bem, querida, de uma olhada e escolha o que você quer.

– Você aceita cartões de crédito? – ela perguntou a Bibi.

– Eu estou pagando – Marcus começou.

– Você não está – Delia disse com firmeza, sorrindo para Bibi. – eu trouxe meu cartão de crédito.

Bibi olhou para Marcus um olhar apreciativo. – Uma mulher de princípios – ela disse. – Isso é uma novidade em sua vida, primo – ela adicionou travessa. – Sim, eu aceito cartões de crédito e você está com sorte, porque estamos em promoção. Tudo está com 30% de desconto.

– Uau! – ela exclamou remexendo nas caixas.

Uma hora e seis minutos depois, Bibi pegou as informações necessárias, apertou as mãos, empacotou a mercadoria e seguiu os dois homens que carregavam tudo. Ela deu a Marcus um sorriso aberto.

– Você vai ser uma dor de cabeça, não? – Marcus perguntou a Delia quando ela tentava se decidir com qual roupa sair para velejar.

Ela o encarou. – Sobre pagar minhas roupas? Claro que sim. Você esperava me pagar por ontem à noite? – ela perguntou com seriedade.

Ele colocou as mãos nos bolsos. – Eu sempre esperei pagar por tudo o que tenho – ele replicou, seu tom de voz era sombrio e desiludido.

Ela só podia imaginar os tipos de mulher com quem ele costumava sair. Ela colocou suas novas roupas de lado e foi em sua direção.

– Eu quis o que aconteceu – ele disse num tom gentil. – Eu não fiz nada por ganho pessoal. Eu não faço esse tipo de jogo.

Ele fez uma careta – Me desculpe – ele disse brevemente.

Ela procurou os olhos escuros calmamente. – Tudo bem. Nós não sabemos muita coisa um do outro e acabamos por fazer suposições.

– Um pouco aqui e ali, talvez – ele concordou. Ele a puxou para perto. – Nós pararemos em um restaurante a caminho do iate de Karen para tomarmos café da manhã. Eu disse a ela que a encontraríamos por volta das dez horas. Tudo certo para você?

Ela sorriu. – Sim. Mas eu ainda não decidi o que usar.

Ele foi em direção à pilha de roupas e pegou uma calça capri rosa, um top branco justo, e um maiô preto com flores rosa entregando tudo para ela.

– Você vai ser muito mandão – ela imaginou.

Ele sorriu. – Conte com isso. Eu venho de uma cultura machista. Você terá que estar sempre bonita para sair comigo.

– Vou tentar – ela replicou, sorrindo de volta. – Agora eu vou me trocar.

Ela foi em direção do banheiro e parou repentinamente. Ela se virou e encontrou Marcus a encarando faminto.

Ele se amaldiçoou baixinho, odiando sua fraqueza enquanto caminhava para o banheiro atrás dela.

Ele jogou as roupas dela na cama e se inclinou em direção a sua boca, beijando-a ardentemente.

– Você é tudo o que eu queria – ele murmurou contra seus lábios. – Tenho certeza que isso não é saudável.

Ela levou seus braços ao redor do pescoço de Marcus, formigando com o prazer que sentia. – Provavelmente existe algum remédio para isso.

– Eu não quero ser curado – ele sussurrou, beijando-a novamente.

As mãos dele tiraram toda a roupa dela deixando apenas a calcinha e o sutiã. Ele a olhou com desejo e com uma pergunta nos olhos enquanto friccionava os dedos contra os mamilos de Delia sobre o tecido de renda.

Ela fez um careta – Eu quero – ela o assegurou.

– Mas você ainda está dolorida – ele supôs.

Ela assentiu carrancuda.

Ele riu secamente. – Foi minha culpa. Fui muito ganancioso.

– Assim como eu.



Ele a beijou levemente e pegou a calça capri colocando em posição para que ela vestisse. Ele fechou em volta da cintura fina e a ajudou a vestir o top. Ele juntou seu cabelo e o prendeu num coque. – Pronto – ele murmurou, estudando-a – Muito melhor. Eu acho que gostaria de ter minha própria boneca de vestir.

– Nós temos de trocar roupas eventualmente – ela disse.

Ele deu de ombros. – Eu posso aprender a fazê-las.

Ela riu. – Eu não preciso aprender. Eu sei fazer.

– Exibida.

– Eu te ensino – ela prometeu.

Ele sorriu diabólico. – Há muitas coisas que eu planejo ensinar para você, também – ele adicionou, e não tinha nada a ver com costurar.

– Comporte-se – ela disse

Ele a beijou vagorosamente, ferozmente. – Nós mal chegamos na superfície – ele disse – Espere e veja.

Ele a considerou pronta logo depois e pegou a mão dela. – Café da manhã – ele disse novamente. – Eu estou faminto, mas a comida vai ter de servir por enquanto.

Ela riu enquanto saía com ele.

Ele parou ao lado de um carro esporte pequeno e olhou para ela por um longo tempo.

– O que você está procurando?

– Eu estava imaginando como você deveria ser quando era uma garota – ele disse. – Eu estava pensando que crianças é bom.

O coração dela pulou selvagem. – Nós nos conhecemos há apenas dois dias – ela começou.

– Diabo. Quanto tempo é necessário para ter certeza do que sentimos? – ele exigiu. – Dois dias, dois anos, eu vou continuar sentindo a mesma coisa. Existe uma conexão entre nós. Diga que você não sente. Você quer filhos. Eu posso ver isso nos seus olhos.

Ela corou. – Eu sempre quis filhos – ela disse com voz rouca.

– Eu nunca havia pensando até agora – ele falou para ela. – Talvez eu tivesse alguma idéia vaga para o futuro, mas nada definitivo. Eu vejo você em casa com crianças a sua volta.

Ela mordiscou seu lábio inferior. – Você não está querendo tirar o melhor de um erro, está?

– Quando você me conhecer melhor, você descobrirá que eu nunca cometo erros – ele disse brandamente. – Ser perfeito. Esse tipo de coisa.

– Certo.

Ele sorriu. – Entre. Nós vamos perder um dia de sol, não é o que dizem as garotas do Texas. Eu adoro filmes *western*.

– Escute, eu nem sei cavalgar – ela protestou.

– Eu ensinarei a você.

Ela não estava certa se ele falava sério, mas ele parecia achá-la fascinante, porque por todo caminho até o restaurante ele perguntou sobre a vida dela na sua cidade natal.

Aquela conexão entre eles era desconcertante para Delia que nunca havia tido muito contato com homens em sua vida. Ela se sentia confortável com Marcus de um jeito que deveria demorar anos para sentir com alguém. Ela amava simplesmente olhá-lo. Ele era enorme, moreno e bastante firme, mas tinha um coração terno. Ela amava o jeito como ele falava com as crianças que circulavam no restaurante, a maneira educada de tratar com as garçonetes, tratando-as com respeito e não com falta de consideração. Para um milionário e gangster, ele era muito educado.

A parte gangster ainda a incomodava. Era fácil para ela se render a ele. Ela sempre havia vivido por um código, um que não permitia escapadas românticas. Ela havia planejado se casar e aí sim se entregar ao marido. Ela nunca havia permitido que nenhum homem a seduzisse.

Mas ela não conseguia se controlar com Marcus. Só de olhar para ele o desejo de deitar nos braços dele a queimava, além da vontade de beijá-lo até não mais poder. Era assustador.

Ela tentou esconder isso dele, pois não queria que ele visse como ela era fraca.

Havia também Barb, e esse problema não desapareceria. Barb iria ficar desapontada e furiosa com ela por circular com um criminoso conhecido.

E havia mais uma preocupação, a possibilidade de terem concebido um filho. Mesmo Marcus querendo fazer a coisa certa, como ela se sentiria tendo o filho de um gangster.

Ela relembrou relutante o que Barney havia dito sobre Marcus e as pessoas que o cercava. Ele era uma figura assustadora para muitos. Se ele tinha inimigos, e com certeza ele tinha, os filhos deles estariam na linha de fogo junto com Delia. Foi um pensamento súbito e preocupante. Marcus havia pedido para que ela confiasse nele até conhecê-lo melhor. Ela queria. Pelo menos, ela estaria juntando memórias suficientes para uma vida, no caso de não dar certo. Ela não queria pensar no amanhã.

Karen Bainbridge tinha sessenta anos, era baixinha, loira, um espírito aberto e não aparentava sua idade. Ela tinha uma pele linda e olhos azuis atrevidos e gostou de Delia assim que a viu.

– Ela é do jeito que eu imaginava – Karen falou para Marcus quando eles subiram a bordo. Ela parou para conversar com o capitão e dizer sua rota, enquanto Marcus levava a cesta de piquenique que Karen havia trazido para a cozinha do iate.

– O que tem aqui? – ele perguntou a Karen quando ele a entregou ao tripulante.

– Frango, biscoitos, salada, frutas e uma deliciosa torta de cereja – Karen disse a ele. – Nós teremos champagne, também. Conte-me, querida, onde você conheceu Marcus? – ela adicionou, fixando em Delia aqueles olhos azuis.

– No hotel – Delia disse.

– Ela estava em um encontro, quando este tentou atacá-la e eu a resgatei – Marcus disse preguiçoso.

– Qual o meu choque ao levá-la ao escritório e descobrir que ela sabia fazer acolchoados!

– Posso supor – Karen se virou para Delia. – Você sabe, querida, ele nunca esteve às voltas com uma mulher que sabe costurar, exceto eu. E mesmo sendo triste admitir, sou muito velha para ele. Você é muito mais seu estilo – ela adicionou.

– Sim, ela é – Marcus concordou, sorrindo ternamente.

– Conte-me sobre você – ela a encorajou.

Delia não havia planejado falar muito sobre si mesma, mas Karen era uma pessoa fácil de se abrir; assim como Barb. Ela abreviou a história de sua vida, terminando com a morte recente de sua mãe.

Karen era simpática sem ser artificial. Ela deu tapinhas gentis na mão de Delia. – Nós todos temos de aprender a deixar ir as pessoas que mais amamos – ela disse suavemente. – Essa é uma das lições mais duras. Pense bem, um dia morreremos também, todos nós.

– Suponho que sim – Delia replicou.

– Nada com que você precise se preocupar na sua idade – Karen disse com um sorriso indulgente. – Existe um pensamento que gostaria de dividir com você. Eu o escutei de minha mãe quando era pequena. Todas as pessoas que amamos e morreram, ainda estão vivas no passado. A única coisa que realmente nos separa é o tempo.

Delia olhou a anciã com curiosidade. O pensamento era realmente confortante.

– Viu? – Karen adicionou. – É tudo uma questão de ponto de vista. Em outras palavras, não é o que acontece conosco, é como nós reagimos a isso. Isso é o que separa os otimistas dos pessimistas.

– Você tem pensamentos bastante profundos. – Delia meditou.

– Eu sou velha, querida – veio a réplica divertida. – Quando tiver vivido tanto quanto eu, você terá aprendido bastante, se for um pouco observadora. – ela olhou para Marcus, que conversava com o capitão bastante relaxado. – Por exemplo, você está apaixonada pelo meu amigo ali – Karen provocou.

Delia tomou um longo fôlego. – Desesperadamente. Eu não sou uma pessoa impulsiva, mas não consegui evitar. – os olhos de Delia encontraram os de Karen. – Isso tudo aconteceu em apenas dois dias – ela disse preocupada.

Karen não piscou. – Amor não precisa de muito tempo. Simplesmente acontece.

Delia tentou um sorriso fraco. Ela olhou faminta para as costas de Marcus. – Você o... conhece bem?

– Que ele circula por aí, vamos dizer, em companhias escusas? Sim. Mas ele é uma das melhores pessoas que conheço. Ele tem um toque suave, e nunca dá as costas a algum amigo com problemas. Reputação geralmente é exagerada, criança – ela adicionou gentil. – Se eu tivesse sua idade, eu não teria hesitado. Ele é muito especial.

Delia enxugou seus olhos, sorrindo. – Eu penso assim também. As vezes, se arriscar é a coisa certa.

– Conte com isso – a mulher mais velha disse. – Nunca julgue um livro pela capa – ela adicionou. – Ou uma colcha simplesmente por seu tecido.

– Não esquecerei.

Eles velejaram pela baía e depois em direção ao Oceano Atlântico. O tecido *high-tech* das velas enchiam-se com o vento fazendo sons como se fosse um sussurro. Gaivotas voavam no horizonte. Delia estava sentada ao lado de Marcus, e sentia como se lhe pertencesse. Karen contou a ela a história de New Providence enquanto eles comiam a salada e frios.

Mais tarde, Karen foi descansar, e Marcus segurava Delia a sua frente, beijando sua nuca e provocando-a com o vento que soprava do mar.

– Este é realmente o Oceano Atlântico, não? – ela murmurou, encostando suas costas no peito de Marcus. – Eu pensava que as Bahamas ficavam no mar do Caribe.

– Muitas pessoas acham. É o Atlântico. – ele beijou a nuca de Delia. – Está gostando de suas férias até agora?

– Está sendo o melhor período de toda minha vida – ela disse simplesmente.

Ele a abraçou forte. – Minha também – ele disse roucamente. – Quanto tempo mais você vai ficar aqui?

– Três semanas – ela disse, odiando a lembrança.

– Muita coisa pode acontecer em três semanas – ele a lembrou.

Ela se virou entre os braços dele. – Muita coisa já aconteceu – ela sussurrou erguendo seu rosto para um beijo.

Ele se inclinou para encontrá-la e a beijou, faminto e feroz, um gemido profundo saindo de sua garganta quando o beijo se tornou suave e novas sensações espalharam-se pelo corpo dele.

– Você é incrível – ela sussurrou quando ele levantou a cabeça. Os olhos dela estavam obscuros de prazer, sua boca inchada.

Ele apreciou sua aparência. – Você também – ele replicou. – Nós precisamos fazer uma colcha juntos – ele meditou.

Ela riu. – Eu adoraria.

– Falaremos sobre isso.

– Eu gostei de sua amiga Karen.

Ele lançou um olhar para a amiga, dormindo em paz. – Eu gosto dela também – ele disse. – Ela é pessoa estranha. Mas até aí, eu também sou.

– Nem tanto – ela replicou, tocando seu rosto com a ponta dos dedos, explorando-o. – Eu gosto do seu rosto.

– Tem algumas cicatrizes – ele apontou.

– Não importa – ela disse. – Deixa você com um ar de pirata. Eu acho muito atraente – ela adicionou timidamente.

Ele riu, balançando-a junto a seus braços. – Eu devo ter sido um pirata em outra encarnação, eu suponho. – seu rosto endureceu. – Talvez eu ainda seja.

Ela colocou seus dedos sobre aquela boca sensual. – Você é simplesmente Marcus, e eu sou louca por você – ela disse simplesmente. – Embora seja muito cedo para dizer isso.

Ele balançou a cabeça. – Eu sou louco por você também, amor – ele disse roucamente.

Ela riu de puro prazer, os olhos radiantes enquanto o olhavam. – Existe realmente um futuro para nós?

Ele se moveu agitado, pensando em todas as complicações de sua vida no momento. Ele fez uma careta. – Veja, nós devemos viver um dia de cada vez – ele disse, procurando pelos olhos dela. – Não é o que eu quero, mas é como precisa ser. Existe muita coisa acontecendo nesse momento.

– Alguma coisa ilegal? – ela disse vacilante.

Ele arqueou uma sobrancelha. – Você acha que eu estou envolvido em alguma coisa ilegal? – ele perguntou abertamente.

Ela suspirou. – Não. Claro que não. Desculpe-me.

Ele tocou a boca dela com a ponta dos dedos, traçando o desenho. – Eu nunca a machucarei deliberadamente. Eu prometo.

Ela relaxou. – E também – ela devolveu.

– E agora eu nos declaro totalmente dedicados a confiança – ele riu.

Ela se aproximou e o beijou. – Nós vamos fazer amor de novo? Ela perguntou.

Ele inspirou longamente. – Eu quero conhecê-la melhor – ele replicou. – Sexo maquia os problemas. Mesmo que seja o melhor que eu já tive.

Ela ficou radiante. – Eu gosto da idéia, também. Eu aposto que você era um garoto brigão.

– Muito – ele a assegurou. – Eu briguei até na pré-escola. Eu deixava minha mãe arrasada.

– Eu nunca causei problemas – ela replicou tristemente. – A não que você conte colocar sal no purê de batatas de outra garota no segundo grau, quando ela me chamou de monte de banha.

– Você era? Gorda?

– Uma bolinha – ela admitiu, sorrindo. – Eu perdi peso.

– Continue do jeito que está, não emagreça mais – ele disse gentil. – Eu gosto de você do jeito que é.

Ela ficou radiante. Havia sido de muitas maneiras um dia perfeito.

Eles discutiram filmes e shows de televisão e até mesmo política, e descobriram que eram muito compatíveis.

– Você tem um aparelho de DVD? – ele perguntou.

Ela fez uma careta. – Eu odeio admitir, mas eu nem imagino como usá-lo. Eu ainda uso o vídeo cassete.

– Primitiva – ele disse – Eu irei ao Texas, se não por outro motivo, só para levá-la para a tecnologia moderna. Você gosta de música?

– Sim. Musica latina, especialmente – ela confessou. – Eu tenho a maioria dos álbuns de Julio Iglesias, alguns de Pedro Fernandez, Luis Miguel, e alguns outros artistas latinos. Eu tenho até mesmo algumas óperas de Plácido Domingo.

– Eu estou impressionado – ele provocou. – Você é bem eclética.

– São todos maravilhosos, também.

– Verdade. E reggae?

Ela ergueu as sobrancelhas. – O que é reggae?

Ele fez uma careta. – Nós teremos no cassino uma banda de reggae jamaicano. Eu a levarei uma noite para você ver se gosta.

– Nós podemos dançar? – ela perguntou esperançosa.

Ele riu. – Eu posso não parecer – ele disse gentil – Mas eu já ganhei concursos de dança quando era mais jovem.

Ela estava deliciada. – Eu aposto que você ainda consegue.

– Nos descobriremos – ele prometeu.

Eles estavam a caminho de uma pequena ilha deserta, quando o celular de Marcus tocou insistente.

Ele se desculpou afastando-se e Delia estremeceu com a expressão no rosto dele. Ele parecia primeiro curioso, então nervoso e depois furioso. Ele resmungou algo no telefone e o desligou, olhando para o oceano.

Depois de um minuto ele voltou. – Alguns negociantes de Miami chegaram inesperadamente. Nós teremos de voltar. Agora – ele adicionou quando viu Karen se aproximando deles.

– Haverá outros dias para fazermos turismo – Karen disse conciliatória. – Marcus, você pode ir e dizer ao capitão que vamos voltar a marina, por favor?

– Claro – ele disse, mas estava distraído.

Na marina, Delia se despediu de Karen e deixou Marcus chamar um táxi para ela ao invés de voltar de limo.

– Existem muitas razões para você não ser vista comigo no momento – Marcus disse gentil. – Uma delas é a sua irmã. Eu realmente sinto por hoje. Mas eu a recompensarei amanhã. Nós iremos visitar toda a ilha. O que acha?

– Eu adoraria – ela disse radiante.

Ele fez uma careta. – Até amanhã então. Ele abriu a porta e a colocou no táxi sem tocá-la. – Até amanhã.

– Sim. Cuide-se – ela disse.

– Você também.

Ele fechou a porta. Ela olhou para trás quando o táxi se afastava da marina. Ele e Smith estavam ao lado da limo, em profunda conversação.

## **CAPÍTULO 7**

Delia estava acordada desde cedo esperando Marcus ligar. Toda sua vida estava ligada a ele de uma forma repentina. Ela não podia suportar ficar longe dele.

Barb havia ligado logo que Delia chegou, e ela pode contar sobre o iate de Karen e o passeio de barco.

Barb ficou mais relaxada quando escutou. Não houve nenhuma menção a Marcus, claro.

– Você tem certeza que não vai ver esse gangster? – Barb insistiu.

– Eu estava fora com uma doce velhinha fazendo turismo – Delia disse forçando uma voz relaxada. – Eu adoraria que você a conhecesse quando voltar. Ela é inglesa, mas vive nessas ilhas há bastante tempo. Ela conhece todos os pontos turísticos.

– Tudo bem – Barb disse finalizando a conversa e rindo. – Tudo bem, Eu estou convencida. Mas não esqueça de manter a porta fechada à noite.

– Eu mantenho. Sério.

– Você tem visto Fred? Eu escutei que ele já deve estar de volta.

– Não, eu não o vi. Por que? – Delia perguntou curiosa.

Barb hesitou. – Algo que Barney deixou escapar. Eu acho que Fred é muito mais perigoso do que imaginamos, querida. Você fique longe dele de qualquer jeito, ok?

– Eu ficarei. Mas porque Fred é tão perigoso?

Barb hesitou novamente e baixou seu tom de voz. – Bem, eu escutei Barney contar a alguém que ele estava ligado a máfia de Miami e faz lavagem de dinheiro para eles.

– Fred?

– Sim, foi o que achei também – Barb riu. – Mas você nunca sabe de ninguém, e as pessoas não usam placas. Isso explica porque ele estava tão ansioso ao levá-la aquele encontro no cassino daquele gangster na Ilha paraíso. Existe alguma conexão ali, pode escrever minhas palavras.

– Eu não fui mais ao cassino, de verdade.

– Eu sei disso. Você está bem sozinha? Eu fico tão preocupada...

– Eu estou me divertindo muito com Karen e a praia – Delia riu. – Honestamente.  
– Eu não estou surpresa que sua idéia de diversão seja passar seu tempo com uma mulher de sessenta anos – Barb disse suavemente. – Mamãe e eu fomos muito duras, não querida?  
– Eu me viro muito bem, obrigada – Delia riu de novo.  
Ela escutou um suspiro. – Tudo bem, Eu vou desligar. Mas tome cuidado velejando. Pode haver piratas por aí, por tudo o que eu fiquei sabendo.  
– Se eu conhecer algum, eu te apresento.  
– Faça isso. Boa noite, querida. Nós deveremos estar de volta no final da próxima semana. Você tem certeza que não quer vir para cá e ficar conosco?  
Delia pensava no tempo extra que teria com Marcus enquanto sua irmã ficasse longe. – Eu tenho certeza – ela replicou. – Cuide-se.  
– Você também. Eu amo você.  
– Eu também. – Delia desligou, aliviada que Barb não havia notado nada de suspeito. Ela estava aprendendo a mentir muito bem, ela pensou triste. Talvez, bem demais.

\*\*\*\*\*

Delia não conseguiu dormir pensando no que Barb havia lhe contado. Se Fred estava mexendo com lavagem de dinheiro para a máfia, poderia ser esse o motivo de Fred ter ido ver Marcus?

Ela o amava de todo o coração. Mas ela tinha de admitir que não o conhecia direito. E se ele estivesse na máfia? Depois de tudo que eles haviam vivido, depois de todo aquele sentimento ter surgido nela, ela poderia virar as costas?

Eram seis da manhã quando ela acordou e não conseguiu mais voltar a dormir. Ela fez café e sentou na varanda de seu quarto, assistindo as ondas quebrarem na praia de areia branca. Hoje Marcus a levaria para fazer turismo. Deveria ela perguntar se ele e Fred tinham negócios juntos? Deveria se atrever? E o que faria se ele dissesse sim? O pensamento de que ele poderia ir para a prisão ao atormentava.

Ela tentou comer o café da manhã, mas seu estômago se rebelou contra o cheiro dos ovos. Era muito estranho. Ela nunca havia perdido o apetite de manhã, tocou a barriga levemente, pensando. Ela poderia saber, tão cedo? Ou estava se tornando paranóica?

Paranóica, ela decidiu firme. Todos os avisos de Barb estavam fazendo-a ter idéias erradas. Ela tinha de viver um dia de cada vez e não ficar preocupada.

Ela estava esperando quando Marcus enviou um táxi para apanhá-la. Era John, o mesmo motorista que a havia trazido da Ilha Paraíso antes. Ele era jovem, tinha personalidade e parecia amar uma conspiração.

– Você gosta do chefe, hã? – ele perguntou a Delia alegremente, seu sotaque era claramente britânico.

Ela riu. – Sim. Eu gosto bastante do chefe.

– Ele é um bom homem – ele contou a ela, o sorriso brincalhão tinha ido embora. – Meu irmão morreu afogado no ano passado quando seu barco de pesca virou. Ele deixou uma esposa e seis filhos. Marcus Carrera, criou uma conta para eles no *British Bank* local, assim eles nunca mais precisarão se preocupar com dinheiro novamente. Algumas pessoas dizem que ele não é um bom homem. Mas eu não acho.

Ela sorriu calorosa. – Nem eu. Qual o seu nome?

– John Harrington.

– O meu é Delia Mason. E estou muito feliz por conhecê-lo – ela adicionou sincera.

– O prazer é meu. Eu sinto muito você ter que esconder suas viagens para a Ilha Paraíso.

– Eu também. Não é a forma como eu prefiro as coisas – ela adicionou calmamente. – Mas por alguma razão, Marcus acha que é melhor do que sermos vistos no meu hotel.

– Ele tem inimigos, madame – ele replicou. – Ele a está protegendo.

O coração dela se aqueceu com a sugestão. Ela não havia considerado aquilo. Ela começou a sorrir e não conseguiu mais parar. Protegê-la. Ela gostava daquilo.

Marcus a esperava na porta de sua casa onde John a deixou. Ele esperou até pagar o táxi e este sumir de vista para levá-la para dentro de sua casa, fechar a porta e beijá-la até não poder mais respirar.

O rosto quente dele encostou no pescoço dela e ele a abraçou como se tivesse medo que um vento mais forte a levasse. – Eu não agüento isso – ele sussurrou rouco. – É uma tortura, ficar longe de você mesmo algumas poucas horas.

O que era exatamente o que Delia sentia. Ela beijou o pescoço dele. Todo seu corpo tremia. Ela o queria. Era mútuo, ela podia sentir a resposta instantânea do corpo dele a sua proximidade.

Ele deslizou sua mão pela parte superior do tronco de Delia, pressionando-a contra dureza do corpo dele. Ele gemeu.

Ela sentiu a excitação dele e o coração dela parou. Ele pertencia a ela. Ela nunca havia tido tanta certeza de algo.

– Se você quiser – ela murmurou – Eu também quero.

Ele gemeu novamente, deslizando sua boca pelo rosto dela procurando os lábios famintos. Ele a beijou com fúria, ambas as mãos em seu quadril, pressionando o corpo dela contra o seu até os dois estremecerem.

Mas ele se afastou, abruito, deixando-a solta, e virando-se para a porta de correr em vidro que dava para o oceano. Ele a abriu e deixou a eterna brisa do oceano esfriar sua febre.

Delia se juntou a ele, ainda oscilante por aquela inesperada explosão de paixão. Ela se abraçou e deu um longo suspiro.

Ele lançou um olhar na direção dela, os olhos negros tempestuosos. – Eu também quero – ele disse sem preâmbulo. – Mas nós não faremos – ele adicionou firme. – Eu não vou transformá-la em minha amante. Eu tenho muito respeito por você.

Ela estava surpresa com toda aquela franqueza. – Você não é nada parecido com sua reputação, você sabe – ela disse suavemente.

Ele riu roucamente, sua atenção agora estava centrada nas ondas que quebravam na praia de areias brancas. – Você não sabe nada sobre esta parte da minha vida – ele disse. – E não quero que saiba.

– Todo mundo comete erros.

Ele se virou e a pegou pelos ombros. – Meu passado é brutal. Mas eu estou tentando recomeçar, a despeito do que isso parece. – ele contraiu os dedos. – Escute, eu quero uma família, crianças, uma casa, uma casa de verdade, minha. – ele parecia torturado. – Mas existem coisas que eu devo fazer antes. Eu tenho obrigações que eu não posso dividir com você, pessoas dependem de mim.

Ela ficou curiosa. – Você está envolvido em algo, não está?

– Sim – ele disse abrupto. – Algo mal e perigoso, e eu não poso falar.

– Você está... em perigo?

Ele respirou longamente e olhou para o oceano sobre o cabelo loiro de Delia. – Sim. – a preocupação dele fez com que ele ardesse de vontade de contar toda a verdade. Mas não podia. Ele olhou para seus olhos abertos e confiáveis e fez uma careta, e tocou a face dela com uma das mãos. – Você tem de confiar em mim, por mais difícil que seja. Eu sei que isso parece ruim, mas existe uma única grande verdade aqui, meus sentimentos por você. Eles são tão reais quanto o oceano lá fora. – ele se inclinou e a beijou suavemente. – Eu adoro você!

Ela o puxou para mais perto e o beijou de volta. Ela se sentiu segura, preciosa, confortada, sentindo-se como parte dele.

Marcus sentia algo similar. Ele devia mandá-la de volta ao hotel e não vê-la até que tudo aquilo acabasse. Ele estava colocando a vida dela em risco. Mas ele precisava dela desesperadamente.

Ele ficou abraçado a ela com o vento soprando por muito tempo, seu olhar tumultuado sobre o oceano, que parecia tão agitado e atormentado quanto ele.

– Quando tudo isso terminar – ele disse rouco – Você e eu faremos planos para o futuro. Combinado?

– Combinado – ela sussurrou.

Ele se inclinou e a beijou, uma última vez. – É melhor irmos indo – ele disse ríspidamente. – Antes que eu faça aquilo que nós dois queremos.

Ela procurou pelos olhos dele, não compreendendo – Porque você não quer?

Ele emoldurou o rosto oval entre suas mãos grandes. – Eu já cometi um erro, levando você para a cama no nosso primeiro encontro. Eu não vou cometê-lo de novo. Minha mãe me criou para respeitar a inocência. Vai contra tudo o que eu acredito fazer de você uma conveniência.

– Mas eu sou louca por você – ela murmurou.

Ele corou. – Sim. Eu também sou louco por você. Mas nós estamos construindo um relacionamento que é para durar por muito tempo. Nós precisamos ir devagar. Concorda?

– Concordo – ela disse relutante.

– Além disso – ele disse preocupado – Eu fui muito irresponsável com você. Eu quero crianças algum dia, não é mentira. Mas eu não as quero agora. É impossível. Minha vida está muito complicada.

O coração dela pulou. Ela podia estar grávida, e ele não queria crianças naquele momento. Ela deu a ele um olhar magoado.

– Não fique assim. – ele disse suavemente, sorrindo para ela. – Foi só uma vez. Não há um risco real. Certo? – ele adicionou, um pouco vacilante.

– Certo – ela mentiu, forçando um sorriso. – Nenhum risco real.

– Então nós não nos arriscaremos mais. Eu fui muito irresponsável. Eu não serei mais, nem você.

– Entendi – ela concordou.

– Agora – ele disse, soltando-a. – Eu tenho um grande itinerário. No próximos dias, srta, Mason – ele adicionou com um sorriso – Eu vou educá-la com o folclore e a história do mais interessante grupo de ilhas da face da terra.

E ele fez. Eles começavam cedo e voltavam com o pôr-do-sol. Eles vaguearam pelo cais Príncipe George, pelo gigante mercado de palha, onde ele comprou uma linda bolsa e chapéu adornados com flores púrpuras. Ele levou-a para dar uma volta de carruagem, onde o cavalo usava um chapéu também.

Eles viram a torre de água, a cachoeira artificial, a casa do governador, onde foi feito um filme de James Bond. Eles passearam em um barco que tinha o piso em vidro, onde se podia ver o fundo do mar e com um saltador que fazia serenatas com batida reggae. Eles passearam pelo Forte Fincastle e o Forte Charlotte. Eles andaram ao longo da Bay Avenue e almoçaram em um dos bistrôs. Eles foram ao jardim botânico e Delia adorou os *koi pond*. Eles foram a um hotel onde o ponto de atração era um aquário no piso. Eles viram um armazém de esponjas e tomaram sopa de peixe em um restaurante na baía, onde navios com passageiros ancoravam no cais e pequenos barcos velejavam entre os grandes navios no porto.

Todas as noites ela jantava na casa de Marcus com Smith montando guarda. E durante as noites, Delia recostava-se nos braços de Marcus no pátio perto da piscina escutando as ondas e fazendo planos para o futuro.

Foi um período idílico; duas semanas de inacreditáveis e doces lembranças. Durante este tempo, a menstruação de Delia atrasou, ela se sentia nauseada não apenas de manhã, mas à noite também. Ela perdeu o apetite, e andava tão cansada que começou a voltar ao hotel por volta das nove horas da noite, caindo de sono.

Marcus não suspeitava de nada. Ele nada sabia sobre mulheres grávidas, nunca estando ao redor de uma, nem mesmo sua cunhada quando estava grávida de seus dois sobrinhos. Ele mencionou sobre isso uma vez quando conversavam. Delia estava certa que não tinha motivos para se preocupar nesse sentido. Mas o que ela faria?

Era um problema que ela não queria encarar tão cedo, mas o difícil seria esconder sua condição. Especialmente quando Barb voltasse. Sua irmã parecia um aspirador quando se tratava de arrancar informações.



Marcus fazia uma sopa de lagosta enquanto Delia fazia salada de frutas e molho de semente de papoula, para colocar nos bolinhos. Eles dividiram a preparação da comida apenas uma vez antes, mas naquela noite em particular eles não queriam ninguém levando comida.

Delia amava trabalhar na cozinha com Marcus. Eles conversavam enquanto trabalhavam, e Delia provocava Marcus por causa do tamanho do avental. O avental tinha estampado o desenho de um tubarão vestido de chef grelhando camarões em uma grelha de churrasco.

– Nós podíamos tentar isso em você, querida – ele meditou – Mas eu acho que daria três voltas. Você é muito fininha se comparada a mim.

– Eu gosto disso – ela disse com um sorriso caloroso.

Ele tirou a sopa do fogão para descansar antes de servir, então pegou Delia e a beijou faminto. – Eu gosto, também – ele sussurrou entre seus lábios. – Você é quase miúda para mim na cama, também – ele adicionou com um olhar afetuosamente quando ela corou. – Foi por esse motivo que você ficou tão dolorida. – ele se inclinou e beijou-a novamente. – Mas você não sentirá mais nada depois de mais algumas vezes. – ele adicionou malicioso, provocando os lábios dela com a ponta de sua língua.

Ela encostou seu rosto no peito dele e riu suavemente da emoção e lembrança do prazer vivido que as palavras provocaram. – Você é... grande? – ela perguntou.

Ele rugiu.

Ela bateu no peito dele, ainda sem olhar para ele. – Bem, como eu poderia saber coisas como esta? – ela perguntou com razão. – Eu só vi homens nas revistas, e eles certamente não pareciam como você naquela noite!

Ele riu profundamente. – Você não podia tirar seus olhos de mim – ele lembrou gentil. – Eu amei isso. Eu não consigo me lembrar de ter me sentido assim em toda a minha vida. Foi como voar.

– Eu me senti assim, também – ela suspirou e se aproximou mais. – Eu amo estar com você.

– Sim. Eu também – ele disse, mas ele parecia distante, distraído.

Ela ergueu a cabeça ao escutar o tom estranho e o olhou longa e curiosamente. O rosto dele estava tenso e os olhos atormentados.

– Eu fiz algo errado? – ela perguntou preocupada.

– Como se você pudesse – ele a repreendeu. Ele se inclinou e roçou seus lábios gentilmente nos dela. – Eu tenho um ou dois problemas que não posso dividir com você. Nada de mais. Sério.

– Seria outra mulher? – ela perguntou incerta.

Ele riu suavemente. – Não. Não seria. Eu não tenho tido sentimentos por nenhuma mulher a um longo tempo. – a mão dele acariciou a face dela. – Nenhuma delas era como você – ele adicionou. – Você é especial.

– Você também. – ela replicou.

– Além disso – ele adicionou – Até onde eu precisaria ir para procurar uma mulher que sabe fazer colchas como você? – ele provocou.

Ela riu. – Falando em colchas – ela adicionou, pegando sua bolsa. – Eu achei algo em um livro de bolso ontem a noite que eu nem me lembrava que tinha. Eu quero dá-lo a você. É um padrão para uma colcha memorial que eu estava trabalhando.

Ela levou para ele. Era uma quadrado pequeno com linhas curvas graciosas e um pequeno bordado de flor no centro.

– É lindo – ele comentou. – Eu não bordo muito bem.

– Eu bordo. É uma de minhas melhores habilidades. É por isso que eu fiz o centro do quadrado assim. É uma variação do *Dresden Plate*.

– Sim, eu percebi, mas você remendou cada limite do quadrado de uma maneira individual. Isso vai dar muito trabalho se você fizer uma colcha à mão.

– Eu quero fazer a mão – ela replicou. – É um trabalho de amor. O tecido do bloco vem de vestidos usados pela minha avó, minha mãe, Barb e eu. – ela adicionou, apontando os diferentes tecidos. – Eu quero fazer uma colcha que eu possa passar para os meus filhos um dia. Se algum deles fizer colchas.

Ele estudava seu rosto, o bloco solto em sua mão grande – Talvez eles gostem de fazer colchas tanto quanto nós – ele disse calmamente.

O que só podia significar que ele estava interessado em criar os filhos dela, e ela ficou imediatamente radiante.

– Obrigado por me deixar ficar com isto. – ele disse a ela – Eu acho que posso fazer o mesmo, com tecidos de roupas de meu sobrinho e sobrinha e minha cunhada Cecelia. Talvez ela ainda tenha algo de Carlo.

– Carlo?

– Meu irmão. O que morreu de overdose de drogas. – ele não adicionou que a injeção foi induzida, que Carlo havia sido assassinado por entregar aos federais sobre Fred Warner e sua conexão com a lavagem de dinheiro do cartel colombiano de drogas.

– Que terrível para você. E eles – ela adicionou. – Sua cunhada, ela vem aqui para vê-lo com as crianças?

– De tempos em tempos, no verão – ele disse. – As crianças tem cinco e seis, respectivamente, e estão na escola agora. Eles se chamam Cosima e Julio. – ele sorriu com a lembrança. – Eles são umas gracinhas. Espertos, também. Carlos era brilhante.

– O que o levou a usar drogas, você pode me contar?

Ele encolheu os ombros, movimentando-se para colocar de lado o bloco de acolchoado no balcão. Os dedos dele traçavam o desenho levemente. – Porque alguém usa? – ele perguntou friamente. – Ele nunca foi forte o suficiente para a vida, em primeiro lugar. Toda vez que ele e Cece tinham um briga, ou ele tinha pressão no trabalho, ou uma das crianças ficava doente, ele se voltava para as drogas procurando alívio. Eu tentei ajudá-lo a parar, Cece tentou. Nós até pedimos a um padre para conversar com ele. Mas ele não queria parar. No final, ele tomou uma dose exagerada e seu coração parou. Ele foi parar em um hospital e nós finalmente conseguimos colocá-lo na reabilitação. Foi um período difícil – ele adicionou. – Um tempo realmente difícil. Ele entrou nos trilhos e ficou furioso como o diabo com as pessoas que o apresentaram ao vício.

Ele parou antes de contar que Carlo foi atrás de Fred Warner em vingança, uma vez que foi ele que o apresentou as drogas. Fred não tinha ciência que Marcus sabia de seu envolvimento na morte de Carlo. Ele achava que Marcus o considerava um dos amigos de Carlo. – De qualquer forma, Carlo morreu de uma overdose e Cece veio tentar se recuperar. Eu terminei com a crianças, aqui nas Bahamas e com uma babá até que ela conseguisse se reerguer.

– Ela é agradável? – Delia perguntou, tentando não soar muito ciumenta.

– Sim, ela é – ele replicou. – Bonita. Talentosa. Ela é uma artista gráfica e vive na Califórnia agora.

– Uau.

Ele olhou para ela longamente. – Você está com ciúmes? – ele perguntou em um tom profundo e rouco.

Ela ficou agitada. – Talvez. Um pouco.

Ele riu. – Eu nunca sequer a beijei. Ela definitivamente não o meu tipo.

– Isso é tranquilizador.

– E você? – ele considerou. – Você tem uma paixão secreta por Barney?

Ela riu, também. – Oh, sim claro, eu me escondo debaixo da cama à noite esperando que ele não perceba.

– Barb comeria você no café da manhã – ele comentou.

– Provavelmente. Barney é definitivamente o tipo dela, mas eu penso nele como um irmão mais velho. Ele é mais o menos como um herói para mim, de muitos modos. Ele olha por mim desde que eu me lembro por gente, assim como Barb. Além disso – ela adicionou flertando com ele – Eu gosto de homens grandes, morenos e de voz profunda.

Ele sorriu largamente. – Eu gosto de garotas texanas.

– Aquela sopa vai ficar fria – ela disse após um minuto.

– Realmente. É melhor comermos logo.

Depois que eles lavaram os pratos, Marcus levou Delia a uma chaise longe com ele, para escutarem musica clássica enquanto o vento dançava ao redor deles balançando as arvores casuarinas e o oceano rugia suavemente ao longo da rebentação.

– É tão agradável aqui – ela murmurou. – Eu amo as Bahamas.

– Eu também. Eu sinto como se estivesse voltando para casa, toda vez que eu chego aqui. As pessoas são maravilhosas, e o clima é paradisíaco.

– Existe tanta história.

– Sim. E tanta beleza. – as mãos dele contraíram-se nos longos cabelos dela. – Mas pode ser perigoso, também. Quando Barb voltar, você e eu teremos de agir apenas como conhecidos. Você sabe disso, não?

Ela suspirou. – Sim. Suponho que sim.

– Isso não é o que quero, também, Delia – ele confessou. – Mas eu não posso dar esse furo.

– Eu posso ajudar em algo? – ela perguntou a ele.

Ele se moveu agitado. – Isso é algo que eu preciso fazer sozinho – ele disse, quase ausente. As mãos dele acariciando os cabelos de Delia. – Algumas pessoas estão chegando aqui amanhã – ele adicionou. – O que significa que você não pode me ligar ou vir até aqui.

O coração dela parou. – Eu não posso falar com você?

– Os telefones podem estar grampeados – ele replicou. – Eu não quero você em perigo.

– Agora você está me assustando – ela falou para ele.

Ele respirou pesadamente. Ele havia falado demais e tinha que voltar atrás para não deixá-la com suspeitas.

– São somente homens de negócios, porém existe uma grande negociação acontecendo e rapidamente. Eu não posso ter nenhuma distração, é o que quero dizer. Nada perigoso. Tudo bem?

Ela ficou menos receosa. – Tudo bem – ela concordou.

Ele entrelaçou seus dedos naqueles cabelos macios. – Preocupada comigo? – ele sondou.

Os dedos dela brincaram com um dos botões da camisa dele. – Sempre – ela confessou.

Ele ficou feliz e sentiu aquele corpo caloroso no vestido vermelho junto ao dele na chaise longe. Ela cheirava flores. Ele podia sentir a respiração acelerada dela. Seria um longo período sem ela.

As mãos dele moveram-se para debaixo da mão dela e abriram os botões de sua camisa. Ele guiou a mão dela sob a camisa, ensinando a ela o movimento e a pressão que gostava.

Ela sentiu calor, força e uns poucos pêlos. Ela amava a sensação do peito dele contra o dela. Ela se inclinou e levou sua boca aos ombros dele, notando com orgulho o modo como o corpo dele estremecia com a carícia.

– Reviravolta é injusto. – ele disse com um tom rouco. Ele desabotoou o vestido e descobriu com prazer o sutiã debaixo dele. Ele a puxou para perto, os seios dela ficando pressionados ao peito com pouco peludo dele. – Isso é bom – ele gemeu.

– Sim. – Delia deslizou seus braços pela camisa dele, revelando o prazer de estar junto dele. Ela queimava com a vontade de se fundir a ele, debaixo daquele céu estrelado e com as ondas quebrando na praia.

Ele a virou fazendo com que ela ficasse debaixo dele. A perna longa dele entre a dela insistindo no domínio.

Ela não lutou contra ele. Ela amava o calor das mãos dele em seus seios enquanto ele a beijava com uma fome voraz. Ela ardia sob aquelas mãos, ofegando com o prazer que crescia de novo.

Ele se moveu, e seus quadris ficaram sobre os dela, ficando tão juntos quanto possível com as roupas que os separavam.

– Oh, amor – ele gemeu na boca dela. – Isso é mais próximo do céu que nós chegamos no mundo. Sinta quanto eu a quero, Delia.

O que ele sentia era ruidoso. A pele dele se arrepiou com a paixão que crescia a cada segundo.

– E se eu não conseguir parar? – ele murmurava contra a boca dela.

Ela relaxou sobre o acolchoado. – Eu não me importo – ela sussurrou, queimando de necessidade. Ela realmente queria. Ela sentia que ele estava se distanciando dela. Ele se importava, ela sabia, mas havia algo terrivelmente errado.

– Delia – ele gemeu – Nós não podemos fazer isso.

– Porque não? – ela perguntou, abrindo suas pernas para aceitar o peso daquele corpo poderoso entre elas. Ela se arqueou para ele.

– Aqui não é o lugar... Deus!

Justo quando ele protestava, uma das mãos tímidas de Delia se movimentou sensualmente sobre ele. – Assim. Aqui. Aqui! – ele abriu o zíper, e segundos depois a mão dela estava no membro endurecido e aveludado.

Ela tentou voltar atrás, mas era tarde demais. Ele a segurava firme e era insistente. Ela seguiu o que Marcus murmurava para ela, primeiro com timidez, então com orgulho, depois com abandono, ele estremeceu violentamente em suas mãos com satisfação.

– Isso não é bom, eu não posso parar – ele murmurou, tirando o vestidos e as roupas íntimas de Delia com confiança sutil.

A camisa dele foi parar no solo junto com sua calça e o shorts de boxeador.

– Sim – ele gemeu enquanto ele a penetrava com uma paixão fervente. Ele ergueu a cabeça e assistiu quando o corpo dela o aceitou, ela protestou ligeiramente contra a poderosa investida.

– Marcus – ela gritou, chocada e deliciada, tudo ao mesmo tempo.

Ele se moveu novamente, ainda olhando para ela. – Vai ser mágico – ele ofegou.

Ela olhava enquanto ele a assistia, eles se moviam em sincronia sobre a chaise longue, suspiros e sons urgentes de pele sobre o tecido cresciam, assim como a respiração deles, na escuridão.

– E se alguém... entrar? – ela perguntou num lapso de sanidade.

– Quem se importa? – ele gemeu – Deixe que eles vejam...!

Os movimentos cada vez mais profundos a tiraram fora de controle, latejando com a quente tensão que crescia e crescia até finalmente, abruptamente, ela endurecer e estremecer e gritando, um som quase inumano que se enfraqueceu na noite ao redor deles. Ela chegou ao clímax várias vezes.

Ele deixou ela chegar até o final de seu clímax antes de se mover cada vez mais rápido procurando seu próprio alívio. Ele o encontrou tão subitamente que gritou na escuridão e convulsionou sobre ela.

Ela o abraçou, suportando seu peso e acariciando os cabelos escuros e úmidos, fazendo com que ele estremecesse em consequência.

– Está ficando cada vez melhor – ela sussurrou cansada, beijando seu pescoço.

– Está ficando cada vez mais perigoso – ele replicou. – Delia, eu não usei nada. Eu estava muito longe. Eu não quero engravidá-la. Eu não posso!

– Seria tão terrível? – ela murmurou ousada.

Ele cerrou os dentes. – Isso seria.... o fim do mundo para mim, neste momento – ele disse rispidamente, despedaçando os últimos sonhos dela. Ela não sabia o perigo que ele corria, e ele pensava no que poderia acontecer se seus inimigos tivessem uma mulher grávida para ameaçar. – Eu já havia lhe falado antes. Eu não quero filhos, Delia. Não agora.

## **CAPÍTULO 8**

Delia abraçou-o fortemente, os olhos fechados, enquanto escondia a angústia que sentiu das palavras ditas por Marcus.

– Eu sei que você não quer escutar isso agora – ele disse cansado. – Eu sinto muito. Mas há coisas acontecendo e que você não pode saber. Nós não podemos mais nos arriscar. Nós não podemos ter sorte sempre.

– Eu entendo.

– Não, você não entende, querida – ele disse duramente. – Mas tudo bem – ele mudou facilmente de posição carregando-a com ele. – Eu sou louco por você – ele sussurrou. – Essa é a verdade.

– Eu sou louca por você também – ela murmurou de volta. – Eu nunca senti nada disso por ninguém em toda a minha vida.

– É bom mesmo – ele rosnou com fúria zombeteira. Ele a beijou gentilmente. – É melhor nos vestirmos. Eu tenho de levá-la pra casa mais cedo hoje. Eu terei companhia mais tarde.

– Companhia? – ela se sentiu oscilar.

Ele sorriu. – Companhia masculina – ele sussurrou e a beijou novamente.

Uma vez vestidos, ele ligou pedindo um táxi, segurando-a gentilmente no corredor. – Escute – ele disse – Não pense que eu estou querendo vê-la pelas costas. Eu tenho que me manter distante por um tempo. Nada com que se preocupar, você não precisa se sentir rejeitada, tudo bem?

Ela ficou preocupada, e demonstrou. – Eu não posso falar com você nem por telefone?

– Não até eu ligar para você, ou entra em contato através de Smith. Entendeu? – ele a segurou pelos ombros firmemente. – Você não pode ser vista comigo, até eu falar que é seguro. Prometa-me!

– Eu prometo, Marcus – ela disse vacilante.

– Você me olha como se eu a estivesse jogando na rua, e não é assim – ele disse ríspido. – Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Eu não vou deixá-la. Então quando você estiver imaginando a mim com uma outra mulher e se preocupando sobre eu ter ou não terminado com você, lembre-se do que eu disse. Eu me importo com você, demais. Logo que eu puder, eu entrarei em contato.

Ela forçou um sorriso. – Ok.

– Você não pode falar para a sua irmã ou Barney nada sobre nós. Entendeu?

– Eu não me atrevo – ela confessou.

Ele a olhou com profunda preocupação. – Nós teremos um futuro juntos. Eu prometo que teremos. Eu acharei um modo.

Ela suspirou. – Tudo bem. Eu viverei de sonhos por um tempo.

Ele traçou uma linha no rosto dela. – Assim como eu, e eles serão doces. – ele se inclinou e beijou os lábios suaves e inchados dela. – Minha doce inocente. Não existe mais ninguém como você na face da terra, e você é toda minha.

Ela sorriu sob a boca dele. – E você é todo meu.

Ele a beijou faminto até o som de uma buzina soar do lado de fora o distraíndo.

– Eu posso lhe enviar um bilhete? – ela perguntou.

Ele a encarou. – Nada de bilhetes, nada de chamadas telefônicas, não acene para mim se você me encontrar na rua. Você não me conhece, exceto por aquela noite que eu a salvei de Fred.

– Fred – ela suspirou.

– E fique longe dele, não importa o que aconteça – ele disse firme. – Fred é um grande problema.

– Eu notei – ela disse, não percebendo que eles falavam com finalidades cruzadas.

Os olhos escuros dele estavam atormentados quando ele a levou para a porta da frente. – No mês passado, eu era um feliz e despreocupado solteiro – ele murmurou. – Agora eu não estou apenas perdendo meu braço direito, eu estou deixando o mercado.

Ela riu da analogia. – Eu estou perdendo a minha, também – ela o relembrou. – Ou talvez eu devo dizer eu era uma agulha sem linha.

– Ou um bloco sem remendo – ele continuou, sorrindo.

Ela segurou a mão dele e olhou para ele uma última vez. – Tenha cuidado – ela sussurrou.

– Eu farei a minha parte. Você a sua. – ele abriu a porta traseira do táxi para ela. – John – ele falou para o motorista, entregando uma nota de cem dólares – Você nunca me viu na sua vida e acabou de voltar da casa de Karen Bainbridge com a srta. Mason. Entendeu?

– Pode apostar, Sr. Carrera – John disse com um sorriso.

Marcus ficou parado assistindo o táxi sair com uma expressão sinistra. Logo cedo, ele estaria envolvido em uma briga que ele não antecipava com prazer. Aquilo não o preocupava tanto, quanto comparado a perder Delia, mesmo que temporariamente.

Delia escondeu sua miséria até estar de volta no quarto de hotel aquela noite. Ela tomou um longo banho e chorou por tudo. Ela não conseguia colocar de lado a sensação de que Marcus a estava afastando de sua vida gentilmente, a despeito de todas as afirmações de que se importava com ela. Ela não havia escutado toda a sua vida que os homens diziam de tudo para levar as mulheres para a cama?

Agora que ele não estava ao lado dela para assegurá-la de seu amor, ela havia perdido a confiança. Isso havia sido tudo que ela havia feito até a manhã seguinte quando se levantou, vestiu e desceu até o restaurante para tomar seu café da manhã.

Ela não estava com muita fome, pensou, sentando-se próxima às águas claras da piscina sob as palmeiras. Ela bebia suco de laranja e um pouco de bacon. Ela não podia nem olhar para ovos fritos.

Ela olhava vacilante o bacon em seu prato quando uma sombra a cobriu.

– Já é muito tarde – uma voz profunda comentou.

Ela ergueu a cabeça e viu um par de olhos negros em um rosto áspero e bronzeado de sol, o cabelo era loiro escuro. Ele era alto, delgado, musculoso e agradável e não parecia nada ameaçador, mas havia algo nele que a deixava tensa.

– Me desculpe? – ela gaguejou.

– O bacon. Você não pode soltá-lo.

Ela entendeu. Sua face resplandeceu quando ela riu. – Espertinho – ela comentou.

Ele sorriu. – Meu nome do meio – ele replicou.

Ela estremeceu. – Eu já o vi por aí.

– Sério? – ele perguntou impassível. – Quando?

Ela riu. Pelo menos ele tirava a mente dela do bacon. – Eu sou Delia Mason – ela se apresentou.

– Dunagan – ele disse, estendendo a mão.

– Somente Dunagan? – ela perguntou, considerando porque o nome lhe soava familiar. Barney não havia mencionado um homem chamado Dunagan? Ela não conseguia se lembrar.

Ele sorriu. – Se importa de eu me juntar a você?

Ela hesitou.

– Deixe-me adivinhar. Você está envolvida – ele imaginou.

Ela suspirou. – Sim.

– Sem problemas. Eu também. – ele tinha um olhar pensativo. – Claro, ela não sabe disso, mas porque isso deveria me preocupar?

Ela piscou. – Você está envolvido com uma mulher e ela não sabe?

Ele ergueu os ombros. – Eu guardo segredos. Você está sozinha aqui? – ele adicionou.

– Com a minha irmã e o marido – ela disse.

– Acho que a estou reconhecendo. Você é irmã de Barney Cortero, certo?

– Ele é meu cunhado – ela corrigiu.

– Ele é um boa pessoa – ele replicou, estudando-a atentamente. – Porque eles não estão com você?

– Eles tiveram de ir a Miami. Mas eles devem voltar amanhã à noite – ela se voluntariou.

Ele riu. – Eu gosto de Miami – ele disse. – Eu passo bastante tempo lá.

– Eu nunca fui a Florida – ela disse, sorrindo. – De fato, eu nunca fui a lugar nenhum até agora.

– De onde você é? – ele quis saber.

– Texas – ela disse. – E você?

Ele ergueu as sobrancelhas. – Você não vai acreditar nisso. Eu sou do Texas, também. Perto de El Paso.

– E eu perto de San Antonio.

– Nos temos Artemísia e cactos – ele gabou-se.

– Nós temos nogueiras e palmeiras.

Ele encolheu os ombros. – Cada um por si. Talvez eu a veja por aí, de novo – ele adicionou com um sorriso simpático.

– Sim. Talvez.

Ele piscou e caminhou na direção do bar.

Ela sorriu consigo mesma. Não havia ninguém que pudesse competir com Marcus, claro, mas seu novo conhecido era bastante atraente. Em sua terra natal, ela havia tido apenas dois encontros em dois anos. Agora em um espaço de semanas, ela era subitamente irresistível. Mas não ajudava saber que estava separada de Marcus indefinidamente, e quase certa de estar grávida. Marcus não queria filhos agora. O que ela iria fazer?

A primeira coisa a fazer era ter certeza de sua gravidez. Então ela foi a uma farmácia e comprou em teste caseiro de gravidez. Ela o usou. O resultado foi positivo.

Ela sentou na beirada da banheira e ficou olhando o piso cerâmico azul com o pensamento longe. Ela ia ter um bebê. Ela tinha vinte três anos, era solteira e o pai de seu filho não queria crianças naquele momento.

Delia agora estava em um dilema. Barb não podia saber; essa era primeira providência. Ela ficaria inconsolável, furiosa e desapontada com Delia. Seria uma agonia contemplar sua reação.

A segunda providência era ter certeza de não deixar Barb perceber nenhum dos sintomas que esta pudesse reconhecer. Ela teria de dormir tarde e não chegar perto de ovos mexidos. Ela diria que havia se exercitado muito durante o dia para estar tão exausta a noite. Barb engoliria isso, porque ela nunca havia ficado grávida. Delia se perguntava porque. Aquele assunto nunca havia sido discutido.

Mas o que ela faria com a criança não havia nenhuma dúvida. Ela ia manter o bebê, não importava o que teria de fazer. Se isso significava mudar para outro país durante os nove meses e depois fingir tê-la adotado, assim faria. Ela tinha que fazer algo. Colocou uma mão protetora sobre seu estômago ainda chato e sorriu sonhadora. Ela ia ser mãe!

Ela colocou o teste de gravidez num saco plástico, guardou em sua bolsa, e o jogou em uma lata de lixo perto da entrada. Não haveria nenhuma chance de Barb descobrir.

Ela planejava parecer descansada, alerta e feliz quando a porta do quarto se abriu e um Barney fatigado entrou pela porta junto com Barb.

– Nós estamos de volta, querida! – Barb exclamou, e correu na direção de Delia para abraçá-la calorosamente. – Eu sinto muito por termos tido de ficar longe por tanto tempo! Você está bem? Não houve nenhum problema, ou qualquer outra coisa...?

– Barb! – Barney interrompeu abrupto, dando a Barb um olhar ameaçador.

– Eu quero dizer Fred não esteve por aqui? – Barb retrocedeu rápido.

– Não, eu não o tenho visto – Delia a assegurou. – Vocês fizeram uma boa viagem?

– Eram negócios – Barb disse evasiva. – Você esteve saindo com a senhora do iate?

Delia riu. – Bastante. Você tem de conhecê-la, também. – ela adicionou com uma perfeita compostura. – Ela é um barato. Você nunca desconfiaria que ela já está com sessenta anos. Ela é tão cheia de vida, e faz acolchoados!

– Aha – Barb disse com um sorriso. – Essa é a questão, não?

– Nós estivemos trocando padrões – Delia mentiu. Claro que ela e Marcus havia feito isso.

– E você não andou vendo aquele gangster? – Barb adicionou cheia de suspeitas.

– Barb, ela já disse que não o viu – Barney gemeu. – Pare de atormentar a garota.

Barb fez uma careta. – Eu sinto muito. Eu estava preocupada, especialmente agora...

– Barb, pelo amor de Deus! – Barney interrompeu.

Barb corou, levantando ambas as mãos para cima. – Tudo bem, tudo bem!

– Você já jantou? – Barney perguntou a Delia.

– Não, e eu estou com fome – ela disse. Ela não estava realmente com fome, mas não podia admitir aquilo.

– Vamos então comer algo!

– Você conheceu algum dos outros hóspedes aqui? – Barb perguntou enquanto eles saíam juntos.

– Na verdade, Eu conheci um. O nome dele é Dunagan.

Barney se virou para ela estremecendo. – Dunagan?

– Ele é do Texas, também – Delia riu.

– Sim, nós sabemos – Barb disse ausente.

– Ele é lindo – Delia disse, seguindo a risca seus planos. – Cabelos loiro ondulados, olhos negros, corpo bonito, senso de humor estranho, justamente o meu tipo.

Barb franziu os lábios e piscou os olhos. – Olhe só, mas que progresso!

– Você que parar de fazê-la pensar em casar? – Barney resmungou. – Ela é uma criança.

– Eu tinha dezoito anos quando casou comigo – Barb apontou.

Barney riu para ela. – Então eu assaltei um berço. Isso não significa que é certo.

Barb fez uma careta para ele. – Estraga prazeres. Eu quero ver minha... irmã tão feliz quanto eu. O que há de errado nisso?

Não pela primeira vez, Delia achou curiosa a hesitação de Barb antes de “irmã”, como se fosse difícil para ela dizer aquilo. Havia uma enorme diferença de idade, claro, e ela havia passado uma boa parte de sua vida tomando conta de Delia. Provavelmente ela se sentia, mas como mãe do que irmã, quem podia culpá-la.

– Eu aposto que eu arruinei sua vida amorosa – Delia meditou. – Mamãe disse que você me levou ao seu primeiro encontro com Barney.

Barb não a olhou. – Foi idéia da mamãe. Ela pensou que você nos manteria na linha.

– Ela não confiava em você? – Delia perguntou inocente.

– Deixe para lá, você é uma boa garota – Barb replicou. – Rápido, segure o elevador ou ficaremos aqui por mais dez minutos! – ela correu para ele, com Barney e Delia logo atrás.

Dunagan estava no restaurante quando eles chegaram, sentado sozinho, esperando para fazer pedido. Ele usava calça branca, uma camisa de seda e uma jaqueta elegante. Ele estava muito bem vestido.

Ele olhou Delia e sorriu quando ela e seus acompanhantes chegaram atrás do garçom.

– Grandes mentes pensam de forma semelhante – ele disse para ela. – Importa-se de se juntar a mim? Eu preciso de proteção! Eu tenho certeza que pelo menos duas mulheres nesses restaurante tem idéias diabólicas com relação a mim. – ele olhou ao redor veladamente.

Ela sorriu. – Desculpe. Eu estou com minha irmã...

– Barb, você quer dizer? – ele persistiu. – Hey, Barney, como vai? – ele adicionou, cumprimentando seu cunhado.

– Devagar e complicado – Barney disse. – Continua aqui, então?

Dunagan encolheu os ombros. – Alguns trabalhos exigem paciência.

Barney e Dunagan trocaram um olhar enigmático. Havia algo estranho no modo como se olhavam. Era como se eles conversassem sem precisar das palavras.

– O que você faz, sr. Dunagan? – Delia perguntou enquanto Barney ajudava Barb a se sentar e depois ele mesmo.

– Eu sou corretor – ele replicou, sorrindo. – Ele retirou um cartão e entregou a Barney. – Neste momento, eu estou intermediando a venda de um terreno na Ilha Paraíso.

Barney ergueu as sobrancelhas. – Tudo certo?

– Definitivamente – Dunagan disse. – Eu tenho um comprador interessado.

– Ora, ora – Barney replicou.

O garçom voltou, e a pequena conversa foi encerrada enquanto estudavam o menu.



\*\*\*\*\*

Foi a refeição mais estranha que Delia podia se lembrar. Ela suspeitava daquela harmonia repentina entre Barney e Dunagan. Barb não parecia alheia a isso.

Mais tarde, Dunagan foi ao lobby com eles e perguntou a Barney se ele sabia algo sobre a estátua do lado de fora do hotel.

Os homens saíram, conversando animados.

– O que está acontecendo? – Delia perguntou a irmã.

Barb pareceu inocente. – O que quer dizer, querida?

– Barney e o Sr. Dunagan conversavam em dois níveis – ela disse. – Eu não entendi muito, mas eles se conhecem. Eu tenho certeza disso.

Barb riu. – Você anda muito desconfiada.

– Começando com minha família – Delia disse travessa. – Agora, vai. O que está acontecendo?

Barb ficou séria. – Eu gostaria de poder contar a você – ela replicou. – Mas eu não posso. É algum tipo de projeto secreto em que Barney está trabalhando.

– Com Dunagan?

Barb se virou e encarou a irmã. – Eu não posso falar nada.

Delia fez uma careta. – Eu tenho a sensação de que ninguém confia em mim.

– Que bobagem. Claro que eu confio. Mas não é meu projeto, e eu não posso discuti-lo. Nem com minha irmã favorita.

– Eu sou sua única irmã – Delia apontou.

Barb a abraçou. – Minha irmã única e especial.

Delia relaxou. Ela estava bastante cansada. Devia ser sua condição, ela supôs. Pelo menos ela não havia passado mal.

– Com sono? – Barb perguntou curiosa. – Você geralmente é uma coruja.

– Eu não sei o que tem no ar das Bahamas – ela disse, seu rosto impassível – Mas eu tenho dormido assim há duas semanas. Talvez eu tenha pegado algo.

Barb riu. – É a síndrome do paraíso – ela provocou. – Faz você ficar preguiçosa.

– Vai surgir o dia – ela riu.

– Sim. Realmente. Porque você não vai para a cama? – Barb perguntou, acenando na direção dos homens que conversavam fora do hotel, com os rostos sorridentes. – Eles podem ficar ali a noite inteira.

– Existe uma possibilidade distinta – Delia disse. – Eu acho que vou subindo. Durma bem, Barb.

– Você também, querida. Amanhã nós podemos ir ao barco com fundo de vidro, você gostaria?

– Sim – Delia disse com um entusiasmo forçado. – Eu adoraria.

– Então faremos algum turismo amanhã – Barb disse. – Você não está doente, está? – ela adicionou preocupada.

Delia riu. – Não eu. Boa noite.

– Tranque a porta. Nós temos a chave. – Barb gritou atrás dela.

Delia subiu, mas não conseguiu dormir. Ela deitou-se preocupada com a possibilidade do piloto do barco com fundo de vidro pudesse reconhecê-la e dizer algo. Marcus e ela haviam sido cuidadosos na maior parte do tempo, mas naquela ocasião nem tanto.

Ela teve de reconhecer que seria ridículo presumir que o piloto do barco pudesse reconhecer um casal entre de tantos casais nas Bahamas durante o verão. Mas ela não conseguia relaxar.

Mas antes que algo acontecesse, ela recebeu uma chamada telefônica logo cedo na manhã seguinte.

– É para você – Barb anunciou, colocando sua cabeça no vão da porta do quarto de Delia. – Uma senhora com sotaque britânico.

– Karen! – Delia exclamou, sorrindo enquanto pegava o telefone. – Alô?

– Bom dia, querida – a voz com sotaque de Karen replicou. – Você, sua irmã e seu cunhado gostariam de velejar hoje?

– Adoraria – Delia disse. – Eu vou perguntar a minha irmã. Barb! – ela gritou, sua mão no bocal do telefone.

Barb abriu a porta novamente. – O que foi?

– Você e Barney gostariam de velejar? – ela perguntou. – Karen nos convidou para ir ao seu iate.

Os olhos de Barb ficaram bem abertos. – Adorariamos! – ela exclamou. – Claro!

– Barb disse sim – Delia contou a amiga. – E obrigada.

– Venha lá pelas dez horas, querida, eu levarei uma cesta de piquenique para nós com o almoço. Vejo você mais tarde!

– Estaremos lá – Delia prometeu, e desligou.

– Um iate. Uau! – Barb murmurou. – Mesmo os amigos de Barney não têm iates. Ninguém veleja!

– Karen também não, pelo menos não com muita frequência. – Delia sorriu. – Você vai amá-la. Ela é doce, inglesa e muito excêntrica.

– Meu tipo de senhora – Barb concordou. – Quando iremos?

– Lá pelas nove e trinta, para chegarmos na marina às dez horas. Nós pegaremos um táxi.

– Contarei a Barney.

A porta fechou e o coração de Delia bateu mais depressa. Ela não podia ver Marcus, mas estar com Karen seria quase tão bom. Talvez Karen o tivesse visto e tivesse uma mensagem para ela. Se não, talvez ela pudesse levar uma mensagem para Marcus. Ela sentia como se sua vida estivesse pela metade.

Eles pegaram um táxi para a marina. Karen os esperava no píer, toda sorrisos, usando um enorme chapéu de palha enfeitado com rosas.

Delia os apresentou, e Barney e Barb foram imediatamente cativados pelo charme da adorável velhinha.

– Eu estou tão feliz que vocês puderam vir – Karen disse, levando-os através do píer para onde seu iate estava ancorado. – É velho, mas eu o adoro – ela adicionou, liderando-os enquanto subiam a bordo da grande mansão flutuante. – Meu marido o comprou novo nos anos oitenta.

– É glorioso – Delia disse com um suspiro.

– Muito bonito – Barney concordou, sorrindo para Karen. – Barb e eu fomos a um cruzeiro uma vez, mas nunca fomos muito náuticos. Uma embarcação como esta pode mudar minha cabeça.

– Eu amo o oceano – Barb concordou. – Muito obrigada por ter nos convidado – ela adicionou. – Delia tem falado de você desde que voltamos de Miami.

– Minha menina querida – Karen replicou, sorrindo para Delia. – Tão gentil, fazendo companhia para uma velha como eu. Visitas são raras para mim atualmente – ela adicionou com um olhar significativo para Delia, que imediatamente ficou alerta e preocupada. Algo havia acontecido a Marcus?

Karen leu sua expressão e negou com a cabeça rapidamente enquanto Barb e Barney exploravam o iate.

Delia assentiu e foi atrás deles, com Karen logo atrás.

Eles velejaram para fora das ilhas, conversando e escutando as histórias de Karen sobre os primeiros dias de New Providence.

Havia uma piscina a bordo, embora Delia e Marcus não a tivessem usado. Mas Barb e Barney eram como peixes. Karen ofereceu roupas de banho para que eles usassem a piscina o quanto quisessem antes do almoço. Eles aceitaram. Delia não foi porque queria conversar com Karen, e ela não podia arriscar que sua irmã visse.

Quando elas escutaram o barulho na piscina, Delia se virou rapidamente para Karen. – Como está Marcus? – ela perguntou. – Você tem escutado sobre ele?

– Não querida – Karen disse preocupada. – Eu esperava que você soubesse de algo.

– Nem uma palavra – Delia replicou. – De fato, ele me falou para não procurá-lo. Nem mesmo acenar para ele se o encontrasse na rua. Algo está acontecendo. Algo terrível. Eu estou com medo.

Karen pegou as mãos geladas de Delia. – Minha querida, eu sinto a mesma apreensão, mas não sei o que podemos fazer sobre isso. Eu tentei ligar para ele, duas vezes, e aquele agradável Sr. Smith disse que Marcus não estava disponível para atender nenhuma chamada telefônica. Algo sobre um acordo de negócios

acontecendo, com o qual ele tem de se concentrar. Mas geralmente eu o vejo perto de minha casa, e ele não tem aparecido.

Delia mordeu seu lábio inferior. – Você acha que ele está com algum tipo de problema?

– Eu não consigo achar outra explicação. Mas eu tenho certeza de que ele está bem – ela adicionou quando viu a expressão de Delia. – Certeza absoluta.

– Eu gostaria de ter também – Delia replicou, preocupada com algo que ela não podia compartilhar com Karen, a criança que ela carregava em seu ventre.

– Você deve conversar com o Sr. Smith – ela disse.

– Se Marcus não quer que eu o procure. Eu tenho certeza que ele não quer que eu fale com Smith também. Mas se você escutar algo, qualquer coisa, você me liga no hotel?

– Claro – Karen concordou. – E você deve me fazer a mesma promessa. Eu conheço Marcus há muitos anos. E aposto minha vida na sua honestidade. Eu nunca consegui acreditar em tudo o que dizem sobre ele.

– Nem eu – Delia concordou. – Nunca.

O dia foi idílico, mas desapontador, porque Delia esperava que sua amiga soubesse algo sobre Marcus. Agora ela não tinha meios de saber o que acontecia na vida dele.

Barb ficou desconfiada. Ela observava Delia como se soubesse que Karen e Delia conversassem sobre algo que elas não queriam que soubesse. Uma vez de volta ao hotel, e prontos para jantar no restaurante do mesmo, Barb deixou Barney ir à frente para reservar uma mesa. Ela segurou Delia no quarto e fechou a porta.

– Você e aquela doce senhora trocavam mais do que padrões de colchas, ou eu sou um marinheiro bêbado – Barb disse gentil. – Agora o que está acontecendo?

Delia se forçou um olhar inocente. – Você é muito desconfiada – ela exclamou rindo. – Karen e eu conversávamos sobre plantas!

Barb a estudou preocupada. – Não. Eu tenho certeza que é mais do que isso. Era sobre Marcus Carrera ou eu sou um peru.

– Glu, glu? – Delia provocou.

– Isso é sério – veio à réplica. – Escute, Marcus Carrera está envolvido em sérios problemas, querida. Ele está trabalhando com uma gang de Miami para trazer jogos e cassinos ilegais para a ilha paraíso. Eu ouvi Barney conversando sobre isso ao telefone com alguém. Ele foi traído por um dos mafiosos. Agentes federais o tem em sua rede. Eles vão prendê-lo.

O rosto de Delia ficou pálido. Ela não conseguia nem responder.

Barb fez uma careta. – Então você o conhece, não? E muito mais do que como seu salvador. Foi o que pensei. Querida, você não pode chegar perto dele novamente. Ele vai ser preso. Você não pode querer passar sua vida com um homem como este!

Delia engoliu com dificuldade. – Ele não é nada disso.

Os olhos de Barb abriram-se mais. – Em apenas três semanas, você o conhece melhor do que os federais. Eu vejo.

– Não. É difícil explicar. – Delia inspirou para se acalmar. – Ele não me deixa me aproximar. Ele disse que seria perigoso, que eu podia me machucar. Ele disse que não queria que eu me arriscasse, de jeito nenhum, e que eu não poderia falar com ele nem na rua.

Barb gemeu. – Oh, querida – ela disse miserável, e a abraçou fortemente. – Eu cortaria meu braço para protegê-la.

– Ele não é um criminoso.

– Eles não prendem pessoas por serem boazinhas.

– Ele não fez nada de ilegal, eu sei. E ele não poderia ter matado ninguém – ela disse fervorosa. – Ele é gentil, e tem um coração maravilhoso! Ele faz as colchas mais maravilhosas...!

– Existem assassinos em massa que gostam de animais – Barb replicou.

– Marcus não é um assassino em massa!  
– Mas é um criminoso, querida – Barb disse duramente. – E nada que você diga, ou faça, poderá tirá-lo da prisão.

Delia engoliu em seco. – Eu tenho de avisá-lo – ela sussurrou. – Eu não posso deixá-lo ser morto!

– Querida...

– Eu o amo – Delia disse.

Barb cerrou os dentes. – Há algo mais. Eu estava com medo que você estivesse envolvida com ele, e tentei poupar seus sentimentos. Mas não há mais nenhuma necessidade agora. Escute, ele está envolvido com outra mulher – ela adicionou. – Ela tem sido vista no cassino e hotel com ele, todas as horas do dia e noite. Ela é linda, bonita. E filha de um dos gangsteres de Miami com quem ele está ligado.

## CAPÍTULO 9

Delia sentiu como se seu mundo se desintegrasse. Marcus havia pedido que ela se mantivesse afastada, para sua própria proteção. Mas ele estava as voltas com uma bela morena com conexões com a máfia de Miami. E se Marcus só quisesse que ela se mantivesse afastada para não causar ciúmes a sua namorada? E se ele estivesse envolvido com esta mulher o tempo todo?

Mas se ele estava, porque havia dormido com Delia?

– Ele disse que era louco por mim – ela resmungou arrasada.

Barb a olhava como se ela tivesse perdido sua cabeça. – E você acreditou nele? – ela exclamou. – Você acha que um homem como ele se importa com a verdade?

– Ele não é um mafioso, ele é um bom homem – Delia protestou. – Eu não posso deixá-lo ir para a prisão, Barb. Eu tenho de encontrá-lo. Eu tenho de avisá-lo!

– Você não se aproximará do cassino! – Barb disse firme. – Eu não vou deixar você ser morta! Além do mais, se você for, Barney saberá que eu lhe contei sobre Carrera.

– Vai ser nosso segredo – ela prometeu. – Barb, eu preciso saber!

Barb ficou hesitante. Seu rosto contorcido de preocupação. – Meu bem, eu não quero que você se arrisque. Talvez eu consiga ir com Barney – ela adicionou com uma flexibilidade não característica.

– Me levar aonde? – Barney perguntou atrás delas.

Barb pulou de susto. – Você me assustou! – ela exclamou rouca.

Barney estava olhando de uma para outra com curiosidade. – Sobre o que vocês conversavam? – ele perguntou.

– Marcus Carrera – Delia disse abrupta. – Eu sei que ele está com algum tipo de problema com o governo. Eu quero ir a Ilha Paraíso e... conversar com ele.

Barney não ficou surpreso com a declaração dela. Ele arqueou uma sobrancelha. – Isso pode ser possível, se você for com um amigo meu e levar um bilhete para Carrera.

O queixo de Barb caiu. Delia se sentou.

– Vocês devem estar pensando que eu sou um idiota – ele disse, sentando-se no braço do sofá. – Eu sei mais do que está acontecendo do que poderei contar a vocês. Mas tudo o que vocês podem saber é que algo grande está ocorrendo e eu estou envolvido. Mais ou menos. De qualquer forma, eu preciso enviar um recado para Carrera e Delia é a única esperança que tenho de chegar até ele. Eu não posso ligar ou mesmo mandar um mensageiro seria muito suspeito.

– Você está envolvido? – Delia perguntou.

Ele assentiu. – E isso é tudo que posso contar.

– Marcus está em perigo? – ela persistiu.

O rosto de Barney ficou sombrio. – Mais do que ele imagina, neste momento. Eu não posso deixar que ele morra. Ele é essencial no que está acontecendo. Você está certa que quer ir? Pode ser perigoso.

– Ela não vai! – Barb protestou. – Eu não a deixarei ir para a linha de fogo.  
– Eu não deixarei Marcus morrer – Delia replicou. – Eu me preocupo demais com ele.  
– Ele está circulando com uma outra mulher, e você quer salvá-lo? – Barb perguntou amarga.  
– Mesmo que isto seja verdade, eu não o quero morto – Delia disse orgulhosa, para que Barney percebesse sua confiança.  
– Eu chamarei meu amigo. Esteja pronta em uma hora – Barney falou.  
– Barney! – Barb exclamou, e o seguiu. – Eu não o quero envolvido com gangsteres!

Todos os argumentos de Barb não funcionaram com Delia ou Barney. Ela jogou as mãos para o alto e deu um gemido rouco.

– Eu não tenho o direito de dizer nada?! – ela exclamou.  
– Claro. Diga boa sorte – Barney falou para ela.  
– Nós estamos falando de minha... minha irmã! – ela persistiu, quase em lágrimas. – Ela pode ser morta!

– Carrera certamente será, se ela não entregar esse recado a ele – Barney replicou entregando a Delia o bilhete. – Não abra – ele adicionou firme. – Pode custar sua vida, e eu não estou brincando.

– Eu não vou – Delia replicou. – Obrigado, Barney – ela adicionou, realmente grata por seu cunhado pela primeira vez desde o início do relacionamento deles.

– Você sabe que a maior parte das coisas que dizem dele é verdadeira? – ele perguntou mais em um tom gentil.

Ela assentiu. – Isso não importa.

Ele fez uma careta. – Eu imaginei que você diria isso. Boa sorte, criança.

Houve uma batida rápida na porta e Barney foi atender.

– Tenha cuidado – Barb disse. – Se alguma coisa acontecer com você...

– Eu vou ficar bem – Delia disse confiante.

Antes de Barb dizer algo mais, Dunagan entrou no aposento, vestindo um caro traje de noite. Ele não sorria, olhou Delia e assentiu.

– Você está bonita – ele disse.

– Você também, mas porque está aqui? – Delia perguntou.

– Ele é seu encontro – Barney disse e segurou sua mão. – Quanto menos você souber, melhor será. Finja que estão apenas passando uma noite na cidade. Nada mais. E tente não ser óbvia quando conversar com Carrera. Converse sobre quando ele a resgatou, e nada mais? Entendeu?

– Entendi – ela concordou. Seus joelhos estavam começando a parecer geléia. Ela era uma professora de costura. Como ela havia conseguido se envolver com a máfia? E qual o envolvimento daquele misterioso Dunagan em tudo aquilo? Se ele estava trabalhando com Barney, eles estavam com a máfia ou contra ela?

– Pena as pessoas não usaram placas indicativas – ela murmurou, pegando sua bolsa e capa de veludo. Ela usava um vestido de veludo preto, com alças e rosas bordadas no decote. A capa de veludo também tinha rosas bordadas como decoração. O cabelo loiro estava preso em um penteado complicado. Ela estava digna e elegante.

– Você não precisa se preocupar – Dunagan disse. Pegando no braço de Delia. – Eu tomarei conta dela – ele disse a Barb que lutava contra as lágrimas. – Eu lhe dou minha palavra.

Barb ensaiou um assentimento. – Eu amo você, querida – ela sussurrou para Delia.

– Eu amo você também, Barb.

Ela saiu do quarto com Dunagan.

Somente quando estavam no corredor eles escutaram a voz alta de Barb gritando furiosa – Você nunca me contou que estava colaborando com gangsteres! E quanto você está enrolado nisto tudo?!

Um táxi os esperava na entrada. Para surpresa de Delia, era John.

– Como você está esta noite, srta Mason? Para o *Bow Tie*, Sr. Dunagan? – ele adicionou.

– Sim – ele disse. – E depressa, John.

– Sim, Sr!

Delia olhou Dunagan. Ela não podia ajudar. O sorridente e despreocupado turista de antes ao qual ela havia se acostumado, de repente não estava mais lá. Ele estava sombrio, atento e sobre seu paletó notava-se o uma saliência.

Ele percebeu a preocupação dela e forçou um sorriso. – Não fique tão preocupada – ele a provocou. – Tudo vai dar certo.

– Você acha? – ela perguntou, suspirando e olhou pela janela enquanto eles se aproximavam do arco da ponte e passavam a marina em direção a Ilha paraíso. – Eu realmente espero que sim.

Ela pensava nas terríveis possibilidades. Ela estava grávida, e ninguém sabia, nem mesmo Marcus. A vida era muito complicada.

O *Bow Tie* estava cheio. Vários turistas circulavam entre o hotel, mesas de jogo, máquinas caça-níqueis e os complexos de entretenimento com shows ao vivo.

Delia olhava em torno a procura de Marcus. Ela se sentiu muito arrumada quando entrou, porém via-se de tudo, desde pessoas com jeans, a mulheres com vestidos de noite e homens com smoking. Aparentemente o código de vestimentas era bastante flexível.

Dunagan pegou-a pelo braço e guiou-a através do piso acarpetado do cassino até perto dos caixas. Parecia uma cena do filme de James Bond, ela pensou, fascinada pelas rodas de roletas e mesas de *blackjack*.

– Parece um filme – ela murmurou.

Ele riu. – Mais do que você imagina – ele replicou.

Eles se aproximavam da entrada onde ficavam os elevadores quando Delia viu Marcus. Ele usava um smoking e parecia elegante e muito rico. Próximo a ele havia uma mulher morena, muito bonita, com longos cabelos negros. Ela estava usando um vestido branco em seda que parecia muito caro, assim como Marcus. Ela o segurava pelo braço, e ele sorria para ela.

Delia se sentia cada vez mais insegura. Parecia tão fácil quando ela imaginou. Ela ainda tinha o bilhete de Barney como desculpa para falar com Marcus. Mas quando começou a se aproximar, ficou gelada. Ela relembrou sem nenhum prazer que ele havia pedido para ela não contatá-lo. Ele havia sido bem explícito. Certamente ele tinha alguma razão, se ele estava realmente misturado com a máfia de Miami. Mas de onde surgiu aquela maravilhosa morena que estava com ele? Será que ela fazia parte do negócio sobre o qual Barney havia falado, o tal projeto secreto que ninguém queria que ela soubesse?

Dunagan instigou-a a seguir. Ela hesitou.

Justo quando ela congelou, Marcus virou a cabeça, rindo de algo que a morena havia dito. Ele viu Delia e seu sorriso sumiu num instante. Ele fez uma carranca furiosa.

Delia se sentiu mal. Seu estômago embrulhou. Ela queria dar a voltar e sair correndo. Mas já era tarde demais. Marcus e a morena vinham em sua direção.

– Ola, srta. Mason – Marcus disse com um tom casual deliberado.

– Sr. Carrera – ela replicou, assentindo para ele. Era muito difícil fingir que não se importava, quando sua simples visão era como água no deserto para ela.

– Vocês se conhecem? – a morena perguntou, seus olhos escuros faiscando.

– Sr. Carrera me salvou de um bêbado aqui neste cassino no mês passado – Delia se voluntariou.

– Um verdadeiro rato – Marcus completou. – Tudo bem com você, srta. Mason? – Marcus adicionou.

Ela forçou um sorriso despreocupado. – Sim, obrigada.

– Bonito lugar – Dunagan murmurou, sorrindo. – Existe um bar?

– Existem três – a morena disse, passando o olhar por ele, atenta.

– Não diga? Eu sou Dunagan – ele disse, movendo-se para perto. – Você se incomoda de me indicar o caminho?

– Sem problemas – a jovem replicou. – Só vai levar um minuto, Marcus.

– Delia, me espere aqui, tudo bem? – Dunagan lhe falou. – Quando ela me levar ao bar, eu pegarei algumas fichas no caminho.

– Tudo bem – Delia replicou, sorrindo docemente.

Eles mal haviam saído quando Marcus explodiu. – Qual é o seu problema? – ele exigiu com os olhos faiscando de raiva. – Eu contei a você...

Ela colocou sua mão disfarçadamente na dele, apertando o bilhete nela. – Não exagere – ela disse segurando o fôlego.

Ele sentiu o bilhete e fez uma carranca.

– Barney – ela disse sem mover os lábios. Olhando a sua volta como se procurasse por Dunagan.

– O que ele lhe contou? – ele exigiu.

– Nada.

Ele não acreditou nela. A situação era perigosa. Terrivelmente perigosa. Ele se virou e abriu o pequeno bilhete, passando seus olhos pelo papel escrito. Seu rosto ficou tenso. Ele guardou a nota em seu bolso e olhou para Delia com uma expressão que podia parar um assalto a banco.

– Saia daqui – ele disse friamente. – Não retorne. Nunca.

As palavras duras fizeram o coração de Delia parar por um minuto. O que havia naquela nota? – É aquela mulher? – Delia perguntou, sentindo seu coração virar gelo.

– Sempre é – ele disse sem olhar para ela. – Nós tivemos uma briga. Ela foi para Miami e eu me senti solitário.

Ela estava grávida. Ele disse que a adorava. E tudo aquilo, no final das contas, era porque ele sentia falta da namorada?

Ele olhou pra ela, e sua expressão era cruel. – Você me ouviu. Correr atrás de mim não vai fazer você ganhar nenhum ponto. Você não tem nenhum orgulho? Ela está usando minha aliança!

Ela sabia que morreria depois. Mas ele não sairia por cima.

– Eu vim aqui com outro homem, você não notou? – ela disse, agarrando-se ao seu orgulho. Seu coração estava acelerado, e ela se sentia muito mal. – Eu acho que isso fala por si mesmo. Eu fui só a mensageira. Nada mais.

– Bom – ele retornou fechando as mãos nos bolsos. – Saia e volte para o Texas. Você está fora do seu ambiente aqui.

– Eu notei.

Ela voltou a cabeça e viu Dunagan retornando com a morena, que lançava dardos visuais em direção a Delia.

– Você a ama? – ela perguntou a Marcus no último segundo que eles ficaram sozinhos.

– Com todo meu coração – ele disse.

Ela olhou para os olhos endurecidos. – E você a traiu? – ela perguntou rindo sarcástica.

– Nós tivemos uma briga – ele disse simplesmente seu sorriso era cínico. – Você achou que tinha uma chance? Você é um doce, querida, mas você é lisa como sapatos velhos e sofisticada como um saco de areia. Você acredita em tudo o que um homem conta a você.

– Não mais – ela replicou com um sorriso fraco e procurou os olhos dele. – Eles estavam certos sobre você todo o tempo. – ela disse oscilante. – Você é somente um gangster.

– Conte com isso – ele concordou, seus olhos eram como pedras de gelo.

Ela se virou com as pernas trêmulas e um sorriso caloroso para Dunagan – Você comprou as fichas?

– Com certeza – ele disse com um sorriso. – Ela me mostrou aonde ir. Obrigado – ele adicionou a maravilhosa morena.

– Sem problemas – ela disse despreocupadamente, movendo-se para próximo de Marcus com um olhar possessivo e um olhar frio para Delia. – Tenha uma boa noite.

– Oh, nós teremos – Dunagan a assegurou, empurrando Delia em direção as mesas. – Boa noite.

Dunagan parou para conversar com um conhecido. Enquanto ele estava distraído, Delia tirou um minuto para respirar e se recompor. Ela nunca havia imaginado que Marcus a trataria com tanta crueldade. E

o modo como ele a havia olhado, como se ela fosse menos que um inseto. Ela sentia como se seu coração tivesse sido arrancado.

Ela levou um lenço aos seus olhos úmidos, e quando foi guardá-lo em sua bolsa, ela percebeu um homem baixo e escuro com orelhas grandes e lóbulos torcidos. Os lóbulos de sua orelha eram tão estranhos que Delia quase não viu a arma que ele retirava de sua jaqueta. Ele olhava direto para Marcus.

Sem nem mesmo pensar no perigo que corria, ela se virou e andou na direção dele, dando-lhe um esbarrão e tirando seu equilíbrio.

O homem soltou uma imprecação, deu-lhe um olhar duro, rapidamente colocou a arma de volta na jaqueta e se misturou com a multidão, saindo do seu raio de visão em poucos segundos. Marcus não percebeu nada, assim como Dunagan.

O coração de Delia disparou quando ela se reuniu a Dunagan novamente. – Você viu isso? – ela perguntou rapidamente, sem levantar a voz.

– Ver o que?

– Havia um homem pequeno com uma arma. Ele a retirou da jaqueta e ia atirar em Marcus com ela. Eu esbarrei nele tirando-lhe o equilíbrio e ele sumiu – ela disse preocupada. – O que está acontecendo aqui?

Dunagan cerrou os dentes. – Onde ele está?

– Eu não sei. Ele é muito comum, exceto pelos lóbulos da orelha. Ele se misturou com a multidão. Eu não sei para onde aquele homem foi.

– Ele percebeu se você viu a arma?

– Eu acho que não – ela replicou sucinta. – Porque alguém está tentando matar Marcus?

Ele hesitou, justamente quando o Sr. Smith entrou na sala alerta, ele sem dúvida havia visto a cena pela circuito interno de televisão. As pessoas abriam o caminho para ele se juntar a Delia e Dunagan. Marcus, curioso e solene, lançou um olhar a Smith, com os braços em volta da morena, e parecia considerar qual o motivo que havia levado Smith para próximo de Delia.

– Você o viu? – Smith perguntou a Dunagan.

– Eu não o vi – ele replicou tenso – Mas Delia sim. Você viu?

– Sim, nos meus monitores, por tudo de bom que isso já fez a mim. Eu não acho que Marcus tenha percebido algo. – ele se virou para Delia com uma expressão urgente. – O que você viu? – ele perguntou gentil.

– Você o viu com certeza, também? – ela perguntou suave, não deixando que ninguém a sua volta percebesse. – Ele não está no seu monitor?

Ele fez uma careta. – Eu tenho uma boa vista das suas costas e da parte de trás de sua cabeça em vídeo, junto de um flash da arma quando ele a tirou da jaqueta. Os outros monitores tiveram uma repentina e conveniente falha na imagem o que sugere um cúmplice ou que ele conhece alguma coisa sobre equipamentos de vigilância.

– Suspeito – Dunagan murmurou.

– Siga-me, tudo bem? – Smith perguntou seriamente.

Eles foram com Smith até a entrada. Delia tentou não olhar para Marcus, que ainda continuava encarando-os, ela se sentia arrasada com o que ele lhe havia falado.

– Ele estava apontando para Marcus? – Smith perguntou para Delia no minuto em que eles ficaram sozinhos.

– Tenho certeza – ela replicou. – Eu fui na direção dele deliberadamente, mas ele não me ligou a Marcus.

– Como ele é?

– Ele é moreno, miúdo, comum, mas tem lóbulos de orelhas incomuns.

– Você o reconheceria se o visse novamente? – Smith persistiu.

– Sim – ela disse confiante.

Smith suspirou pesadamente e levou uma das mãos a sua cabeça raspada. – Eu não vi muita coisa. É a primeira vez.



O sangue de Delia parecia gelo em suas veias. Alguém queria Marcus morto. Era o governo? Com certeza eles iriam atrás dele com uma intimação, mas um atirador?

– Ele tentará novamente? – ela considerou.

– Com certeza – Smith disse furioso. – E nós não o veremos uma segunda vez.

– Talvez nós conseguíssemos um retratista – Dunagan se aventurou.

– Não temos tempo – Smith replicou. – Ele tentará ainda esta noite. Nós não podemos esperar. – ele olhou para Delia. – Eu preciso que você circule. Você usará uma escuta assim poderá me alertar assim que o ver, pode ser?

– S... sim, claro – ela disse, embora ela quisesse correr para Marcus e salvar com sua própria vida.

Smith olhou para Dunagan.

– Eu não a deixarei um minuto – ele prometeu a Smith.

– Você está armado? – Smith perguntou surpreendendo-os.

Para surpresa de Delia, Dunagan assentiu, abrindo sua jaqueta e expondo o coldre preso em seu ombro.

– Tudo bem. Nós iremos ao meu escritório e colocaremos os equipamentos necessários.

– Porque Marcus está em perigo? – Delia quis saber.

– Não posso dizer – Smith disse tenso. – Vamos.

Delia teve uma pequena bateria colocada por baixo do cinto na cintura, e a escuta nas alças de seu vestido pelas mãos eficientes de Smith. Era preto e não aparecia. Ele colocou um receptor em forma de brinco em sua orelha, também. Ela sentiu o perigo como uma forma viva, mais por Marcus do que por ela. Se ele fosse assassinado, a despeito de tudo o que ele havia dito, ela não agüentaria.

– Tudo o que precisa fazer é falar – ele a assegurou, indicando o receptor em sua orelha. – Eu a escutarei, circularéi pelo cassino com minha equipe. Ele não passará por nós.

Delia tentou um sorriso. – Deus, Eu espero que sim.

– Mantenha os olhos abertos. E seja cuidadosa – ele adicionou. – Se esse homem é um assassino contratado, ele não hesitará em atirar em quem ficar no seu caminho, incluindo você.

– Eles não perderam tempo, não? – Dunagan disse amargo.

– Nenhum segundo – Smith concordou.

Delia olhou de um para outro, totalmente no escuro. Todo mundo parecia saber o que estava acontecendo, exceto ela. Mas o pensamento de que um estranho estava tentando matar Marcus fazia seu coração doer. Ela carregava seu filho, e ele não sabia. Como poderia viver se algo acontecesse com Marcus?

– Eu estarei logo ao lado dela – Dunagan adicionou.

Foi só aí que Delia percebeu que ele também já estava equipado. Ele tinha uma escuta e um receptor, também.

– Deus, isso parece um filme capa e espada – ela murmurou.

Smith arqueou uma sobrancelha. – Você não tem idéia – ele meditou, seus olhos verdes brilhavam. – Tudo bem. Está pronta? É hora do show.

– E Marcus? – Delia perguntou. – Ele sabe que tem alguém tentando matá-lo?

– Se você entregou a nota de Barney, ele sabe – Dunagan respondeu.

Ela segurou o fôlego. Isso explicava a expressão dele, sua determinação em tirá-la do cassino. Ele não a queria fora de sua vida. Ele tentava protegê-la! Ela sentiu seu coração inflar como um balão.

– Mas ele não viu o assassino, viu? – Smith persistiu.

– Eu não posso ter certeza, porém ele não havia olhado para o nosso lado até o homem sumir na multidão.

– Vamos – Dunagan resmungou. – Vamos descer novamente. Eu estarei ao seu lado em todo o momento.

Ela deu a ele um sorriso curioso. – Você não é um turista, é? – ela perguntou.

Ele riu. – Mais ou menos.

– Não pergunte nada a ele – Smith disse firme. – O que você não sabe, a mantém segura. E tome cuidado – ele adicionou. – Nós não queremos perdê-la.

- Eu ficarei bem – ela o assegurou. – O negócio é salvar Marcus.
- Amém – Smith disse.
- Vamos – Dunagan disse.
- Eu estou logo atrás de você – ela replicou, olhando uma última vez para o Sr. Smith.

Seu espírito encolheu-se um pouco quando voltou ao cassino e viu a morena agarrada ao corpo de Marcus enquanto estavam parados na escadaria do cassino olhando o movimento nas máquinas caça-níqueis e conversando com um cliente. Ele a segurava com um braço, ainda sorrindo para ela com possessão. Arrasou o coração de Delia ver isso. Estava ele realmente tentando protegê-la, ou estava genuinamente envolvido com a morena explosiva? De onde ela estava, não parecia que ele fingia estar interessado na morena. Especialmente quando a enorme mão desceu para o quadril dela e a cariciava. Ela pensou na criança que carregava e o medo atravessou seu corpo. Ela fazia aquilo, não só por ela, mas por seu Bebê, também, o bebê que ninguém sabia existir. Ela não podia voltar atrás. Ninguém podia reconhecer o homem que tentava matar Marcus. Só ela.

Ela não olhou para Marcus diretamente, mas seus olhos estavam em todos os lugares, procurando algum sinal daquele homem estranho que havia apontado uma arma para ele mais cedo. Que sorte para ela o assassino não ter percebido que ela havia esbarrado nele deliberadamente. Aquilo salvou a vida de Marcus.

Dunagan parou em uma máquina caça-níqueis de frente para Marcus e entregou a Delia uma mão cheia de moedas de quinze centavos. – Jogue – ele resmungou. – Só mantenha seus olhos abertos ao mesmo tempo.

Ela percebeu que ele ficou ao seu lado assim ela poderia ter uma visão direta de Marcus, que estava parado a sua frente na escadaria entre o primeiro e o segundo andar do cassino. Ele não se movia um milímetro. Obviamente, Smith não havia falado com ele ainda. Lá ele era um bom alvo, mas também ficava fácil ver alguém se aproximando dele. Aquilo deveria ser deliberado, para manter o assassino pensando que Marcus estava alheio a sua presença, mas era perigoso. Smith estava assumindo muitos riscos ao confiar que Delia poderia reconhecer o atirador.

Delia teve um momento difícil quando precisou ir ao banheiro, assim ela passou a melhor descrição que podia do homem a Dunagan, esperando que assim ele pudesse reconhecer o homem no caso dele surgir.

Quando ela saiu do reservado para lavar as mãos, a linda morena estava esperando por ela olhando-se em um dos elegantes espelhos sobre a pia.

Ela estava ajeitando seus lindos e longos cabelos negros perfeitamente cortados. Ela deu a Delia um olhar gelado através do espelho.

– Eu vi você conversando com Marcus, enquanto seu namorado estava comigo – ela disse gelada. – Não tenha esperanças. Ele pertence a mim.

– Ele pertence? – Delia perguntou.

– E ninguém toma o que é meu – ela disse com um fraco sotaque do norte. Ela não sorriu. – Não se querem se manter com saúde.

Delia queria bater naquela mulher. Ela era elegante, bonita, rica, tudo que Delia não era. E Marcus disse que a amava.

– Você o conhece há muito tempo? – Delia perguntou.

– Tempo o suficiente para saber que o amo – a mulher disse presunçosamente. – E eu posso mantê-lo. Você não. Uma mulher como você não tem serventia para um homem como Marcus. Você nem mesmo sabe como se vestir! – ela disse rudemente. – Uma caipira num lugar como esse. Que piada! Ele iria mantê-la escondida para que seus amigos não caíssem na gargalhada quando a visse!

Os olhos de Delia reluziram, mas ela fingiu surpresa. – Você está brincando, é claro – ela retorquiu. – Come se eu quisesse ser vista com um criminoso!

Os olhos da mulher se abriram com surpresa. Ela não esperava pela resposta.

– Eu descendo de pessoas respeitáveis, decentes – ela adicionou arrogantemente – Que não aprovariam o fato de eu ser vista com pessoas como ele! Eu tenho muito orgulho para me rebaixar a este nível!

– Como você se atreve! – a mulher disparou. – Você tem idéia de quem é meu pai? Meu pai é um homem imoralmente rico, assim como eu!

Delia lavou suas mãos e secou-as inocentemente. – Imoral é uma boa palavra para o tipo de ricos que vocês são – ela disse. – Tenha uma boa noite – ela sorriu friamente e saiu.

– Sua...!

A palavra vulgar flutuou pelo ar tão alto que algumas pessoas giraram a cabeça quando Delia entrou no cassino, mas ela não prestou nenhuma atenção a sua notoriedade repentina. Seu sangue fervia. Ela teria gostado de colocar aquela mulher a nocaute. Mas ela tinha outras preocupações.

– Uau – Delia escutou um riso suave e profundo em seu ouvido. – Lembre de nunca deixá-la brava.

Era Smith. Ele havia escutado cada palavra. Delia fez uma careta e olhou para trás vendo a morena tempestuosa na escadaria com Marcus. – Eu sou uma garota má – ela sussurrou.

– Ela é pior – Smith replicou, e foi para próximo da roleta, os olhos dele ainda procurando na multidão.

Delia foi para a máquina caça-níqueis, alheia a Dunagan que tentava chamar sua atenção do outro lado da sala. A escuta não funcionava! Dunagan indicava uma figura solitária se esgueirando para a escada.

– Oh, meu Deus! – Delia exclamou.

Smith e Dunagan vinham de diferentes direções, tentando chegar a tempo. Delia estava mais perto.

Ela foi para a escadaria como um furacão justamente quando o atirador apontou a arma pela segunda vez na direção de Marcus.

Delia correu para ele, empurrando-o no momento em que ele atirou. Ele a empurrou para trás com todo o peso de seu corpo, jogando-a por cima do parapeito, para o piso inferior do cassino. Ela pousou no chão em queda horrível, e sentiu como se seu corpo tivesse quebrado em dois. A dor foi tão forte que ela desmaiou.

Enquanto isso, Marcus lutava com o assassino quando ambos caíram por sobre o parapeito também, no piso acarpetado do cassino.

O atirador rolou para o lado e ficou de pé, mas nesse momento, Smith o segurou com as mãos e o algemando-o segundos depois.

Marcus, assim como Delia estava inconsciente pela queda.

– Chamem uma ambulância! – Dunagan disse ao microfone.

Houve gritos e muita especulação enquanto as pessoas olhavam Delia e Marcus com uma horrível fascinação. A morena inclinava-se sobre Marcus, chorando histericamente quando as sirenes da ambulância começaram a soar.

## **CAPÍTULO 10**

Delia recuperou a consciência vagorosamente. Ela gemeu. Seu estômago parecia haver sido rasgado. Sua cabeça girava.

– Querida?

Ela abriu os olhos e viu Barb com olhos vazios e curiosos. – Barb?

Barb estava chorando. – Oh, meu amor, graças a Deus você está viva – ela sussurrou roucamente. – Nós ficamos apavorados quando Dunagan nos chamou! Eu pensei que você estivesse morta quando chegamos aqui!

– Eu caí. – a mente de Delia flutuava. – Havia um homem com uma arma... Marcus?!

– Ele ainda estava inconsciente quando chegou aqui – Barb disse friamente. – O que é bom demais para ele!

– Ele vai sobreviver? – Delia perguntou preocupada. – Por favor!

Barb odiava Carrera. Ela não queria responder aquela questão, mas Delia parecia tão miserável. Ela não podia recusar isso a Delia. – Eu não o vi, mas Barney disse que os médicos acreditam que ele vai

sobreviver – ela disse relutante. – É uma concussão, um pouco pior que a sua. Aquela morena está lá com ele fazendo confusão – ela adicionou desgostosa.

Delia fechou seus olhos. Ela estava doente de sofrimento, angústia e amargura. Pelo menos Marcus estava vivo, mesmo estando com aquela mulher venenosa. Então como uma clarão, ela pensou no bebê que carregava e naquela dor terrível em seu estômago. Ela ofegou.

As mãos dela foram para o ventre e ela levantou o rosto para Barb com medo, querendo perguntar mais sem coragem de saber.

A expressão de Barb era eloqüente. – Você perdeu seu bebê, Delia. Eu sinto muito.

Delia fechou os olhos. Lágrimas desciam por seu rosto. Era o filho de Marcus. Ele não sabia. Ele continuava inconsciente. Se a concussão dele era mais severa, ele podia morrer, também, a despeito do que os doutores haviam falado.

Barb se aproximou e a abraçou gentilmente. – Maldito Marcus! – ela disse. – Maldito seja ele!

– Eu o amo – Delia sussurrou arrasada. – Eu queria nosso bebê.

Barb cerrou os dentes. – Porque você não me falou?

– Porque eu sabia o que você pensava – Delia disse arrasada. – Você é tão correta. Você nunca cometeria um erro como esse.

O rosto de Barb se contorceu em dor, embora Delia não pudesse ver. – Eu teria feito qualquer coisa por você – ela replicou. – Qualquer coisa, meu amor!

Delia a abraçou mais forte, seu rosto banhado em lágrimas. – Eu sinto tanto não ter confiado em você! – ela disse, sabendo o quanto ela havia magoado a irmã mantendo-a no escuro.

– Calma, calma – Barb sussurrou, sobre seus cabelos. – Tudo vai ficar bem, você vai ver. Você está salvo agora.

– Dunagan? – Delia perguntou.

– Ele e Barney saíram com alguns homens de terno – Barb murmurou. – Que desastre, eu me sinto como um cogumelo ultimamente! Ninguém me fala nada! – ela ergueu sua cabeça. – O que exatamente você estava fazendo quando caiu, Delia? Como você caiu?

Delia não queria envolver Barb. Se Dunagan e Barney mantinham silêncio, ela faria o mesmo.

– O parapeito do cassino cedeu – ela mentiu.

Barb sentou-se e a encarou com uma expressão curiosa, ela não parecia ter acreditado. – Barney disse que você foi jogada da escada por um homem que havia roubado o cassino e tentava fugir dos seguranças.

– Eu disse que o parapeito cedeu? – Delia tocou suas têmporas. – Eu devo estar em choque.

– E eu devo estar usando uma placa que diz, “Mintam Para Mim” – Barb disse duramente.

– É para o seu próprio bem – Delia replicou. As mãos dela voltaram para o estômago chato. Ela estava em choque naquele momento, sentindo-se desgastada. Ela não queria encarar aquilo ainda.

Barb levantou-se da cama e sentou-se numa cadeira, grata pelas enfermeiras não a terem visto. Sentar em camas de hospital era proibido.

– Eles prenderam o homem no cassino, ou Barney não disse nada? – Delia perguntou hesitante.

– A policia bahamiana o prendeu por tentativa de assassinato, de fato – Barb falou para ela. – Dunagan havia colocado as algemas nele e o chefe de segurança de Carrera estava sentado sobre ele quando os policiais chegaram, de acordo com Dunagan.

– Ops – Delia murmurou. – O Sr. Smith é enorme e o assassino era um homem pequeno – ela parou abruptamente.

– Eu estou com tanta vontade de te bater, quando você melhorar! – Barb disse com os dentes cerrados. – Você salvou a vida daquele bandido, não foi? E arriscou sua própria vida no processo!

Delia fechou os olhos. – Eu estou realmente cansada, Barb – Ela murmurou, tornando-se conveniente sonolenta. – Eu só quero dormir um pouco.

Barb abrandou-se, mas sua expressão era preocupada. – Tudo bem, amor. Nós conversaremos de novo quando você se sentir melhor. Delia – ela adicionou devagar – Eu sinto sobre o bebê. Mas você não tem a mínima idéia do que seria tê-lo sem ser casada. Você não sabe.

– Como se você soubesse! – Delia disse com sarcasmo, seus olhos fechados.

Os olhos de Barb pareciam assombrados. – Eu vou dar uma saída e descobrir onde está Barney. Voltarei logo, eu prometo.

Delia agora estava sonolenta de verdade. – Tudo bem – ela suspirou.

Barb saiu do quarto e seguiu o corredor até a UTI. Ela parou junto à mesa da atendente.

– Marcus Carrera – ela disse vagarosamente. – Você pode me dizer como ele está?

– Você é um membro da família? – a enfermeira perguntou.

– Não – Barb respondeu, olhando pela janela do quarto onde aquela morena magrela estava deitada sobre Marcus. – Mas minha irmã salvou a vida dele.

– Então ela deve ser aquela jovem que se jogou sobre o homem com a arma – a enfermeira disse, sorrindo. – Meu irmão é policial, ele me contou. Que jovem corajosa! – ela não havia notado que Barb havia ficado pálida. A enfermeira olhava pela janela do quarto da UTI onde a morena e Marcus estavam. – Ele acabou de recuperar a consciência e vai ficar bem. Ao seu tempo. – ela adicionou, aproximando-se. – Ele não sabe quem é. – ela sussurrou. – Perdeu completamente a memória.

Barb estava secretamente aliviada. Isso iria poupar bastante dor a Delia. Pelo menos a última semana de férias seria calma, uma vez que ela soubesse como as coisas andavam. Barb iria se certificar que Delia tivesse um bom descanso.

– Obrigado – Barb disse a enfermeira. – Eu não direi nada sobre isso a ninguém, exceto minha irmã. A enfermeira sorriu.

Barney estava vindo pelo corredor quando Barb chegou ao quarto de Delia. Ele estava sozinho e parecia preocupado.

– Como ela está? – ele perguntou.

– Dormindo, quando a deixei – Barb respondeu. Ela cruzou os braços diante do peito. – Eu sempre vou descobrir pelos outros o que está acontecendo? – ela perguntou a ele. – De acordo com a enfermeira, minha irmã atrapalhou uma tentativa de assassinato do gangster adiante no corredor!

Ele puxou-a do corredor para a sala de espera e a sentou num canto longe de outros visitantes.

– Eu sinto muito não ter podido contar antes, mas era impossível. Eles contrataram um assassino de aluguel – ele falou para ela. – Eles o mandaram de Miami com instruções explícitas para que matasse Carrera.

– Quem o mandou, o governo? – ela perguntou, ainda chocada com a informação dada pela enfermeira.

– Não – ele replicou duramente. – Foi um gangster renegado que está tentando montar uma operação de lavagem de dinheiro aqui com o primeiro dos muitos cassinos que tenciona comprar. Ele mora em Miami e pertence à máfia do norte, e eles não gostarão disso. Mas a partir do momento que ele conseguir entrar aqui todos conseguirão também. Isso vai mudar tudo. Carrera tem amigos. Muitos amigos. – ele tomou fôlego. – Aquele criminoso de Miami cometeu um grande erro usando um assassino com uma ficha policial extensa. Ele ainda é procurado por dois assassinatos em New Jersey, e agentes federais já estão a caminho para levá-lo depois de sua extradição.

– Nós estamos no meio de uma guerra – ela gemeu.

– Não – seu marido respondeu. – Você não entende. O irmão mais novo de Carrera foi assassinado por causa de dinheiro de lavagem de drogas aqui mesmo nas Bahamas, por um banqueiro com conexões com a máfia e cartel de drogas colombiano. Carrera está atrás deles há semanas. Ele está trabalhando junto aos federais.

O queixo de Barb caiu.

– Eu achei que você ficaria assim – Barney murmurou. – Você não pode contar para Delia – ele adicionou firmemente. – Ela já fez mais do que devia. Ela salvou a vida de Carrera ontem à noite, duas vezes. A primeira ela trombou no assassino e o fez se afastar, antes de descobrir quem era ela. Na segunda vez, ela jogou-se contra ele justamente quando ele se preparava para atirar. Ela e Carrera foram para cima

dele. – Ele balançou sua cabeça. – Smith e Dunagan chegaram logo depois, mas eles nunca teriam conseguido chegar a tempo. Eles tiveram uma quebra na comunicação. Quando Carrera se recuperar, Smith vai ter sérios problemas, eu receio.

– Barney, Carrera não vai reconhecê-lo – ela disse vagarosamente. – Ele não vai reconhecer ninguém, incluindo Delia. Eu acabei de voltar da UTI. Carrera recuperou a consciência, mas está com amnésia. Ele não se lembra de nada.

– Amnésia? Oh, isso é maravilhoso! – Barney rosnou. – Maravilhoso! Aqui estamos nós no meio de uma investigação, em que ele é o pivô. Sem a cooperação dele, aquele rato de Miami vai conseguir montar seu esquema aqui!

– Isso não é nosso problema – Barb falou para ele. – Eu só quero que minha irmã saia do hospital e que voltemos para casa.

– Eu sei disso. Mas nós não podemos sair daqui ainda – ele disse desculpando-se. – Eu estou trabalhando com Dunagan nesse caso volumoso de lavagem de dinheiro. – ele adicionou. – Eu tenho de terminar o que comecei.

– Porque você está envolvido nisso? – Barb perguntou. – E quem é Dunagan?

Ele fez uma careta. – Eu soneguei alguns impostos no ano passado. Se eu fizer ao federais esse pequeno favor, eu posso pagar a penalidade e não perder metade dos meus bens.

– Barney! – ela exclamou. – Como você pode?

Ele juntou suas mãos. – Não precisa soar tão virtuosa, querida, nós dois sabemos que você não é.

– Delia não sabe, e nunca vai saber! – Barb disparou.

Ele hesitou. – Há algo que devo lhe contar. Você não vai gostar – ele adicionou. – O lavador de dinheiro é Fred Warner.

Ela enrijeceu. – Fred, o que tentou atacar Delia?!

– É pior. Fred ficou furioso por Carrera tê-la salvado aquela noite, e renegou o trato que havia feito com ele. Fred o entregou ao mafioso de Miami. Foi por isso que o assassino veio atrás dele. Eles sabem que Carrera está trabalhando para os federais, e eles pretendem tirá-lo fora do jogo. Nesse momento, ele é o único que sabe que sabe o que eles planejam, exceto por mim e Dunagan, e com sua falta de memória, nós estamos todos no mesmo barco.

Barb se sentiu mal. – Existe mais, certo?

– Fred não gosta de engolir sapo – ele disse a ela. – Ele contratou um detetive particular. Eu não sei o que ele vai fazer, mas ele está procurando se vingar de mim, também. Deve ter sido assim que eles descobriram minha sonegação, porque Fred deve ter me denunciado.

– Ele pode descobrir algo sobre mim, não pode? – ela perguntou preocupada. – Minha mãe morreu, ninguém mais sabe...

– Nós sabemos, não? – Barney disse calmamente. – Deve haver algo registrado em algum lugar. Eu não sei. Eu só acho que você deve ficar preparada.

– Eu devia ter contado a ela anos atrás, depois que nos casamos – Barb disse arrasada. – Ela nunca vai me perdoar.

Barney a trouxe para perto. – Vamos cruzar essa ponte, quando chegarmos nela, querida. Não vamos nos antecipar. Nós já passamos por situações piores que esta. Nós resolveremos.

– Se eu pudesse reescrever o passado – ela disse tristemente, descançando a cabeça no ombro de Barney.

– Ninguém pode. – ele a beijou na testa. – Você já lhe falou sobre o bebê? – ele adicionou triste.

– Sim, mas eu imagino que ela já sabia – Barb disse. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. – Minha pobre Delia. Ela o ama. Ela queria tanto aquele bebê.

– Nós conhecemos o sentimento – ele replicou, beijando o cabelo dela. – Um bebê na família teria sido bom. Eu imagino que ela não tenha contado a Carrera?

– Claro que não – ela replicou. – Ele está noivo daquela morena jogo duro que está com ele no quarto, então acho que é melhor assim.

– Suponho que seja. Amnésia. Imagine só. – ele suspirou. – Dunagan e eu vamos ter que resolver isso sozinhos agora.

– Bem, só faça o favor de manter meu bebê longe de qualquer plano futuro, você está me ouvindo Barney? – ela adicionou com firmeza. – Nós não vamos nos arriscar a perdê-la, também. Nada mais importa.

– Você sabe que eu nunca quis que Delia se machucasse – ele disse com um sorriso triste. – Não ocorreu a você que podemos ter cometido um terrível erro de julgamento? Sua mãe ajudou para isso, mas nós poderíamos ter lutado.

– Agora é muito tarde.

Ele fez uma careta. – A maior parte disso é culpa minha.

– Eu ajudei – ela o lembrou gentil. Ela se aproximou e o beijou. – Eu amo tanto você. – ela sussurrou. – Isso valeu tudo!

– Para mim também, querida – ele replicou, e a beijou de volta.

– Nós não podemos deixar Delia se magoar mais – ela disse.

– Eu farei o melhor que puder para evitar isso. Você não acha que seria mais sábio contar a verdade sobre o passado para ela agora?

Ela negou. – Não até que precisemos.

– Então vamos tentar tirar Fred da cabeça. Vamos. Vamos comer alguma coisa enquanto Delia está dormindo. Eu estou faminto e eles devem servir café da manhã em algum lugar por aqui!

Ela seguiu com ele, só lembrando mais tarde que ele não havia falado quem era Dunagan, ou o que ele fazia.

Marcus estava com uma forte dor de cabeça, e não ajudava o fato de Roxane Deluca não parar de fazer estardalhaço a sua volta. Ele não a reconhecia, mas ela se apresentou e falou que eram noivos. Ele notou o anel na mão esquerda e tomou isso por certo.

– O que eu faço para viver? – ele perguntou a ela, soando atordoado.

– Você é dono de hotéis e cassinos por todo o mundo – ela contou. – E você e meu pai tem negócios juntos.

– Temos? De que tipo?

Ela lhe deu um olhar calculado. – Eu falarei sobre tudo isso mais tarde.

Ele levou uma mão à cabeça. Ele se sentia mal e sua têmporas doíam. – Como eu vim parar aqui?

– Você caiu acidentalmente no cassino e bateu a cabeça. – ela mentiu prontamente.

– Eu sou assim tão atrapalhado? – ele disse.

– Não sempre.

Ele fechou seus olhos. – Estou com sono.

– Então, vá dormir, querido – ela disse docemente. – Eu estarei bem aqui quando você acordar.

– Tudo bem. – ele murmurou.

Ela ficou até ter certeza que ele dormia, então saiu para o corredor, foi ao banheiro e pegou o celular. – Papai? – ela disse depois de um minuto. – Ele está no hospital. Ele não se lembra de nada. Não, ele não está mentindo, tenho certeza, perguntei ao doutor. Você pode dizer qualquer coisa que quiser e ele não vai poder contradizer. Pena, ele é bastante atraente. Eu sei, papai, eu não estou suavizando. Nós podemos fazer uma armadilha. Só me avise quando e onde, e eu o levarei lá quando tivermos alguém para o trabalho. E por favor, alguém eficiente dessa vez! Mantereí contato. *Ciao*.

Ela fechou o celular e voltou para o quarto de Marcus. Barb abriu a porta do reservado vagarosamente e se certificou de que a morena estava fora de vista antes de voltar para o quarto de Delia. Ela tinha algo muito interessante para contar ao marido.

No segundo dia de Delia no hospital, ela teve uma visita inesperada, Karen Bainbridge, que entrou a porta com um enorme buquê de flores tropicais atadas com um laço.

– Eu estou tão feliz que vocês dois estejam bem – Karen disse. – Mas Marcus perdeu a memória, me desculpe.

Delia forçou um sorriso. – Eu sinto, também, mas pelo menos ele está vivo. Sente-se! Eu estou tão feliz que está aqui.

– Sua irmã não está aqui com você? – Karen perguntou curiosa.

– Ela e Barney voltaram ao hotel para pegar algumas roupas para mim – Delia disse. – Nós pensamos que eu teria alta hoje, mas vou ter ficar aqui até amanhã.

– Está tudo bem com você? – Karen perguntou preocupada.

– Sim. Eu... tive algumas pequenas complicações – ela replicou, não querendo contar a doce velhinha sobre o aborto.

Karen deu a Delia um vagaroso, penetrante olhar. – Eu falei a Marcus o que você fez – ela disse gentil. – Que você salvou a vida dele. Ele não lembra de você no momento, mas ficou surpreso e muito grato por você ter assumido um risco por ele. Eu queria ficar mais, mas aquela mulher com ele é muito possessiva. Foi só depois que o Sr. Smith chegou que ela parou de interferir.

– Sr. Smith?

Ela assentiu. – Ele está tomando conta de tudo enquanto Marcus está aqui. Ele é muito inteligente.

– Sim. – Delia concordou.

– Aquela mulher quase não me deixou entrar no quarto de Marcus. Sr. Smith a tirou do caminho e me convidou a entrar. Marcus não tem idéia do que está acontecendo, mas eu imagino que o Sr. Smith irá contar-lhe em algum momento.

Delia ficou devastada ao saber da possessividade da outra mulher, e não conseguiu esconder isso.

– Calma, calma, querida – Karen disse suavemente, aproximando-se de Delia e tocando sua mão. – Você não deve desistir. Eu nunca vou esquecer a forma como Marcus olhava para você, aquele dia no iate.

– Ela está usando um anel de noivado, e disse que ele o deu para ela – Delia disse solene. – No cassino, antes de cairmos, Marcus me contou que eles haviam tido uma briga e que essa era a única razão de ele ter saído comigo. Ele disse que eu não tenho um lugar em sua vida.

Karen ficou chocada. – Ele não pode ter dito isso!

– Ele não lembra agora – Delia continuou. – Ele não lembra de mim, também. Mas ele tornou bastante obvio que ele não quer ter mais nada a ver comigo. Primeiramente – ela adicionou hesitante – Eu pensei que ele estivesse em perigo e queria me proteger falando para que eu não me aproximasse dele. Isso foi antes dela me falar sobre o noivado. Ele me falou, também, no cassino.

Karen ficou de queixo caído. – Eu sinto muito. Vocês pareciam o casal perfeito, e tão apaixonados um pelo outro.

– Eu também senti isso por um tempo. – ela se recostou nos travesseiros e inspirou longamente. – Você sabe, eu sentia como se o tivesse conhecido desde sempre. Agora eu me sinto uma tola. – ela olhou para Karen. – A vida ensina lições dolorosas.

– Certamente que ensina, minha querida. Meu noivo morreu no Vietnã. Eu nunca mais consegui amar ninguém – Karen contou gentil.

– Karen, eu sinto muito.

Ela sorriu tristemente. – Talvez nós tivemos nos divorciado, uma semana depois do casamento, quem pode saber? Mas as lembranças são doces. Ele era americano, de Oklahoma. Os pais dele tinham um rancho que estava na família há cem anos. – ela olhou para suas mãos no colo. – Ele estava pilotando um helicóptero, socorrendo um dos homens, quando foi abatido com um tiro.

– Deve ter sido devastador – Delia considerou.

– Demorou anos para eu conseguir superar – Karen concordou. Ela olhou com simpatia para a jovem. – Tanto a morte como a rejeição, são uma perda e machuca muito. Mas você vai conseguir superar, também, minha querida. Eu a ajudarei. A qualquer momento que você quiser velejar, é só me ligar.

– Eu sou muito grata – ela replicou. – Obrigada.



– E agora, vamos conversar sobre algo mais agradável! O que você acha da minha nova safra de orquídeas? – ela perguntou, indicando o buquê que havia trazido. Ela evitou dizer que Marcus havia lhe dado às mudas de flores no decorrer dos anos e que aquelas orquídeas eram descendentes das dele. Pobre Delia. Seu coração sofria por ela. Ela havia escutado sobre o bebê que Delia havia perdido, e sabia sem precisar perguntar quem era o pai. Ela contou a Smith que Delia havia perdido o bebê que esperava. Smith ficou chocado. Ela havia dito para não dizer nada a Marcus, por causa daquela morena. Smith havia ficado magoado e furioso. Ele se responsabilizava pela perda. Smith havia prometido não contar a Marcus que além de perder a memória, havia perdido um filho, também.

Roxane estava fazendo tanto estardalhaço no quarto de Marcus que as enfermeiras finalmente ordenaram que ela saísse. Ela ameaçou voltar com um advogado, mas saiu.

Smith ficou ao lado da cama de Marcus como uma estátua de pedra. – Você se lembrou de algo, Carrera? – ele perguntou ao chefe.

Marcus ainda sentia como se sua cabeça tivesse sido arrancada. A náusea estava melhorando, graças à medicação. Ele encarou aquele homem enorme, de cabeça raspada e com olhos grandes, vazios e verdes. – Eu não o reconheço – ele disse. – Eu não reconheço essa mulher que estava aqui, também, mas eu nunca vou acreditar que eu fui tão estúpido para ficar noivo dela. Ela é uma lunática!

Smith fez uma careta. Ele não podia se atrever contar a Marcus a verdade. Isso poderia colocar seu chefe em mais perigo do que ele estava.

Marcus o encarou. – Você me conhece bem, não?

– Eu trabalho para você há um ano, agora. – Smith disse.

Marcus fez uma careta. – Esteve aqui uma senhora de idade para me visitar. Ela disse que uma jovem que está mais adiante no corredor se atirou sobre um homem que queria me matar. Ela salvou minha vida. Eu não me recordo dela. E porque há alguém querendo me matar?

Smith cerrou os dentes. – Seu médico disse que não devemos contar nada a você ainda. Ele disse que sua memória vai voltar sozinha, mas que você deve dar tempo ao tempo.

– Eu posso ser morto antes disso.

– Eu não vou deixar ninguém matá-lo – Smith prometeu. – Você pode ter perdido sua memória, mas eu não. Eu sei tudo que preciso saber, para protegê-lo. Eu receio que você vai ter de confiar em mim.

– Porque esta jovem está no hospital? – Marcus persistiu.

Smith inspirou calmamente. Se ele não constasse Marcus iria perguntar a uma enfermeira, o que poderia criar fofocas. – Ela estava grávida – Smith disse categoricamente. – O pai da criança não sabia, se essa era sua próxima pergunta. Ela não é casada.

Marcus pensou a respeito por um minuto. Seu rosto endureceu, como se ele fizesse esforço para se recordar sobre o passado. Ele sentou-se na cama um pouco oscilante. – Eles me deixarão andar pelo corredor?

Smith hesitou. – Eu perguntarei.

Ele sabia onde Marcus queria ir. Era possível que vendo Delia ele lembrasse de algo. Mas se ele tinha intenção de fazer isso, seria necessário fazer antes que Roxane regressasse.

Ele conversou com a enfermeira, que concordou que Marcus andasse pelo corredor desde que Smith fosse capaz de sustentá-lo.

– Sua enfermeira disse que você pode andar – Smith disse, ajudando Marcus a se erguer e vestir o roupão.

– Bom. Eu quero ver aquela jovem antes que minha dita noiva retorne. Vamos.

Delia viu sua porta ser aberta com apreensão, especialmente depois que viu Marcus passar por ela.

Ele parecia zozinho, e andava muito devagar. Smith olhou-a rapidamente, seu olhar indicando que ela não devia contar nada a Marcus. Ela assentiu em reposta.

Marcus parou a um passo da cama dela e a encarou. Ele viu uma jovem magra sem muitas curvas, de olhos verdes e com um longo cabelo loiro. Ela não era bonita ou excitante. Ela não parecia esse tipo de mulher.

Ele estremeceu. – Smith disse que você salvou minha vida – ele disse sem preâmbulos.

– Assim eles me falaram – ela replicou com acentuado sotaque texano.

As sobrancelhas dele se arquearam. – Meu Deus, mas que sotaque! – ele riu. – De onde você é?

Ela o encarou. – De uma pequena cidade ao sul do Texas que ninguém de Chicago provavelmente já ouviu falar.

Ele olhou Smith curioso. – Eu sou de Chicago?

Smith assentiu.

Marcus olhou para a jovem na cama novamente. – Como você sabe de onde eu venho? Nós temos algum tipo de relacionamento?

Ela olhou para Smith preocupada.

– Não olhe para ele, olhe para mim – Marcus resmungou. – Eu a conheço?

Delia inspirou o ar longamente. – Você me salvou de um tentativa de estupro no seu cassino – ela disse, comprometida com a verdade. – Eu o salvei de um atirador. Estamos quites.

– Nem tanto – Marcus a encarou enquanto sensações estranhas o engolfavam. – Você estava grávida – ele disseram. – E perdeu seu bebê.

Delia lutou para não demonstrar seus sentimentos. – Era o desejo de Deus – ela disse fracamente.

Ele arqueou as sobrancelhas. – Você é religiosa?

Ela evitou seu olhar. – Sim.

Ele franziu as sobrancelhas novamente. – Eu acho, eu estava... você queria o seu bebê? – ele perguntou abruptamente.

Ela cerrou os dentes. Doía demais responder a essa questão. Doía olhar para ele e conversar sobre o bebê, e não poder falar que o bebê era dele.

– Sim – ela disparou. – Eu o queria.

– O pai o queria, também?

Ela o olhou, lutando contra as lágrimas. – Ele não sabia. Mas se tivesse sabido, não teria feito diferença. Ele não me queria. Ele certamente não iria querer meu filho.

Ele não conseguia ir embora. Ele sentia algo quando a olhava. Ele não entendia porque sentia tristeza. – Você o amava?

Ela não conseguiu se forçar a olhá-lo. – Sim. Eu o amava.

Ele não disse nada. Ele simplesmente a olhou. – Eu sinto muito – ele disse finalmente – sobre seu filho.

Ela não o olhou. – Obrigada.

– Obrigado pelo que você fez – ele replicou.

– Como eu disse – ela falou – Eu estava devolvendo um favor.

Ele estremeceu. Ele não sabia porque o magoava escutá-la falado aquilo. Sua cabeça girava. Ele se movimentou e quase perdeu o equilíbrio. Smith o alcançou, mas ele notou a reação instintiva da jovem na cama. Ela estava preocupada com ele, mesmo com toda o seu sofrimento. Porque aquilo o fazia sentir-se culpado?

– Nós devemos ir – Smith disse deliberadamente – Antes que sua noiva volte e sinta a sua falta. Ela vai fazer um cena.

– Deus sabe, que já tivemos o bastante – Marcus murmurou. Ele ainda olhava Delia. – Eles me disseram que sou rico. Se você precisar de algo, é só me pedir.

– Eu não preciso de nada, mas obrigada – ela replicou, forçando um sorriso. Os olhos dela não o encaravam.

– Fique boa – Marcus disse e se virou.

– Você também.

– Eu ficarei bem. Minha condição tem remendo – ela disse sem pensar.

Um remendo. Um remendo. A *four-patch*, a *nine-patch*, aquilo eram termos de quem fazia acolchoados. Ele se virou tão rápido que quase caiu novamente. – Você faz acolchoados! – ele disse abrupto.

## CAPÍTULO 11

Delia sentiu como se o seu coração quisesse sair pela boca. Ele havia se lembrado! Podia isso trazer outras lembranças?

Mas sua falta de reconhecimento era evidente quando ele olhava para ela. – Eu não sei de onde isto veio – ele disse, seu olhar vazio. Sorriu polidamente. – Você faz acolchoados?

– Eu ensino a fazer acolchoados em minha cidade natal – ela replicou. – Nós... conversamos sobre isso depois que você me salvou daquele homem com que eu estava.

Ele colocou uma mão sobre seus olhos como se quisesse espantar a neblina que cobria seu passado. – Alguém mencionou que eu faço colchas, também, como hobby.

– Você ganhou competições com seus trabalhos – ela concordou.

Ele assentiu, mas não estava pensando muito em colchas, ele considerava porque estendia tanto uma conversa com uma mulher que não o atraía de forma alguma. Ela parecia uma mulher gentil, mas não o estimulava ou fazia com que tivesse vontade de conhecê-la melhor. Era impossível existir algo entre eles, ele decidiu.

Ele sorriu polidamente. – Obrigado novamente. É melhor eu ir indo.

– Eu espero que você recupere sua memória – Delia disse com igual polidez.

Ele ergueu os ombros. – Se eu não recuperá-la provavelmente não será uma grande perda – ele disse, rindo. – Deve ser bom recomeçar tudo do zero.

– Deve mesmo – Delia concordou, embora sentisse como se uma faca tivesse atravessado seu coração.

Ele assentiu para Smith, que o segurou por baixo do braço, levando-o em direção ao corredor de volta quarto. Smith se sentia mal por Delia. Ele deu um último olhar para ela, reparando na umidade descendo pelo seu rosto. Pobre garota, ele pensou miseravelmente.

No dia seguinte, eles deram alta a Delia que voltou ao hotel, com instruções para descansar por um dia ou dois antes de fazer alguma atividade. Desde que seu plano era tomar apenas banho de sol e ver os pontos turísticos, ela não pensou que isso seria problema.

Marcus também teve alta. Roxane seguia com a limusine enquanto Smith o levava para sua casa de praia. Ela carregava uma mala e parecia querer assumir o comando.

– É melhor você continuar no hotel – Marcus falou para ela.

– Nós somos noivos – ela replicou.

Ele a encarou por um longo tempo. – Eu quero minha memória de volta. E eu acho que isso vai acontecer com mais facilidade se eu não tiver nenhuma distração.

– Ele vai ficar – Roxane reclamou, olhando para Smith.

– Ele cozinha – veio à réplica. – Além do mais, ele vai dirigir o cassino e o hotel na minha ausência, então ele não ficará muito por aqui.

Roxane prestou bastante atenção à declaração. E ficou pensativa.

Smith percebeu e resolveu fazer alguns telefonemas. Ele iria contratar alguns jardineiros extras para casa, homens com conhecimento sobre armas. Ele não confiava nem um pouco em Roxane e seu pai, e suspeitava da preocupação dela com Marcus, assim como aquele noivado misterioso sobre o qual ninguém sabia. Poderia ser verdade, ele decidiu, mas apenas Marcus tinha as respostas. E Marcus não tinha nenhuma lembrança.

– Smith leve-a de volta ao hotel e peça uma suíte – Marcus disse.

– Sim, senhor.

Roxane o encarou, mas recuou. – Tudo bem, querido, se é assim que você quer. Mas se você se sentir sozinho tudo o que você precisa fazer é me ligar.

– Obrigado – ele replicou.

Ela colocou sua mala de volta na limusine quando Smith abriu a porta. Marcus a viu indo embora, seus sentimentos desorganizados, o mais forte era aquela sensação de suspeita.

Mais tarde, quando Smith retornou, Marcus estava vestido com uma bermuda e camisa listrada de branco e vermelho. Ele estava na varanda com o vento soprando seus cabelos. Ele olhava a varanda, sentindo que algo importante havia acontecido lá. Ele gostaria de saber o que. Quanto mais ele se esforçava para lembrar mais sua cabeça doía.

Ele se virou ao sentir Smith aproximar. – Quem é essa mulher? – ele perguntou.

– Ela é a filha de Deluca. Ele é um criminoso de Miami que quer montar aqui alguns cassinos e lavar dinheiro com um banqueiro local – Smith disse honestamente. – O pai dela não gosta de você, então não acredite quando ela falar que o pai dela é um grande fã seu. Você não tem nenhum plano de se casar com ela, também.

Marcus colocou uma mão grande em sua testa e gemeu.

– Desculpe, chefe – Smith disse. – Eu não devia ter contado isso.

– Eu queria saber. – a dor estava terrível. Ele ergueu a cabeça, tentando entrar em foco. Olhou direto para Smith. – Quem tentou me matar?

– Um assassino contratado insignificante com uma extensa ficha policial – Smith disse. – Escute, chefe, eu não tenho certeza se deveria estar contando essas coisas para você.

– Não há mais ninguém que possa. – Marcus foi mais para frente na varanda olhando o oceano. – Quem o mandou atrás de mim?

Smith hesitou.

Marcus fixou nele seus olhos negros. – Diga!

– Deluca – ele disse.

Marcus ergueu ambas as sobrancelhas. – Por que?

Smith cerrou os dentes. Bem, saber isso poderia salvar a vida dele. Ele tinha de contar para Marcus.

– Você está tentando mandar Deluca para a prisão – ele disse firme.

– Isso não faz sentido!

– Sim, isso faz. – Smith foi para mais perto. – Você teve um irmão, Carlo. Ele se casou com Cecelia Hayes, sua namorada de infância. Eles tiveram duas crianças lindas, Cosima e Julio. Carlo finalmente havia se livrado das drogas e ficado limpo, mas antes que ele conseguisse organizar sua vida de novo, ele foi assassinado pelo banqueiro com quem Deluca está trabalhando, porque informou aos federais sobre um carregamento colombiano de cocaína. Ele morreu e você jurou se vingar. Você vem trabalhando com os federais para prender o banqueiro e Deluca por tentar montar aqui um cassino ilegal. – Smith limpou a garganta. – O banqueiro não sabe que você descobriu que ele estava envolvido na morte de Carlo. Mas ele descobriu que você está trabalhando para o governo, e está furioso por você ter salvado Delia Mason dele, aquela noite no cassino. Então ele o entregou para Deluca e este mandou um assassino atrás de você. E isso é tudo.

Marcus encostou-se à coluna da varanda. Ele teve um irmão, tinha um sobrinho e uma sobrinha, e não lembrava de nada. Um homem tentava matá-lo.

– Porque Roxane está aqui? – ele perguntou.

– Ela está aqui com uma oferta paz de Deluca, que você está considerando. A idéia é ela mantê-lo sem suspeitas enquanto o assassino faz seu trabalho. Mas Delia Mason entrou no seu caminho. Quando você ficou com amnésia mudou a estratégia e fingiu ser sua noiva. Ela contou para o pai pelo celular que você estava vulnerável e eles podiam agir como quisessem.

– Em outras palavras, ele vai mandar outra pessoa para terminar o trabalho – Marcus supôs.

– Exatamente. Mas você está com amnésia e confia em Roxane, eles não devem agir igual dessa vez. Eles se sentem seguros.

Marcus sorriu. – Bom. Você pode me colocar em contato com os federais com quem estou trabalhando?

– Isso vai ser complicado. Um deles estava seguindo Roxane, fingindo-se de turista, mas seu disfarce foi descoberto. Ele tem sido visto na companhia do cunhado de Delia, que também está ajudando o governo nessa operação. Isso significa que eu não posso aproximá-lo dos federais. Se você for visto, o jogo acaba.

– E essa mulher, Delia? – ele perguntou.

Ele fez uma careta. – Bom Deus, chefe, ela já sofreu demais!

Marcus o encarou. – Você acha que ela está a salvo? Ela atrapalhou o atirador, não? Você acha que Deluca vai deixar isso passar?

– Eu escutei de uma de minhas fontes que ele sabe alguma coisa sobre a irmã dela que planeja usar, como vingança. Ele não pode matá-la, todo mundo saberia quem foi.

– Todo mundo saberia que ele fez isso comigo também. – Marcus o lembrou.

– Talvez. Mas a filha de Deluca é supostamente sua noiva, o que quer dizer que ele não teria motivo para matá-lo.

Marcus suspirou furioso, e olhou para o oceano. – Eu não consigo lembrar de droga nenhuma. Eu ainda não entendo porque Mason arriscou sua vida e a do bebê me salvando. Ela não é o meu tipo. Eu nem a acho interessante. Tem certeza que eu não a encorajei?

Smith não respondeu a questão. – Você a salvou de um ataque daquele lavador de dinheiro – Smith disse, tentando soar inocente. – É adoração ao herói.

Podia ser assim simples? Ele se virou para Smith e não viu nada naquela fisionomia calma. Ele encolheu os ombros. – Eu suponho que isso explica tudo.

Ótimo, Smith pensou aliviado.

– Quem era aquela senhora de idade que veio me visitar? – Marcus persistiu.

– Karen Bainbridge. Vocês são amigos. – Você a interessou em orquídeas. Ela as cultivava agora.

– Orquídeas. Karen. – ele estremeceu. – Eu cultivo orquídeas?

– Sim. Você tem uma estufa cheia delas.

– E faço acolchoados. – ele balançou a cabeça. – Eu não posso acreditar que faço uma coisa dessas.

– Porque não? Eu tricoto.

Marcus ficou chocado. Smith tinha mais de 1,95 metro, músculos sólidos, com uma ficha de trabalho em operações especiais. Ele tinha um tiro certo também. – Você tricota?

Smith encolheu os ombros. – Eu parei de fumar porque isso incomodava Tiny. – ele viu o olhar confuso de Marcus. – Tiny, minha iguana. Ela vive no meu quarto, numa gaiola gigante.

– Uma iguana gigante. – Marcus estremeceu. – Eu gosto dela?

– Sim. Mas o ponto é, como eu parei de fumar, eu precisava fazer alguma coisa com as minhas mãos. Você costumava fumar charuto. Você disse que foi quando começou a fazer acolchoados.

– Orquídeas. Charutos. Uma mulher idosa como amiga e uma garota magra e desinteressante do Texas que me salvou de um atirador. Isso só pode ser ficção, não um fato!

Smith franziu os lábios. – Isso daria uma ótima novela.

Marcus o encarou. – Eu pago seu salário, certo?

– Certo.

– Então, saia e vá atrás dos federais. Diga a eles que eu estou de volta ao jogo para capturar Deluca, mas preciso de alguma direção. Eu não me lembro de nada, e não me lembro quem é quem. Eles devem lidar com o resto.

– Já vou ver isso.

– Aquela garota – Marcus disse hesitante. – Talvez eu deva mandar algumas flores ou qualquer outra coisa.

Smith hesitou. Isso daria a Delia falsas esperanças, e faria com que sua recuperação fosse mais difícil. – Não é uma boa idéia – ele replicou finalmente. – Roxane pode ficar chateada e fazer alguma coisa inesperada.

Ele suspirou. – É verdade. Tudo bem. Eu ficarei por aqui. Resolva isso.

– Sim, senhor.

Delia estava deitada na praia, tomando sol e tentando não ficar louca com a lembrança do bebê que havia perdido. Era muito difícil lembrar o olhar de Marcus no hospital. Ele não a havia achado atraente, e não demonstrou nenhum interesse por ela. Aquilo havia devastado seu coração, porque a fazia se questionar se ele havia sentindo alguma coisa além de desejo quando eles estiveram juntos. Talvez tivesse acontecido aquilo mesmo que ele havia falado; ele e a morena haviam brigado, e ele havia saído com Delia por vingança. Isso fazia sentido. Um homem como ele não se interessaria por uma mulher como ela. Isso era contra a natureza.

Ela olhava a água engolir a costa com olhos tristes, uma mão descansava calmamente no estômago chato onde não mais existia um bebê. Isso seria muito difícil de esquecer. Ela provavelmente nunca conseguiria.

Uma sombra parou sobre ela. Ela olhou para cima e viu Barney parado, usando um terno. Era impressionante como ele lhe parecia familiar às vezes, pensou. Ela sempre seria afeiçoada a ele, e ele a mimava como uma criança. Era uma de suas maiores bênçãos o marido de Barb gostar realmente dela.

– Oi, Barney – ela disse e sorriu.

Ele puxou uma cadeira e sentou em frente a ela. – Oi, meu bem – ele disse, cumprimentando-a como Barb sempre fazia. – Eu preciso falar com você.

– É sobre aquele cara de Miami com quem Marcus está misturado, não é? – ela perguntou. – Marcus continua na linha de tiro. O governo está atrás dele?

Ele assentiu. – Não. Marcus está trabalhando com o governo – ele disse bruscamente – Mas não pode dizer isso a ninguém, você me ouviu?

– Sim. – ela o olhou, considerando agora que sua fé em Marcus teve como retorno, ser colocada para fora da vida dele. – Então quem está atrás dele? – ela perguntou.

– Deluca, e Marcus disse que não vai desistir. Ele não se lembra de nada, mas quer continuar com tudo.

– Mas o atirador de Deluca errou!

– Deluca não vai se sujar se mandar outro. Nós temos que tirá-lo de circulação o quanto antes. Nós achamos um meio de nos comunicar através de um motorista de táxi, mas queremos armar uma armadilha para Deluca e isso será perigoso. Todos achamos que será melhor você voltar para Jacobsville antes de começarmos.

Delia olhou para ele seus olhos mostravam toda sua dor. – Porque eu tenho de voltar? Ninguém sabia que eu estava saindo com Marcus, nós mantivemos isso em segredo. Além do mais, ele está noivo. Aquela morena mora com ele, não? – ela adicionou friamente. – Eu não sou nenhuma ameaça.

– Ela não está morando com ele. Ela está no hotel. – ele observou suas mãos entrelaçadas, tentando achar um meio de entrar em um assunto bastante difícil, mas que ela precisava saber. – Delia, é melhor você voltar para casa. Eu não posso falar porque.

– É porque os inimigos de Marcus podem vir atrás de mim?

Ele hesitou. – Você não corre nenhum perigo físico. – ele disse.

– Barney, você está escondendo algo de mim – ela disse com firmeza. – Não me parece você.

Ele fez uma careta. – Existem algumas coisas que você não sabe – ele começou. – Como quem é seu pai.

– Quem é meu pai? – ela disse chocada. – Mas meu pai morreu antes de eu nascer. Eu fui prematura...!

Ele pigarreou e estava um pouco corado. – Bem, isso não foi exatamente o que aconteceu. Mas o que você precisa saber é o que Fred fez conosco. Ele disse a Deluca que Marcus pretendia entregá-lo aos federais, e foi por isso que Deluca mandou um assassino de aluguel.

Isso explicava muita coisa. – Mas Marcus não se lembra de nada!

– Se ele se lembrasse, ele estaria morto. Aquela mulher filha de Deluca contou a ele que Marcus não se lembra de nada, então ele pensa que está a salvo. Deluca vai colocar um novo assassino no lugar. Nós estamos vigiando Marcus. Eles não vão nos pegar desprevenidos de novo. Mas você é outro problema. Fred pegou algumas... bem, algumas informações que não devia sobre você.

Ela se sentou consternada. – O que ele pode fazer com isso?

Barney aparentava dor. – Maldição, eu disse a Barb que ela devia ter contado tudo para você sobre isso. Mas ela não contou. Ela ficava apavorada demais para contar.

– Barney você está me assustando.

Ele tomou um longo fôlego e olhou dentro de seus olhos. – Eu não queria assustá-la. eu só queria, você precisa saber o que está acontecendo. Eu suponho que serei eu a falar com você...

– Barney!

A voz alta de Barb veio da praia enquanto vinha na direção deles com uma sandália plataforma, enterrando fundo seus pés na areia. Ela resmungava por todo o caminho.

– Sobre que vocês dois estão falando? – ela perguntou suspeita.

Barney suspirou. – Eu estava para contar a Delia...

– ... Sobre nossos planos para o jantar? – ela terminou por ele. – Nós estamos planejando ir a um exclusivo restaurante de frutos do mar. Tem um astro de cinema na cidade e ele janta lá todas as noites. – ela mencionou o nome de um ator texano que havia participado recentemente de um filme *Western*. Era o ator favorito de Delia.

– Isso ia ser divertido, Barb – Delia disse, mas ela sabia que Barb os havia interrompido deliberadamente. O que quer que Barney iria contar, Barb não queria que Delia soubesse.

– Eu estava falando para Delia que nós queríamos que ela voltasse ao Texas o mais rápido possível – Barney adicionou friamente.

Barb não disse nada por um minuto. – No final de semana – ela disse então – Deixe ela se distrair um pouco primeiro.

– Quanto mais tempo ela ficar, maior vai ser o risco – Barney lembrou sua esposa.

– Que risco? – Delia perguntou. – Você acabou de me dizer que eu não corria nenhum perigo.

– Não esse tipo de perigo – Barney disse.

Barb e seu marido trocaram olhares estranhos.

– No final de semana, então – Barney disse, aceitando. Ele beijou o rosto de Barb. – Você deve contar a ela – ele adicionou suavemente.

– Me contar o que? – Delia exclamou, exasperada.

– Barney só a está provocando – Barb disse quando ele as deixou. – Agora, que tal perambularmos pela calçada até o mercado de rua? Eu acho que preciso de um novo chapéu!

Delia ainda se sentia fraca, mas sabia que o exercício seria bom para ela. Ela comprou um pequeno elefante de madeira e uma bolsa de palha para levar para casa. Barb estava animada, mas de uma forma estranha. Alguma coisa estava acontecendo.

Aquela noite no restaurante, Marcus apareceu com Roxane apoiada em seu braço. Delia tentou não olhá-lo. Doía demais vê-lo com outra mulher.

Ele parou a mesa deles para cumprimentá-los. Ele olhou para Delia como se ela fosse parte dos móveis. Ele sorriu para Barb e convidou-os para ver sua coleção de orquídeas na manhã seguinte.

– Nós adoráramos – Barney disse, tomando partido do convite público para tratar de negócios particulares com ele.

Roxane resmungou – Mas nós íamos sair amanhã!

– Você talvez. Eu não – Marcus falou para ela. – Eu os verei lá pelas onze horas, então? – Ele perguntou a Barney e Barb. Ele não olhou para Delia nenhuma vez enquanto ele e Roxane ficaram parados na mesa deles. Delia sentia como se afundasse no carpete.

Marcus tinha orquídeas em todos os lugares, mas especialmente na enorme e cara estufa com sistema controlado de temperatura.

Ele mostrava conhecimento sobre várias espécies de orquídeas, e mostrou para eles as lindas flores que cresciam em troncos, não em terra. As cores iam do rosa ao branco, e do amarelo ao laranja escuro. Lá existiam flores grandes e algumas bem pequenas. As orquídeas eram colocadas em locais próprios.

Enquanto Barney e Barb estavam olhando entusiasmados algumas espécies em particular, Delia ficou brevemente sozinha com Marcus. Ele estava usando bermuda, e uma camisa verde e branca que fazia seus olhos parecerem ainda mais escuros. Ela usava um vestido de verão azul e branco com sandálias brancas, seu cabelo estava solto sobre seus ombros. Ela continuava um pouco pálida.

– Você parece melhor – ele disse, sentindo-se desconfortável perto dela.

– Você também, Sr. Carrera – ela replicou polidamente. – Suas orquídeas são...

– Quem é você? – ele perguntou roucamente, seu olhar tão intenso quanto seu tom de voz. – Eu não a conheço, mas me sinto perturbado só de olhar para você. Por que?

Ela o encarou, seu coração dolorido, porque talvez ele nunca se lembrasse o que haviam vivido. Amnésia era imprevisível. – Nós somos apenas conhecidos – ela mentiu. – Nada mais.

– Eu sei disso – ele disse irritado. – Você não é o meu tipo de mulher. Você não é glamourosa o particularmente bonita, você com certeza só compra roupas de liquidação. Eu nunca poderia ter me envolvido com você – ele disse furioso. – Mas nós somos mais do que conhecidos. Você está conectada com o cassino de alguma forma?

Ela sentiu como se ele tivesse pisado no seu coração. Ele não poderia ter sido mais direto sobre seus sentimentos por ela. Ele certamente não se importava com ela.

Ela abaixou seus olhos para as orquídeas mais próximas. – Não – ela disse. – Eu não jogo.

Ele suspirou furioso. – Por que você faz isso?

– Isso o que? – ela exclamou olhando para ele.

– Você me olha como se eu a estivesse matando – ele disparou.

Ela forçou uma risada. – Que bobagem. Eu estou passando algum tempo agradável olhando para as orquídeas. Que espécie é essa? – ela adicionou, apontando uma *phalaenopsis* comum roxa e branca.

Ele hesitou, como se quisesse continuar pressionando-a, mas respondeu a pergunta. Então ele se aproximou um pouco mais dela e mostrou a forma que as brácteas cresciam e a tensão explodiu entre eles. Ele se virou para ela, sem fôlego, e viu os rápidos batimentos cardíacos movendo o tecido de seu vestido próximo aos seios. Ele sentiu a eletricidade que crescia rapidamente e sentiu o calor do corpo dela.

Ele tencionou o maxilar até quase sentir dor, enquanto seus olhos negros encontravam os verde dela com uma raiva surda. Os lábios dele se separaram com uma respiração acelerada. Ele levou sua mão ao rosto dela e seus dedos desenharam sua face involuntariamente. Calor explodindo dentro dele.

Delia sentiu a mesma coisa, mas para ela já bastava. Ela foi para longe dele juntando-se a Barney e Barb sem uma palavra.

Marcus encarou-a, carrancudo, sentindo como se estivesse próximo de uma revelação. Ele a sentia, próxima, o atormentando. Ela significou algo para ele no passado, ele podia sentir isso. Ela teria sido um divertimento passageiro? Porque ele se sentiria atraído por uma mulher tão comum, tão maçante? Devia ser a concussão, ele decidiu finalmente, que o tirava fora de seu equilíbrio.

No resto da visita, ele ignorou Delia, odiando as sensações que sentia junto a ela. Ele mostrou aos seus convidados o local onde seria construída um lago para os *koi pond*, onde seriam necessários filtros e um sistema de encanamentos especial. Ele considerou se gostava da cor dos peixes japoneses antes. Até a perda da memória ele aparentemente não entendia nada sobre os koi. O lago teria uma queda d'água de pedra e areia, que ficaria muito bonito depois de pronto.



Ele achou tempo para conversar com Barney sozinho sobre Deluca. Então, logo depois eles estavam prontos para ir.

Enquanto Barney ajudava Barb a entrar no banco de trás do táxi, Marcus hesitava ao lado de Delia. – Você perdeu seu bebê me salvando – ele disse triste. – Eu sinto muito.

Lágrimas caíram dos olhos dela. – Tragédias acontecem à maioria das pessoas uma hora ou outra – ela disse, tentando não mostrar o quanto doía para ela ficar ao lado dele fingindo que nada havia acontecido. Ela o amava!

Ele se sentiu vazio de alguma forma, especialmente quando viu as lágrimas que ela tentava conter. – Você realmente amava seu bebê, não?

Ela assentiu estupidamente. Ela não conseguia falar.

– Por que? – ele perguntou. – Porque você assumiu um risco, para me salvar, um homem que você tinha apenas como um conhecido?

Ela não conseguiu olhar para ele. – Foi um impulso. Eu vi a arma na mão daquele homem e reagi.

– E a que custo! – ele disse duramente.

Ela se forçou a erguer os olhos. Ele parecia atormentado. Ela o adorava. Era um sentimento tão forte que ela não conseguia esconder, e ele viu isso na face dela.

Era como estar preso em um quarto escuro e enxergar uma luz prata. Ele queria forçar a memória, mas não conseguia. – Me conte – ele disse segurando a respiração.

Ela deu um sorriso triste. – Mexer no passado não trará nada de bom para ninguém. Eu estou feliz que esteja vivo, Sr. Carrera. O outro... – ela respirou profundamente. – Eu acredito em atos de Deus. Não era para ser, por alguma razão. Eu tenho de aceitar e viver com isso.

Ele procurou seus olhos suaves e sentiu de novo aquela estranha sensação. Ele estremeceu. – Eu não estendo porque dói tanto olhar para você – ele disse vagarosamente.

Ela desviou seus olhos e se afastou. Ela não suportava mais falar sobre o passado. Ele a fez entender claramente que ela não o atraía em nada. Ele não a queria, exceto fisicamente; provavelmente nunca a quis. Ele era noivo, afinal de contas, do tipo de mulher do qual ele gostava, bonita, sofisticada e rica. – Você já deixou claro seus sentimentos. Afinal de contas, o que um homem rico e poderoso como você iria querer com uma mulher magra, magra e ninguém como eu? Adeus, Sr. Carrera – ela disse, sentindo seu coração se quebrar em um milhão de pedaços. – Eu espero que a vida o trate melhor do que me tratou.

Enquanto entrava no táxi, os olhos Delia encontraram os de Marcus através da janela do carro e ela estremeceu ao notar a expressão fechada e furiosa dele. Ela não olhou mais para ele.

Ele ficou parado olhando o táxi ir embora. O sarcasmo dela o havia enfurecido. Mas a sensação era como se um braço tivesse sido cortado, e ele não entendia o porque.

Naquela noite, enquanto Barney e Barb foram a um show no hotel, Delia atendeu a um telefonema e se descobriu conversando com Fred Warner.

– Você pensa que conseguiu me pegar, não, benzinho, mas eu também sei algo sobre você. Porque que um milionário como Barney casaria com uma colegial recém formada do Texas quando ele podia ter uma debutante, já pensou nisso?

– O que? – ela exclamou, chocada demais para rebater.

– Sua idiota, ele se parece com você, e você nunca percebeu? Barney casou com Barb porque ela havia tido um bebê! Ele era casado quando ela engravidou, então sua avó levou Barb para outra cidade até o nascimento e contou para todo mundo que o filho era dela. Barb não é sua irmã, sua idiota. Ela é sua mãe!

Ele desligou.

Delia estava sentada no sofá, sua cabeça girava. Ela não conseguia se mover, não conseguia respirar. Barb era sua mãe. Isso devia ser uma mentira. Claro que era!

Mas coisas passavam por sua cabeça. Barney era parecido com ela. Eles a protegeram mais do que sua própria “mãe”. Barney gostava dela, desde que ela se lembrava por gente. Ele a amava. Barb a amava. Era mais do que amor entre irmãs.

Porque Barb não havia contado para ela? Porque ela a deixou crescer acreditando que sua avó era sua mãe? Por que?

Ela ficou sentada pensando os sentimentos fervendo na uma hora e meia seguinte até que Barney e Barb voltassem.

Eles chegaram rindo. Eles haviam dançado após o show terminar. Estavam felizes e alegres. Até que eles viram Delia rígida.

– Eu recebi um telefonema de Fred Warner – Delia disse friamente, encarando-os.

Barb soltou o ar de uma vez. Ela colocou sua bolsa de noite de lado com um movimento vagaroso e deliberado.

– E...? – ela disse, tentando soar casual.

– Ele disse que Barney é meu pai e você minha mãe. – os olhos dela pediam uma negação.

Barney pareceu ter um colapso. Ele sentou-se no sofá, inclinando-se à frente. – Era só uma questão de tempo, eu falei a você – ele disse a Barb. – Eu lhe disse para contar a verdade!

– Então... é verdade – Delia disse chocada.

Barb estourou em lágrimas e correu para o quarto fechando a porta atrás de si.

Barney ficou, encarando Delia.

Ela sentia como se o mundo tivesse caído sobre sua cabeça.

– Porque? – ela perguntou duramente.

Ele levantou suas mãos expressivamente. – Eu era casado, amor – ele disse – Com uma mulher que teria feito qualquer coisa para ficar com todo o dinheiro que eu tinha. Ela nunca me amou. Ela só queria o que eu podia lhe dar. Eu encontrei Barb quando estava em San Antonio em um encontro de negócios. – ele sorriu com a lembrança. – Ela estava com uma amiga e entrou no mesmo bar onde eu me encontrava. Ela estava vestida de uma maneira muito sexy e com uma maquiagem que lhe dava uma aparência bastante sofisticada. Eu pensei que ela estivesse um pouco mais de vinte anos. – ele suspirou. – Uma coisa leva a outra. Quando eu percebi que ela era uma garota nova e inocente, já era muito tarde. Ela voltou para casa e nunca falou de mim a sua mãe, não até descobrir que estava grávida. Demorou dois anos para eu encontrá-la. nessa época eu já estava divorciado, e sua avó havia contado a todos que você era filha dela, para salvar a reputação de Barb. Você nasceu sete meses depois que seu avô morreu, então elas disseram que você era prematura.

– Todos esses anos – Delia disse sobriamente.

– Eu quis contar a você um milhão de vezes – Barney disse angustiado. – Mas Barb não conseguia suportar a idéia de contar a você, ela a havia sido criada com tanto cuidado, para que não cometesse o mesmo.

– Mas eu acabei cometendo do mesmo jeito – ela disse.

– Sim. – ele fez uma careta. – Se nós tivéssemos mandado-a para casa, talvez você nunca descobrisse. Maldito Fred!

Ela olhou para ele. – Isso acabaria aparecendo um dia, Barney – ela disse, sentindo um estranho pesar por ele. Ele parecia tão devastado. Assim como Barb...

– O que diremos a Barb? – ele perguntou gentilmente.

A face de Delia endureceu. – Eu não quero ver Barb de novo, não nesse momento. Eu quero ir para casa, Barney. Em uma semana toda a minha vida mudou. Eu vou embora amanhã. Logo cedo.

– Tudo bem – ele disse depois de um minuto. – Se é o que você quer.

– É isso que eu quero – ela disse. Então hesitou. – E Marcus? – ela perguntou relutante. – Eles vão tentar matá-lo novamente?

Barney suspirou. – Eu não sei, querida, mas eu imagino que sim. Ele tem amigos – ele assegurou-a.

– Bons amigos. Eles farão o que for necessário para mantê-lo a salvo. Eu prometo.

Ela engoliu com dificuldade. – Obrigada.

– Barb e eu arruinamos sua vida – ele disse. – Você não nos deve nada.

– Ela levantou a cabeça, os olhos dela cheio de lágrimas. Ele era seu pai, e ela nunca soube. Ela desejava nunca ter descoberto dessa maneira. A vida, ela pensou miseravelmente enquanto voltava para seu quarto, podia ser cruel.

## CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, Delia já estava acordada quando o dia amanheceu, terminando de empacotar suas coisas quando Barb bateu a sua porta entrando logo depois.

Delia a encarou como se visse uma estranha. Os olhos de Barb estavam vermelhos e inchados e parecia tão devastada quanto Delia se sentia.

– Eu sei que você não quer falar comigo – ela disse rapidamente. – Mas vai levar só alguns minutos. Por favor!

Delia não falou nada. Ela ainda estava devastada pelo que havia descoberto.

– Eu tinha dezesseis anos. Mamãe era muito restritiva e eu a achava muito antiquada – Barb disse rousadamente. – Então eu fugi um final de semana e fui a San Antonio com uma amiga. Nós compramos uns vestidos baratos, colocamos muita maquiagem e fomos a um bar. Barney estava lá sozinho. Nós começamos a conversar e quando ele saiu, eu fui com ele. Eu não sabia que ele era casado – ela adicionou miseravelmente, limpando seus olhos com um lenço. – Mas eu sabia que o amava, e ele me amava. Eu tinha de voltar para casa, e tive medo de contar a ele qual minha verdadeira idade, então eu o deixei sem dizer nada.

Delia sentou-se e segurou suas próprias mãos, esperando pelo resto.

Barb sentou-se também. Pelo menos Delia a escutava, ela pensou. – Quando eu descobri que estava grávida, eu fiquei devastada, não apenas porque eu não sabia o que fazer, mas porque eu tinha de contar para minha mãe o que eu tinha feito. Eu sabia que ela ficaria com vergonha de mim, mas eu não podia esconder isso. Meu pai tinha acabado de morrer e ela estava muito mal. Mas pensei que um novo bebê pudesse tirá-la da depressão – ela adicionou com um sorriso pálido. – Eu disfarcei minha condição com roupas e vestidos largos até onde eu podia, e depois nós fomos para a casa de uma prima da mamãe. Nós dissemos que o filho era dela quando voltamos para casa.

– Por que? – ela perguntou.

– Porque mesmo hoje nas cidades pequenas é difícil se crescer como uma criança ilegítima – Barb disse, seu tom resignado. – Eu não queria que sua infância fosse mais difícil do que o necessário. Eu imaginava que Barney me odiaria quando descobrisse como eu era nova, e que nunca mais eu o veria. Então nós deixamos você pensar que a minha mãe era a sua mãe, também. Mas quando você estava com dois anos, Barney finalmente me encontrou. Nessa época ele já estava divorciado, e ainda era louco por mim. Quando ele a viu, se apaixonou. Assim ele casou comigo. Nós queríamos levá-la conosco – ela adicionou. – Mas mamãe ficou louca. Ela disse que faria qualquer coisa para ficar com você, mesmo que precisasse fugir do país e se esconder como uma fugitiva. – ela fez uma careta. – Barney e eu ficamos com medo do que ela podia fazer, então nós compramos uma casa em San Antonio e eu ia vê-la quase todos os dias até você se formar no colegial e arrumar um trabalho. Nós não nos mudamos para New York até você se sustentar sozinha.

– Eu me lembro – Delia disse duramente.

– Nós a amávamos tanto, nós dois – Barb disse, olhando-a atentamente. – Ainda a amamos. Nós fomos maus pais, e cometemos muitos erros. Eu sei que você precisa de tempo para entender tudo. Eu não a forcei, nem mesmo Barney. – ela ficou de pé. – Mas eu espero que um dia você possa nos perdoar.

Delia ainda estava confusa e muito pesarosa pela situação com Marcus e o bebê que havia perdido para perdoá-los por essa grande decepção. Ela não olhou para Barb. Depois de um minuto, a expressão esperançosa de Barb mudou para uma de desespero e ela girou o corpo.

Barb balançou a cabeça e foi em direção a porta. Ela hesitou, mas não olhou para trás. – Nós sempre estaremos ao seu lado se você precisar de nós, meu bem – ela disse gentilmente. – E nós sempre a amaremos. Mesmo que você... não possa nos amar de volta, por causa do que fizemos.

Sua voz terminou em lágrimas. Ela saiu e fechou a porta firmemente atrás de si. Delia olhava tudo com um olhar sem vida. Era muita coisa acontecendo de uma vez. Ela tinha que voltar para casa tinha que sair de lá! Talvez quando ela voltasse para casa, ela poderia recuperar sua vida. Talvez assim ela pudesse aceitar que a atitude que Barb tomou era a única naquelas circunstâncias.

O voo de volta para casa pareceu terrivelmente longo, porque Delia temia voltar para Jacobsville. Tanta dor a oprimia. Ela havia perdido Marcus, seu bebê e agora sua identidade, tudo em menos de uma semana.

Seu coração estava devastado. Ela chorou até seus olhos fiarem inchados. Ela não sabia como ia conseguir lidar com tudo. Ela amava Marcus. Isso nunca iria mudar. Mas ele não se lembrava dela, e talvez nunca se lembrasse. Ela não conseguia esquecer do último encontro. Ele sabia que havia alguma coisa entre eles, mas não sabia o que. A visão de seu rosto atormentado, seus olhos tristes, a perseguiria sempre. Mas o que eles haviam vivido naquelas poucas semanas iriam ficar com ela para sempre.

Ela precisava de tempo para lamentar por seu bebê e esquecer Marcus, e entender o que havia descoberto sobre Barney e Barb. Eles eram seus pais. Ela sempre havia acreditado que seu pai havia morrido antes dela nascer. E que a mãe de Barb era também sua mãe.

Agora ela começava a enxergar o passado de outra forma. Barb sempre havia sido mais protetora que sua avó, e os dois sempre a protegiam. Mas a mãe de Barb sempre a havia culpado pelo erro de julgamento de Barb. Sua avó havia jogado todos os seus ressentimentos e raiva sobre ela, sem o conhecimento de Barb. Olhar para o rosto de Barney era como olhar no espelho, sem contar as semelhanças com Barb, mas Delia não queria ver nada disso. Ela havia vivido uma mentira. Agora ela sabia toda a verdade.

Ela tinha de achar um meio de agüentar. Ia demorar um tempo até ela entender sua mudança de identidade. Ela sabia disso, e afinal, ela não podia odiar Barb. Ela pensou que fazia o que era melhor para Delia, sem imaginar que sua mãe iria fazer Delia pagar por seus erros perseguindo sua filha. Ela estava apenas desapontada por Barb e Barney mentirem para ela por tantos anos. Talvez eles tivessem uma razão legítima. E certamente eles não sabiam quão dura havia sido sua vida com a avó todos aqueles anos.

Marcus estava remoendo tudo desde a visita de Delia e seu cunhado. Os seus sentimentos eram inesperados e inexplicáveis. Ela não era seu tipo de mulher, então porque ele se sentia tão tumultuado quando perto dela, porque? Porque ela o olhava como se ele significasse algo para ela? Porque ela olhava para ele como se a estivesse magoando cada vez que se encontravam?

Ele não conseguia encontrar as respostas, e ninguémalaria com ele sobre Delia, nem mesmo Karen Bainbridge. Sua memória estava na mesma, também. Tudo isso combinado lhe causavam irritação e frustração.

Roxane Deluca ainda estava a sua volta, e se comportava de maneira suspeita. Ela tentava carregá-lo para uma das ilhas desertas nas Bahamas com ela. Ela já havia até alugado um barco sem falar para ele.

– Você precisa fugir daqui por um dia, e eu levarei você para uma ilha deserta comigo, amanhã de manhã. – ela disse, abraçando-o. – Seremos como Adão e Eva, querido – ela o provocou com um suspiro.

Ele sabia que ela estava aprontando alguma, e provavelmente era a contratação de um novo atirador. Ele estava grato a Smith por ter contado sobre sua situação, senão talvez ele fosse assassinado sem nem saber a razão.

– Tudo bem, então – ele disse. – Apareça lá pelas nove horas da manhã, e sairemos daqui. Tudo bem para você?

Ela sorriu largamente. – Sim, tudo bem. Eu estou tão feliz que você esteja melhor, querido.

- Quando nos casaremos? – ele perguntou a ela.
- Ela hesitou. – Oh, em dezembro – ela disse, pensando rápido.
- Dezembro. – ele assentiu, fingindo concordar com isso.
- Nós seremos muito felizes – ela exclamou.

Mais tarde, depois que ela foi embora para o hotel, ele chamou a companhia de táxi e pediu que John viesse a sua casa. Ele pagou a John uma viagem dupla que ele não ia fazer, para evitar suspeitas, e deu a ele um bilhete para Dunagan.

– Entregue para Barney Cortero – ele falou para John. – Ele a entregará para Dunagan. Não faça isso você mesmo. Entendeu? E faça hoje. Ou você pode ir ao meu funeral.

John fez uma careta. – Sim, senhor, Sr. Carrera. Você pode contar comigo.

Infelizmente John atravessava a ponte muito depressa, e acabou colidindo com um outro carro. O acidente lhe causou uma concussão leve e uma costela quebrada mandando-o direto ao hospital para tratamento. Só foi na manhã seguinte que ele ficou consciente o suficiente para se lembrar do bilhete. Ele perguntou a enfermeira sobre a camisa que ele estava vestindo, e ela entregou para ele. Ele pegou a nota e fez uma careta ao lê-la. Carrera e Roxane estavam indo para a marina às nove horas para uma viagem para uma das ilhas desertas. Agora, eram dez horas.

– Eu preciso de um telefone – John falou para a enfermeira. – É uma questão de vida ou morte!

Barney estava justamente saindo do quarto com intenção de se juntar a Barb no restaurante para o *brunch*. Eles haviam dormido demais e ele continuava grogue de sono. Ele estava fechando a porta quando ouviu o telefone tocar. Ele o ignorou e caminhou para o hall.

Mas alguma coisa o segurou. Ele não havia escutado de Carrera, e esperava por algum sinal. E se fosse Marcus?

Ele abriu a porta e entrou novamente, pegando o telefone justamente quando parava de tocar.

– Alô? Alô? – ele repetiu.

Uma voz fina e fraca se ouviu na linha. – Sr. Cortero? – a voz rouca perguntou. – Aqui é John. Eu dirijo um táxi. O Sr. Carrera me mandou procurar você com um bilhete, mas eu sofri um acidente. Eu estou no hospital.

– Eu sinto muito. O que há no bilhete? – Barney perguntou.

John leu a nota para ele. – Você sabe qual é a ilha? – ele adicionou e deu as indicações de como chegar lá.

– Obrigado John. Não tenho um minuto a perder! – Barney desligou o telefone e discou para Dunagan do seu celular. – Sou eu – ele disse quando Dunagan atendeu. – Temos uma emergência.

Marcus levou uma arma, para o caso de precisar, e colocou-a presa a perna por baixo da bermuda jeans. Se tivesse de morrer, seria lutando.

Roxane usava um maiô branco, seu longo cabelo negro, lustroso e cortado pos especialistas. Ela cheirava a perfume caro, e era muito bonita, mas tinha o olhar de uma cobra.

– Você adora sair e explorar ilhas desertas – ela disse em um tom falador enquanto eles saiam do porto. – Nós fizemos isso centena de vezes, mas não ultimamente.

Ele não acreditava nela. Ela não aparentava o tipo de mulher que gostava de explorar lugares primitivos. Ele apostava que ela estava planejando levá-lo para uma armadilha. Ele estava vendo até onde isso tudo ia. Nesse momento, Barney e Dunagan já deviam estar na ilha esperando pelos gangsteres fazerem seu jogo. Ele sorriu consigo mesmo, pensando na surpresa de Roxane quando descobrisse que seu pai seria preso sobre custódia federal.

A equipe do veleiro parecia estranhamente familiar para ele. Ele estava recuperando aos poucos sua memória, em sonhos estranhos que o acordavam a noite. A sombra de uma mulher era a atração nele, uma mulher amorosa, de personalidade doce, que o completava. Não era Roxane, disso ele estava certo. Ele

achava que talvez fosse alguma mulher que ele havia conhecido no cassino. Uma mulher com uma beleza magnética e rica. Ele tinha certeza que ela era extraordinária. Ele tinha a sensação que não se envolvia com ninguém a um bom tempo, pelo menos, até recentemente. Mas até agora ele não havia encontrado aquela mulher misteriosa. Algumas vezes ele a podia sentir em seus braços, de tão real a sensação. Aí ele acordava, e ele não conseguia se lembrar de como ela era. Era, ele pensou ausente, como a sensação poderosa e estranha que ele sentia quando estava junto com a cunhada de Barney, Delia. Sua atração por ela era tão inexplicável quanto chocante. Delia era uma tábua, uma garota doce do interior, não o tipo que atraía seu gosto sofisticado. Não podia ser ela.

Bem, ele teria muito tempo, depois que Deluca fosse preso, para encontrar a mulher misteriosa. Ele tinha a esperança de ter recuperado a memória até lá.

– Você está muito quieto – Roxane comentou quando eles se aproximavam da ilha que ela havia lhe descrito.

– Eu estava tentando lembrar meu passado recente – ele disse. – Eu me lembrei da minha infância, meus pais, a escola onde eu estudei. – ele estremeceu e deslizou suas mãos para o bolso de sua bermuda – Mas eu não consigo me lembrar o que fiz há uma semana atrás.

Roxane pareceu relaxar. – Não force – ela disse. – Ela voltará sozinha.

Ele a encarou. – Você acha? Eu gostaria.

– Chegamos – ela disse, dando ordem à equipe para ancorar e preparar o bote para levá-los a ilha.

– Você ainda lembra de como se rema, não? – ela provocou.

– Eu suponho que me lembrarei quando começar – ele concordou. Ele olhou a equipe, eles ainda pareciam familiares para ele.

Um deles um berbere alto com barba e bigode tradicionais subiu uma sobancelha dando um sinal imperceptível a Marcus para que não os olhasse tão fixamente.

Foi assim que ele descobriu que a equipe do veleiro não trabalhava para Roxane. Ele sorriu antes de descer para o bote.

– Você ficou muito feliz de repente – Roxane disse.

Ele sorriu. – Eu tenho a sensação de que vou recuperar minha memória logo. Eu não sei porque, mas sei.

– Você deve estar certo – ela disse, sem olhar para ele.

Ele remou o barco para perto da praia e saiu empurrando-o até a areia.

– E agora? – ele perguntou a Roxane.

– Agora vamos explorar! – ela disse entusiasticamente, pegando sua mão na dela. – Se lembro corretamente, existe uma pequena cabana por aqui...

Todos seus instintos de preservação diziam para ele ficar atento. Ele caminhava junto dela, mais vigilante, seus olhos procurando pelo brilho do sol em uma arma, ou a sombra de alguém.

– Eu aposto que acharemos aqui um lugar muito aconchegante – ela disse a Marcus, subindo na varanda da cabana. – Por que você não entra, enquanto eu procuro alguma madeira para colocar na lareira, como fazíamos – ela disse deliberadamente, sorrindo. – Eu lamento que você não consiga se lembrar. Nós tivemos bons momentos aqui!

Ela voltou para a praia.

Ele parou na entrada. Mas ao invés de entrar, ele se inclinou, como se fosse amarrar o sapato. Enquanto olhava em volta, ele pegou a arma presa à perna.

Seu coração batia furiosamente. Ele se perguntava o que a equipe do veleiro tinha em mente. Se um assassino contratado o esperava escondido, ele tinha que resolver sozinho.

Roxane, sentindo algo, se virou e franziu as sobancelhas. – Algo errado? – ela perguntou, tentando soar inocente.

– Nada, só estava amarrando meus sapatos – ele falou, levantando.

– Vá e espere por mim, querido – ela arrulhou.

Esperar, o diabo, ele pensou, cerrando os dentes. Ele abriu a porta se jogando para o lado justo quando ele escutou um tiro.

Ele atirou sem nem mesmo piscar, reagindo como nos velhos tempos. Velhos tempos...

Tudo se tornou claro como cristal em poucos segundos. O homem a sua frente apertou seu peito com uma expressão de descrédito e caiu no chão, uma mancha vermelha aparecendo nas costas de sua camisa, seu rosto virado para o piso da cabana.

– Você o pegou? – Roxane gritou.

– Ele não teve esta sorte, querida – Marcus respondeu. Ele chutou a arma do assassino para o lado e parou na entrada, seus olhos negros brilhantes procurando por ela. – E essa é a segunda vez que você e seu pai tentaram me matar.

Roxane ficou de boca aberta. Antes de conseguir dizer qualquer coisa, três homens apareceram de trás da cabana armados.

– Ponha suas mãos para o alto, srta. Deluca – o berbere disse agradavelmente – A não ser que você queira acompanhar o atirador que seu pai contratou ao inferno.

Roxane levantou suas mãos. Ela não podia acreditar no que ela escutava. – Ele está... morto?

– Parece morto – Marcus disse, sua voz calma e fria. Ele desceu os degraus com a pistola ainda na mão. – Ele era o único? – ele perguntou ao berbere.

– Sim. Nós procuramos tudo. Você está bem?

Marcus riu ocamente. – Aparentemente. – ele deu ao mais alto um curioso cumprimento. – Quem diabos são vocês?

– Amigos do Sr. Smith – o berbere disse com um sorriso. – E isso é tudo o que você precisa saber. Nós simplesmente contamos um blefe para a equipe que a srta. Deluca havia contratado primeiramente sobre ela ter acertado conosco antes. Por sorte eles engoliram. Dunagan disse para contar a você que o “associado” do Sr. Deluca está entregando tudo em trocas de imunidade. Seu nome é Fred Warner.

– Fred! – Roxane exclamou. – Aquele covarde...!

– Pau e pedra, srta. Deluca – o berbere disse. – Vamos.

– E ele? – Marcus perguntou apontando a cabana.

– A polícia bahamiana já está a caminho. Eles o estavam procurando in Nassau, mas nós imaginamos que a srta. Deluca o deixaria esperando em um local combinado. Assim viemos junto.

– Obrigado pela retaguarda – Marcus disse a eles.

– O prazer foi nosso. Agora, é melhor irmos indo.

Barney, Barb e Dunagan jantaram juntos aquela noite, após os depoimentos dados aos policiais e o corpo do assassino contratado ter sido levado ao necrotério da cidade. O homem, como o outro assassino contratado por Deluca tinha uma extensa ficha na polícia. Deluca havia sido preso sobre custódia federal em Miami com base nos depoimentos de seu banqueiro, Fred Warner. Roxane Deluca foi presa por conspiração para cometer assassinato. Um vez que a jurisdição havia sido estabelecida, pai e filha podiam esperar um longa estada na prisão.

Eles haviam convidado Marcus para jantar com eles, assim eles poderia descobrir tudo o que havia acontecido com Deluca. Nem mesmo Barb havia protestado. Ela sentia-se tão só sem Delia que ela desistiu da rixa com Marcus. Marcus não havia recuperado completamente a memória, mas se sentia otimista que se recordaria, a despeitos de tudo que havia acontecido naquele dia. Vários pedaços de sua memória lutavam entre elas para vir à tona com o passar das horas. Ele notou que Barney e Barb estavam bastante sombrios. Dunagan tentava manter a conversação praticamente sozinho.

– Vocês aparentam como se o mundo tivesse acabado – Marcus comentou.

– Problemas pessoais – Barney replicou.

– Todos os temos – Marcus disse pesadamente.

– Foi bom você estar preparado para o que estava para acontecer – Dunagan disse. – Porque John havia sofrido um acidente e nós não sabíamos o que estava acontecendo até você e Roxane estarem a meio caminho da ilha.

Marcus sorriu, já tendo ouvido aquilo do berbere. – Vocês apareceram, pelo menos, mas eles não podiam me acompanhar sem levantar as suspeitas de Roxane. Eu sempre carreguei uma arma. Hábitos antigos demoram a serem esquecidos. – ele fez uma carranca. – Como eu sei disso?

– Parece que sua memória está voltando – Dunagan disse, sorrindo.

– Eu não me importo. É como viver no escuro. – Ele encarou Barney curiosamente. – É estranho como sua cunhada se parece com você – ele disse do nada.

– Isso é porque ela é minha filha na verdade – Barney disse miseravelmente.

Barb deu um longo gole na sua bebida. – E minha filha, também – ela adicionou. E deu a Marcus um olhar torto. – É quase engraçado. Eu estava tão determinada em mantê-la longe de você, porque achava que você iria destruí-la. E Barney e eu fizemos isso sozinhos.

Marcus franziu as sobrancelhas. – O que você quer dizer, com mantê-la longe de mim?

Barney estava sinalizando com as mãos para Barb mais ela já havia bebido três taças de vinho e não estava olhando para ele.

– Ela estava saindo com você enquanto Barney e eu estávamos em Miami – ela disse pesadamente. – Ela achava que o sol nascia e se punha em você. Eu não sabia quão longe as coisas tinham ido até... ouch!

Ela massageou o pé, onde Barney a havia chutado. Ele deu a ela um olhar duro, que ela finalmente entendeu. Marcus havia perdido a memória e haviam dito a eles para não contar nada sobre o passado. Podia ser perigoso.

– Não se importe comigo – Barb disse, tentando disfarçar. Ela deu um riso vazio. – Eu estou bêbada. Eu acho que é melhor irmos Barney. Eu preciso dormir.

– Eu, também – Barney concordou. – Bom ver você inteiro, Marcus – ele disse.

– E obrigado pela ajuda – Dunagan adicionou, erguendo-se. – Nós não esqueceremos.

Marcus estremeceu. – Foi meu ano de bancar o bom samaritano. Na primavera, eu ajudei a prender um dos seqüestradores de Tippy Moore. Lembra dela, a supermodel que se tornou estrela de cinema? – ele relembrou sorrindo. – Ela se casou um velho amigo meu, Cash Grier. Ele é chefe de polícia em uma cidade pequena no Texas. – ele parou chocado. Aquelas memórias haviam voltado sem nenhum esforço.

– Jacobsville – Barb o informou. – É lá que eu Delia nascemos.

Marcus estava muito calmo. Jacobsville. Cidade pequena. Texas. Cash Grier. Seqüestro de Tippy. Ele havia lembrado! Ele visitou Tippy no hospital em New York. Esteve em um hospital em Nassau com concussão. Delia estava no mesmo hospital. Ele indo vê-la sem saber porque. Ela lhe parecendo tão familiar. Ela estivera grávida...

– Boa noite – Barney falou enquanto ele e Dunagan saiam escoltando Barb para fora.

Marcus acenou, mas mal os escutava. Sua mente estava a toda. Delia estava grávida. Ela salvou sua vida. Ela havia perdido o bebê. O bebê dela.

Ele assinou a conta, não era nada, afinal ele era dono do hotel, e foi para seu escritório, Smith o encarou com um olhar preocupado.

– Eu escutei o que aconteceu – ele disse. – Eu sinto não ter estado lá. A única coisa que eu pude fazer foi chamar uns amigos para olharem por você. Eles estão fazendo um trabalho para um amigo meu, na região. Isso foi bom para mim, porque eu não conseguia encontrar Dunagan ou Barney, e não sabia o que estava acontecendo.

Marcus acenou para as desculpas. – Conte-me sobre Delia – ele disse secamente.

Smith hesitou.

– A esposa de Barney disse que eu estava saindo com ela.

Smith fez uma careta. – Bem, sim.

Marcus estacou – Smith, ela estava grávida. Era... meu?

Smith fechou os olhos e os abriu logo em seguida. – Sim. – ele disse roucamente.

Marcus sentou atrás de sua mesa. O bebê era a chave que abriu suas memórias. Ele teve de súbito, rápidos flashes de memória. Delia, rindo junto com ele, o vento soprando seus cabelos loiros e soltos no conversível. Delia, em seus braços, amando-o com uma paixão desenfreada apesar de sua inocência. Delia, olhando para ele como se fosse um herói quando a salvou de Fred. Delia, com lágrima nos olhos,



descobrimos que ele não lembrava dela ou sobre a existência do bebê. Delia, afastando-se dele com o coração em pedaços...

– Meu Deus, eu a deixei ir embora! – ele estourou – Ela estava grávida. Ela perdeu o bebê, a mim, tudo. Eu disse a ela que não era o meu tipo de mulher, que ela nunca me atrairia. Eu realmente disse isso a ela. E depois, eu a deixei ir, sem dizer nada! Ela deve estar arrasada!

– Chefe, você não sabia quem ela era – Smith disse gentilmente. – Ela entendeu.

Marcus cobriu o rosto com suas mãos e gemeu angustiado. – Ela perdeu nosso bebê, salvando minha vida – ele sussurrou. – Ela caiu!

Smith não sabendo que dizer, ficou quieto.

Marcus continuou – Ela correu direto para o assassino e empurrou a mão com a arma, fazendo com que caísse no chão. Ele ia me matar. Ela salvou minha vida e o que eu fiz? Eu agi como se ela não tivesse a mínima importância para mim! Ela estava convencida que eu nunca me envolveria com uma garota magra e de uma cidade pequena no Texas. Eu estava procurando uma mulher misteriosa no meu passado, uma mulher bonita, rica e sofisticada. Delia estava na minha frente o tempo todo, e eu a tratava como uma estranha. Que idiota eu fui! – ele saiu na direção da varanda e abriu a porta de vidro de correr para que o vento entrasse. Ele ficou lá, devastado, vulnerável, odiando a si mesmo.

– Ela foi para casa, não? – ele perguntou um pouco mais tarde.

– Sim – Smith replicou.

– E porque não? Eu suponho que ela ache que minha memória não vai mais voltar. Eu sei que a olhava como se ela não me interessasse em nada. Ela foi machucada, perdeu o bebê, me perdeu... – os olhos de Marcus estavam atormentados. – Não me admira, ela me olhar como se eu a estivesse matando aos poucos, quando eu entrei naquele quarto de hospital. – ele fechou os olhos lutando contra as lágrimas. – No final das contas, eu virei as costas para ela, também.

– Você não sabia – Smith disse novamente.

– Eu deveria saber – Marcus disse duramente. Ele empurrou seus cabelos para trás. Eu me sentia nas nuvens quando ela estava perto de mim. E ardia por estar com ela quando se aproximava de mim. Mesmo que eu não quisesse registrar.

– Você estava machucado também.

– Não o suficiente – ele disse friamente. – Por tudo que eu fiz, eu mereço o inferno que eu estou sentindo. Havia um bebê. – ele adicionou, a dor quase o dobrando em dois. – Um bebê, Smith. Meu bebê. Ela... perdeu.

Smith fechou os olhos. Ele não podia suportar o tormento na face morena. Marcus Carrera era um homem forte, mas estava se desfazendo na sua frente.

– Eu sinto sobre isso – Smith disse.

– Ela acabou de descobrir que sua irmã é na verdade sua mãe, e seu cunhado seu verdadeiro pai – Marcus disse estupidamente. – Isso, o bebê, eu... suponho que ela ache que não tinha mais nenhuma razão para estar aqui. Ela provavelmente pensa que nós a traímos.

– Ela precisa de tempo – Smith disse sabiamente. – É muita coisa para ela entender.

– Sim. – Marcus voltou para o escritório, parecia distraído. – Eu tenho vontade de correr para o Texas e trazê-la de novo para cá. Mas você está certo. Ela precisa de tempo. Então eu darei a ela alguns meses, para que ela supere o pior. Enquanto isso, eu acabei de ter uma idéia sobre um projeto que pode me ajudar a passar o tempo enquanto não vou atrás dela.

– Ir... atrás dela?

Marcus sorriu fracamente. – Um homem não consegue viver pela metade, Smith – ele disse simplesmente. – Não por muito tempo, de qualquer modo. Eu vou me casar com ela.

Os olhos verdes de Smith brilharam com a idéia de seu chefe, um solitário por natureza, estar tão encantado por uma mulher.

Marcus deu ao seu guarda costas um olhar especulativo. – Você nunca casou, eu suponho?

Smith negou com a cabeça, sorrindo. – Sou muito exigente.

– Existiam rumores de que você era louco por Kip Tennison – Marcus adicionou.

– Eu fui responsável por Kip e seu filho por muitos anos, você sabe – Smith falou para ele. – Eu era loucos pelos dois, mas o coração dela sempre pertenceu a Cy Harden e eu sempre soube disso.

– Você não ficou com eles.

Smith riu. – Harden e eu vivíamos brigando, nós somos muito parecidos para vivermos no mesmo lugar. Além disso, depois do segundo filho, Kip desistiu da maior parte de seu trabalho na corporação Tennison e agora ela está trabalhando como vice-presidente na companhia de Harden. É o ex-cunhado dela que está na linha de tiro agora. Eu não era necessário. – ele clareou a garganta. – Harden nunca aceitou Tiny. Eu acho que ele tem uma fobia secreta a lagartos.

– Vai ver foi uma desculpa para tirá-lo da competição – Marcus riu.

Smith encolheu os ombros. – Um homem tão bem apessoado e talentoso como eu causa ciúmes à maioria dos homens – ele disse sério.

Marcus riu. – Só você mesmo. Quando Delia voltar, você será mais necessário do que nunca. Eu espero formar uma pequena dinastia aqui – ele adicionou, o sorriso afastando a tristeza do conhecimento sobre a perda do bebê, mesmo antes de saber de sua existência. – Bebês são legais. De fato – ele meditou, tirando um pouco do ar sombrio enquanto se voltava – Eu tenho alguns retalhos de tecidos azuis e rosas e alguns metros de tecido para fazer um lindo acolchoado de bebê.

Ele já havia saído antes de Smith ter de esconder um sorriso de divertimento.

### **CAPÍTULO 13**

Delia sempre havia amado o Natal. Era o seu feriado favorito. Jacobsville era decorada em todas as festividades, começando na festa de Ação de Graças, decorando tudo à vista. Havia guirlandas de pinha e luzes coloridas em toda a rua circulando a praça, e todas as portas tinha uma guirlanda de flores com bolas vermelhas. Dava para se ver árvores de Natal em todas as janelas, e inclusive uma ao lado da estátua de Big John Jacobs. Havia renas, Papais Noéis, homens de neve, e guirlandas decorando os comércios e casas. Na decoração da festividade, Jacobsville não economizava.

Estava começando a ficar mais fácil olhar para trás, Delia pensou, embora ainda sofresse por Marcus e o bebê. Mas ela achava que a dor diminuiria conforme o tempo passasse. Ela sentia falta de Barb e Barney, também. Ela não havia conversado com eles ainda, mas havia enviado a Barb um cartão alguns dias atrás pelo dia de Ação de Graças, e recebeu outro em retorno. No Natal, ela esperava, eles já deveriam estar se falando novamente e se vendo. Ela nunca havia passado um Natal sem Barb e Barney que pudesse se lembrar.

Ela sentia ter sido tão dura com eles. Devia ter sido difícil para eles desistir dela em favor da mãe de Barb, e mais difícil ainda manter tudo em segredo ao longo dos anos. Eles a amavam. Era claro que sim, e ela os amava também. Mas eles deviam ter contado a ela anos atrás.

Ela se perguntava se Marcus havia recuperado a memória. Ela supunha que não, porque ele ano havia entrado em contato com ela em todos aqueles meses. Mas, então, ele entraria em contato com ela? Ele a havia olhado sem nem uma centelha de interesse na maior parte do tempo. Ele até mesmo havia lhe dito que ela não o atraía, como aquela mulher Deluca. De qualquer modo, devia ter sido mesmo vingança e desejo e nada mais da parte dele. Isso fazia sentido. Ele havia ficado com raiva da noiva, encontrado Delia, seduzido-a e depois sentiu culpa. Isso explicaria porque ele não queria que ela entrasse em contato com ele depois daquela noite. O que quer que tivesse acontecido antes, ou que acontecesse, ele estava noivo. Ele já devia estar casado agora. Ele certamente devia estar até apreciando a falta de memória, assim ele não teria de explicar o seu lapso de fidelidade para Roxane Deluca.

Ela escreveu para o Sr. Smith, todavia, aos cuidados do *Bow Tie*, sem por seu nome ou endereço de retorno no envelope. Para sua surpresa, ele escreveu de volta imediatamente. Ela ficou sabendo que Marcus havia sofrido outro atentado, mas alguns mercenários amigos de Smith o salvaram. Os criminosos estavam

em custódia, incluído o mafioso de Miami que havia planejado tudo, e Fred Warner, também. Smith a alertou para que ela não mencionasse isso a ninguém. Como se ela conhecesse alguém que se interessaria por isso, ela se divertiu. Ela estava grata por Marcus ainda estar vivo e fora de perigo, mesmo que ele viesse a se casar com Roxane Deluca. O surpreendente, ela pensava, era ele ter sido alvo daquele mafioso de Miami, estando Marcus noivo de sua filha. Isso não fazia sentido.

De qualquer modo havia bom saber que Marcus não estava fazendo nada de ilegal, e sim, que estava trabalhando junto ao governo para acabar com aquela operação ilegal. Mas o triste, ela pensava era que isso não fazia nenhuma diferença para ela, ela o amava demais.

Ela não soube mais nada por Smith desde então. Parecia uma conspiração para mantê-la no escuro. Provavelmente Smith houvesse mencionado o fato para Marcus e este não aprovou.

Toda aquela racionalização não deixava Marcus longe de seus pensamentos. Ela sonhava com ele toda as noites. Quando ela juntava um bloco em uma colcha, ela pensava nele. Quando ela dava uma aula, ela pensava nele. Sua vida estava vazia como nunca esteve antes. Ela se sentia como tivesse sido cortada em duas. Muito pior do que quando ela havia perdido o bebê. Ela sempre adorou crianças. Ela sonhava em ter seu próprio filho. Agora ela mal suportava olhar uma roupinha de bebê, ou móvel infantil, ou mesmo fotos que seus clientes mostravam de seus filhos e netos. Isso era como uma faca no seu coração.

Mas ela estava se ajustando. Ela se sentia mais madura do que nunca. Ela estava menos insegura, e menos receosa quando perto de outras pessoas. Ela havia crescido emocionalmente. Ela estava mais forte do que nunca. Mas ela sentia falta de Marcus. Como sentia!

Ela estava acabando de dar acabamento na segunda manga de uma peça de roupa onde estava fazendo uma alteração, quando ouviu os sinos à porta de entrada, onde existia uma pequena loja de atendimento ao público. Deixando a camisa de lado na máquina de costura, ela foi atender a porta, sorrindo automaticamente enquanto a abria. Não ocorreu a ela porque o cliente não havia entrado. Todo mundo entrava.

Mas quando ela viu quem estava à porta, ela ficou confusa. E não conseguiu dizer uma simples palavra.

Marcus a estava checando também. Ela havia emagrecido bem nesses três meses que haviam ficado separados, ele pensou. Ela aparentava todo seu sofrimento. Mas seus olhos verde brilharam de espanto, surpresa e felicidade que ela não conseguiu esconder. Ele relaxou, só um pouco.

– Sr. Carrera – ela cumprimentou hesitante.

– Eu sei quem você é Delia – ela disse suavemente. – Eu sei o que aconteceu. Minha memória voltou. Felizmente antes da segunda tentativa com o assassino de Deluca.

Ela olhou-o faminta. – Estou feliz que ele tenha falhado – ela disse suavemente.

Ele suspirou. – Eu suponho que você não saiba do que eu estou falando, certo? – ele riu. – Posso entrar? – ele perguntou, olhando para trás incerto. – Eu nunca tive tantas pessoas me encarando ao mesmo tempo antes. Eu me sinto como uma lagosta em um restaurante de frutos do mar.

– Claro – ela disse surpreendida, dando um passo para trás para que ele entrasse. Ela prestou grande atenção na tarefa de fechar a porta atrás dele enquanto tentava se recompor.

– Eu estive no departamento de polícia, para ver Cash – ele explicou.

– Você conhece nosso chefe de polícia? – ela perguntou, surpresa.

– Sim. Um dos homens que seqüestraram sua esposa Tippy, no inverno passado trabalhava para mim na época. Eu colaborei com os federais para prendê-lo – ele adicionou.

Ela não sabia o que dizer. Ela não sabia porque ele estava ali. – Você está casado agora? – ela perguntou, tentando soar indiferente.

– Casado? – Ele perguntou estupidamente.

– Roxane Deluca disse que vocês estavam noivos.

– Ela me contou isso também quando eu perdi minha memória. O pai de Roxane contratou um outro matador – ele respondeu brandamente. – Eu conhecia Roxane, mas nós nunca fomos noivos. Ela queria que eu acreditasse que sim, assim ela poderia me levar para uma armadilha.

– Mas... Porque? – ela perguntou. – Eu não entendo.

Ele sentou-se na beirada da mesa dela e a estudou atentamente. Ela havia cortado seu lindo cabelo. Ele fez uma careta, porque ele gostava dele longo. Ela estava usando um vestido que era claramente feito em casa, nada sexy. Ela se vestia e aparentava uma mulher que não se importava em atrair um homem novamente. Ele era o responsável por isso. E isso o machucava.

– A armadilha? – ela o lembrou, porque a incomodava ele olhá-la daquela maneira.

– Eu estava trabalhando com os federais para prender Fred Warner.

– Sim, eu sei.

– Sabe? – ele perguntou zombeteiramente. – Bem, Fred estava lavando dinheiro para Deluca, que queria mudar para a Ilha Paraíso e abrir seu próprio cassino. Você pode imaginar que tipo. Trapaceiro. De qualquer forma, Fred já fazia lavagem de dinheiro para um traficante de drogas da Colômbia.

– Seu irmão foi morto por eles – ela lembrou.

Ele a olhou surpreso. – Eu suponho que tenha contado isso a você – ele sorriu desculpando-se. – Algumas coisas ainda estão nebulosas. Sim, Carlos foi assassinado pelo cartel quando ele deu para os federais dicas sobre um carregamento. Eles injetaram nele cocaína e causaram uma overdose, mas o médico legista não era tolo.

– Ele estava trabalhando para o governo, também? – ela considerou.

O rosto de Marcus endureceu. – Não. Ele queria que o traficante que o viciou fosse preso. Seu antigo colega Fred Warner. – ele adicionou.

Seus lábios se separaram num suave suspiro. Então essa era a conexão.

– Mas o cartel colombiano para o qual Fred fazia a lavagem de dinheiro, queria revanche pelo carregamento perdido, então eles foram atrás de meu irmão e o mataram – ele disse tristemente, sua face endurecendo. – Eu jurei que pegaria Fred por isso, então eu o cultivei com uma chamada telefônica oferecendo a ele a possibilidade dele trabalhar comigo e Deluca. Deluca havia me procurado, essa é a verdade, e eu procurei os federais antes de me aproximar de Fred.

– Mas isso não trouxe seu irmão de volta – ela murmurou com simpatia.

– Não – ele concordou, seu tom triste. – se ele tivesse deixado Fred Warner para trás, e não falado nada sobre o carregamento de cocaína, ele ainda estaria vivo – ele disse friamente.

Ela sentiu sua tristeza. – Porém, ele fez o que era certo. Você sabe disto.

– Sim. A coisa certa. Mas ele morreu por isso. – ele fez uma careta. – Eu nunca consegui entender porque ele não conseguia parar. Eu fumo ocasionalmente, mas eu consigo parar a qualquer momento. Eu não gosto de vícios, então eu não tenho nenhum. Carlo era diferente.

– Eu conheço pessoas que bebem e não conseguem parar – ela replicou gentilmente. – Eu sempre liguei o alcoolismo e o vício em drogas com o desbalanço químico. Para mim parece que as pessoas viciadas são basicamente pessoas com problemas de depressão tentando levantar seu humor. De fato, o que ocorre é o contrário e eles acabam ficando pior.

Ele procurou sua face calado. – Essa foi uma das primeira coisas que eu gostei em você – ele disse. – Você não julga ninguém. Você sempre procura razões para as pessoas fazerem o que fazem. Eu sempre atiro primeiro.

Ela abaixou seus olhos. – Eu pensei que você não gostava de nada em mim.

Ele cerrou os dentes. Ele odiava a lembrança da última conversa que tiveram antes de ela ir embora das Bahamas.

Ela mudou de assunto. – Estou feliz que tenha vindo – ela disse. – Mas eu realmente tenho de voltar ao trabalho agora.

– Delia.

Ela não queria olhar de novo para ele. Isso doía demais. Mas ela se forçou a encará-lo.

Ele estava segurando alguma coisa em uma sacola. Ela não havia notado até aquele momento. Ele a entregou para ela, quase hesitante.

Ela pegou a sacola, sentou-se à mesa e abriu o pacote. Lágrimas a cegaram para a beleza do presente por alguns segundos. Ela o ergueu, piscando sobre as lágrimas, e esticando vagarosamente sobre a superfície da mesa.

Era uma colcha de bebê. Em um bloco havia uma paisagem do Texas, em outro o porto de Chicago. Em outro estava *Blackbeard's Tower* em Nassau, e uma casa com árvores casuarinas à frente do oceano. Em outro um iate, uma mulher fazendo um acolchoado, e um homem cortando um padrão. Em outro, havia um casal de mãos dadas em silhueta contra o mar numa noite de luar. No centro, havia um bebê vestido em um vestido de renda branca com um chapeuzinho branco e um halo em sua cabeça.

– É nosso bebê – ela sussurrou desalentada., sem escolher suas palavras.

– Sim – ele disse.

Ela olhou para ele. Seu rosto estava trágico, como ela pensava devia estar o dela. Havia uma umidade suspeita em seus olhos.

Aquilo foi demais. Ela correu para ele, um braço segurando a colcha o outro o abraçando.

Ele apenas a segurava e abraçava, sem falar enquanto ela chorava e chorava. Lágrimas corriam pelo seu rosto. Ela chorou até a dor se tornar quase suportável, e ele ainda a abraçava.

– Esses três meses foram puro inferno – ele sussurrou em seu ouvido. – Uma centena de vezes eu peguei o telefone para chamá-la mais eu acabava desligando, ou comecei a escrever uma carta ou comprar uma passagem de avião. Mas eu não sabia se você falaria comigo, eu não queria magoá-la mais. Barb e Barney disseram que você não estava falando com eles também. Bem, até três dias atrás, eles receberam um cartão seu. – ele suspirou, e sua voz soava estranhamente rouca. – Aí eu imaginei, hey, se ela pode perdoá-los, talvez ela me perdoe também. Então eu comprei uma passagem para San Antonio. Eu demorei dois dias para tomar coragem e vir aqui.

Ela friccionou seus olhos molhados na garganta dele. – Você alugou um carro?

– Que nada, eu aluguei uma limo. Eu não quero sair por aí com você em um sedã e deixar seus amigos dizendo que sou muito pão duro para fazer as coisas do jeito certo.

Ela deu um passo para trás e o olhou com todo o amor em seus olhos, sorrindo apesar das lágrimas. Ela parecia mais velho, também, e tão desgastado quanto ela. Ela ergueu a mão e hesitante a passou pelos círculos escuros em baixo dos olhos dele. Havia lágrimas lá.

Ele pegou a mão dela e a levou aos lábios, como se ele não quisesse mostrar quanto o afetava, enquanto ela via a colcha.

– Eu estou tão feliz que Dunagan e os amigos do Sr. Smith o mantiveram a salvo – ela confessou, sorrindo entre as lágrimas.

Ele levantou sua sobrancelhas. – Como você descobriu isso? Você não tem falado com Barb ou Barney. Eles me disseram.

Ela ficou tímida. – Sr. Smith escreveu para mim – ela admitiu – E eu escrevi de volta, para uma caixa postal em Nassau.

Ele segurou o fôlego. – Então foi assim que você descobriu como iam as coisas! Se eu tivesse sabido disso, eu não teria me sentido tão miserável. Vou matar Smith por não ter me contado.

– Você não pode – ela disse sorrindo. – Eu o fiz prometer que não contaria nada a você. Eu estava preocupada, e desde que eu não estava falando com meus... pais – ela disse a palavra pela primeira vez – Não havia um outro modo de saber como você estava.

– Você estava preocupada comigo, depois do jeito como a tratei? Ele perguntou com humildade.

Ela tocou sua boca com a ponta de seus dedos. – Você não se lembrava de mim – ela disse suavemente. – Você não podia saber.

– Você desistiu de mim – ele a acusou. – Você foi embora e me deixou com aquela morena venenosa.

– Eu pensava que você estava realmente noivo dela, ela apontou. – Ela disse que você era, e você já havia me dito para não entrar em contato com você, depois daquele dia no iate de Karen. Eu sabia sobre o pai dela, mas não seria a primeira vez que uma mulher se envolvia com um homem apesar dos desejos de seus pais. Por tudo que eu sabia, eu poderia ser apenas um caso.

– Que caso – ele murmurou, seus olhos a devorando. – Eu a quis desde o minuto que eu a conheci. Eu tenho sido a metade de um homem por meses.

Ela sorriu fracamente. – Eu também.

Uma sobrancelhas dele se ergueu.

– Falando figurativamente – ela corrigiu.

Ele se inclinou e encostou seus lábios no dela, carinhosamente. – Eu quero levá-la para jantar hoje. Eu tenho algo para você. Existe um hotel em San Antonio, *The Bartholomew* – ele adicionou. Eu reservei uma mesa às sete horas. Tudo bem?

– Porque você quer me levar a San Antonio – ela considerou. – Vai sair muito caro, alugar a limusine para levar e me trazer de volta...

– Eu sou rico. Você não notou?

Ela suspirou. – Eu estava muito ocupada notando como você é sexy – ela confessou.

Ele fez uma careta.

Ela ergueu a colcha em suas mãos e a olhou novamente, dessa vez com prazer e não dor. – Ela é linda.

– Nós a guardaremos em um lugar especial. Mas eu estou trabalhando em outra – ele adicionou. – Com blocos de números e letras, e pequenos animais em blocos separados. Eu vou fazer em rosa, azul e amarelo, assim pode-se usar se for menino ou menina.

Ela ficou confusa. – Por que?

Ele a olhou comovido. – Eu pensei, que se pedisse com jeito, você me daria outro bebê.

Ela sentiu seu coração a beira de um colapso. Isso não soava como alguém que queria um caso.

– Nós conversaremos mais no jantar de hoje à noite.

– Não vai ser muito chique, vai? – ela ficou preocupada. – Eu não tenho muita roupa fina, Marcus.

– Qualquer coisa que você vista vai ser bom para mim – ele prometeu, mas no fundo de sua mente uma idéia se formava. – A que horas você fecha?

– Às cinco horas.

– Eu estarei aqui às cinco e meia. Tudo bem?

Ela assentiu.

Ele se aproximou para beijá-la, suavemente. – Não se esqueça.

– Como eu poderia? – Ela considerou num tom ofegante.

Ele girou o corpo para sair, parando com sua mão na fechadura. – Eu estou feliz que esteja melhor – ele disse. – Eu estava vivendo no inferno lembrando das palavras que eu disse a você. O pior de tudo foi ficar sabendo que você perdeu o bebê me salvando.

– Você acha que eu agüentaria ficar parada esperando ele atirar em você? – ela perguntou tristemente.

– Não mais do que a idéia de ele ter atirado em você, amor – ele disse roucamente.

Ela se alimentou com aquela visão. Ele era lindo para ela. Ela nunca se sentia cansada de olhar para ele. E um homem como ele, viajar toda aquela distância para levá-la para jantar, ela estava maravilhada.

– Vejo você mais tarde. – ele prometeu, e piscou enquanto ele saía da loja.

Ele caminhou diretamente para uma senhora idosa que estava parada do lado de fora da porta. Ele se desculpou e deu um encontrão em um casal jovem. Enquanto ele se desculpava com eles também, três pessoas que ele não havia visto se desculparam por estar no caminho. Alguns metros adiante, uma mulher tirava foto da limusine preta sentada em frente da loja e casa de Delia Mason.

– Bonito dia, não? – A senhora de idade perguntou, sorrindo de orelha a orelha.

– Sim. Muito bonito.

Marcus mergulhou no interior da limusine sem nenhuma graciosidade e bateu a porta. – Tire-me daqui! – ele pediu ao motorista.

Precisamente às cinco horas, Marcus bateu a porta da frente da casa de Delia, perscrutando a sua volta enquanto a limusine estava parada na rua com o motor ligado.

Delia abriu a porta, com o mesmo vestido de antes, chocada. – Você disse cinco e meia! – ela exclamou. – Eu nem comecei a me vestir...!

– Eu sei. – ele pegou uma caixa longa debaixo de seu braço e entregou a ela. Ele colocou outra menor sobre ela. Ele pegou uma caixa de jóias do seu bolso e adicionou a pilha. – Cinco e meia – ele disse.

Ela reconheceu a marca nas caixas. Uma era de sapatos feitos a mão. Ela nunca havia tido nada igual. – Mas você não sabe meu tamanho.

– Eu liguei para Barb – ele respondeu.

Ele entrou na limusine e esta foi embora. Delia fechou a porta. Ela se sentia no Natal.

Dentro da caixa grande havia um vestido preto, do exato tamanho dela, e num corte que vestia bem sua figura esbelta. Ele caía até seu tornozelo em dobras franzidas. Na caixa de sapatos havia um par de sapatos de salto preto para combinar. Na caixa de jóias tinha um colar incrustado de esmeraldas e diamantes, e um par de brincos combinando. Ela sabia antes de olhar que era ouro 18 quilates e as pedras eram genuínas e de alta qualidade. Barb havia ensinado sobre jóias finas.

Ela pegou sua melhor roupa íntima, que ainda era uma pobre combinação com as roupas que Marcus havia lhe comprado, e começou a se vestir. Felizmente, seu cabelo loiro tinha algumas ondas naturais, e não ficava mal nela. Ela usou mais maquiagem que o normal e pegou um lindo casaco de veludo que Barb havia lhe dado para usar com o vestido.

Quando Marcus bateu a porta, ela estava pronta.

– Eu esqueci do casaco – ele falou. – Nós podemos comprar um casaco de pele se você quiser um. Eu telefonarei e eles trarão aqui logo.

– Eu não posso usar pele, Marcus – ela interrompeu. – Eu sou alérgica. Desculpe.

– Você é alérgica a cachorros e gatos?

– Não. Eu tenho um cachorro, lembra? Sam tem uma casinha no jardim do fundo. Minha galinha de estimação Henrietta tem seu próprio cercado no jardim e um galinheiro. Eu o apresentarei a eles outra hora. Eu sou apenas alérgica a casaco de pele.

– Graças a deus. Ele notou seu olhar curioso. – Enquanto eu estava com amnésia, eu adotei dois gatos persas.

– Por que? – ela perguntou.

Ele estremeceu. – Vai entender. Isso foi logo depois de eu por os *koi pond* na lagoa

– Eu lembro de você nos mostrar antes de eu deixar as Bahamas. Eu ainda não posso acreditar que você tem uma lagoa cheia daqueles peixes lindo e coloridos como os que a gente viu no jardim botânico que visitamos.

Ele estava surpreso que ela sabia dos koi. Ele não se recordava. Ou recordava?

Ela estava fascinada. – Quando nós passeávamos pelo jardim botânico eu lhe disse que eu os havia adorado. Você disse que não era assim tão interessado em peixes!

Ele riu e se lembrou. – Eu pensei em fazer algumas colchas com kois.

Os olhos dela brilharam. – Eu adoraria fazer algumas dessas, também.

– Então nós temos de conversar sobre você ir mora na Ilha Paraíso – ele murmurou secamente. – Porque eu não acho que seria bom para os meus nervos morar aqui.

– Por que? – ela perguntou estupidamente.

Ele se virou e apontou para a limusine, na calçada ao lado da limusine, a mesma mulher tirava fotos dela novamente. Um novo casal estava próximo à árvore, aparentemente conversando, mas na verdade ambos encaravam Marcus e Delia. Um senhora no fim da rua aparava roseiras. Duas garotas na janela de cima da casa vizinha mostravam para Marcus os dedões para cima. E um carro de polícia passava lentamente pela rua enquanto o oficial que dirigia o automóvel olhava para a cena. Fora, um cachorro estava perseguindo o rabo e estava assustando Henrietta que não colocaria ovos por vários dias.

– Eu esqueci que Callie Kirby e seu padrasto moravam aqui antes que ela se casasse com Micah Steele – Delia disse piscando. – Eles ainda contam histórias sobre os dias de namoro.

– O povo, você diz? Ele perguntou, olhando a população em volta.

– É uma cidade muito pequena – ela apontou. – O único crime de verdade que tivemos aqui em anos, foi quando os mercenários locais acabaram com um ponto de distribuição de drogas de um conhecido traficante. Oh, e Tippy Moore bateu com uma frigideira na cabeça de um homem que tentava matá-la. Eles

contam que quando Cash Grier chegou lá, o homem correu para os policiais implorando para que o salvassem de Tippy.

Ele riu. – Eu a conheci, e não duvido da história.

Ela sorriu de volta e tocou as esmeraldas cautelosamente. – Você não devia ter feito isso – ela disse.

– Você precisava de um vestido e alguns acessórios – ele disse simplesmente., pegando-a pela mão. – Tranque a porta e nós faremos uma apresentação antes de irmos.

Ela estava trancando a porta e somente com meia atenção ao que ele falava. – Uma apresentação?

Ele a pegou entre seus braços, inclinou-a e juntou-se a ela beijando-a até perder o fôlego.

Quando ele se ergueu, a senhora idosa estava com a mão no coração como se quisesse desmaiar. O casal próximo à árvore os olhavam de boca aberta. As garotas na janela estavam rindo. A mulher que tirava as fotos da limusine tirava agora fotos de Marcus e Delia. E o carro oficial parou a rua bloqueando o trânsito, enquanto o homem dentro dele abria a janela e gritava para eles.

– Eu dou nove e meio em uma escala de um a dez! – o Chefe de polícia Cash Grier disse para Marcus.

– Você está fechando o trânsito, Grier! – Marcus gritou de volta.

Grier ria enquanto fazia uma manobra e ia embora.

Marcus escoltou Delia para o carro de faro continental, esperando enquanto o motorista uniformizado abria a porta e ajudava-a entrar, ele mergulhou logo atrás dela dentro da limusine.

– Tudo para satisfazer a audiência – ele brincou, rindo da expressão confusa dela.

O restaurante estava cheio, e Delia ainda cambaleava com a lembrança daquele beijo teatral. Ela entregou seu casaco ao caixeiro na sala de casacos, pegou a mão de Marcus e seguiu o garçom até a mesa deles.

Sentado a mesa estava Barney e Barb, vestidos elegantemente e parecendo nervosos e um pouco apavorados.

Isso suavizou Delia um pouco mais. Ela foi direto para Barb com seus braços bem abertos.

Barb correu para ela e a abraçou bem apertado, chorando. – Oh, amor, nós sentimos tanto a sua falta!

– Olá, estranha – Barney adicionou, abrindo seus braços para receber também um abraço.

– Eu sinto muito – Barb começou.

– Não, eu sinto muito – Delia disse ao mesmo tempo, e riu porque o som soou como eco. – Eu só precisava de tempo para me acostumar – ela adicionou. – Mas agora eu estou feliz. Eu estou tão feliz! Eu amo vocês de mais.

– Nós amamos você, também, amor – Barney disse, e girou o corpo antes de perder sua compostura.

– Eu contei a você que você iria ter uma surpresa – Marcus disse a Delia com um sorriso.

– Foi realmente – Delia disse, rindo entre as lágrimas. – Oh, eu estou tão feliz de ver todos vocês! – ela exclamou, incluindo Marcus ela passou os olhos pelas três pessoas mais importantes de sua vida. – Eu sinto muito, eu ter dado tanto trabalho – ela adicionou suavemente, aos seus pais. – Eu tentarei recompensar vocês por isso, honestamente.

– Você passou por momentos difíceis, amor – Barb disse para ela. – Não me admira que tenha sido tão duro. Nós entendemos. – ela olhou Marcus com um sorriso. – Marcus nos manteve esperançosos, também.

– Nós estamos todos no mesmo barco – Marcus explicou. – Nenhum de nós queria apressá-la, mais era um jogo solitário.

Ele ajudou Delia a se sentar enquanto Barney ajudava Barb, e o garçom trouxe o menu para eles.

Depois dos pedidos, Delia olhou ao redor da mesa. – Eu não entendo porque estamos aqui hoje, porém. É alguma ocasião especial?

– Nós podemos dizer que sim – Marcus considerou.

Barb e Barney sorriram misteriosamente.

– O que, então? – Delia persistiu.

– Você vai ter de esperar até a sobremesa – Marcus provocou. – Mas eu prometo, que vai valer a pena esperar.



O jantar foi maravilhoso. Delia nunca havia comido uma comida tão gostosa. E as sobremesas eram levadas de mesa em mesa em um carrinho, assim os clientes podiam escolher o que quisessem. Marcus escolheu bolo de chocolate. Delia escolheu crême brûlée e se deliciou com cada pedaço.

Durante o jantar eles tomaram um delicioso vinho branco com o peixe, um vermelho seco com o bife e champagne com a sobremesa.

As bolhas faziam cosquinha no nariz de Delia. Ela riu. – Eu não lembro de tomar champagne mais do que uma vez em toda a minha vida. Mamãe não gostava da idéia – ela adicionou. Então ela parou e olhou para Barb – Eu quero dizer, a vovó não gostava – ela corrigiu, seus olhos amorosos.

Barb mordeu seu lábio inferior. Obrigada, amor – ela disse suavemente. – Mas eu sei que vai ser difícil você me chamar de mãe. Você pode continuar me chamando de Barb. Isso não importa, honestamente.

Importava sim, e Delia viu isso. Ela se aproximou de Barb e tocou sua mão gentilmente. – Você vem agindo como uma mãe toda a minha vida, me protegendo, me encaminhando e tomando conta de mim. Eu sempre pensei em você mais como minha mãe do que irmã, e agora é verdade. Eu estou feliz que você seja minha mãe e Barney meu pai. – ela adicionou, sorrindo para ele, também. – Foi uma surpresa, mas não uma ruim. Mas é que aconteceu tanta coisa ao mesmo tempo. Que eu acho que fiquei um pouco fora de mim.

– Não me admira – Marcus replicou – Você perdeu tudo, não?

– Sim. Mas o que não nos mata nos fortalece, não é o que dizem? – ela replicou. – Eu amadureci.

– Sim. Você amadureceu. – Barb disse.

– Mas você continuará a ser meu bebê – Barney falou para ela com um sorriso amoroso.

– Obrigada.

Ele riu. – Para que são os pais?

– Isso é algo que eu não vejo a hora de descobrir por mim mesmo – Marcus murmurou, olhando para o rosto chocado de Delia. – E isso me lembra...

Ele colocou a mão no bolso de seu paletó e pegou uma caixa pequena e quadrada de jóias, que combinava com a caixa de jóias do colar e brincos que ela usava. Ele a abriu e colocou em frente ao prato de sobremesa de Delia. Então ele esperou, segurando sua respiração.

Ela olhava as alianças com a boca aberta. Lá havia um solitário de esmeralda maravilhoso em uma armação pesada de ouro, incrustado com diamantes a sua volta, próxima a uma aliança de casamento.

– Isso parece... – ela começou.

– É – Marcus disse suavemente – Eu estou perguntando se você quer casar comigo.

## **CAPÍTULO 14**

Delia olhou as alianças com o coração na garganta. Ele estava dizendo que queria se casar com ela. Ela não deveria estar surpresa, não depois de ele ter lhe trazido a colcha em memória ao bebê. Mas ela estava.

Ela o olhou com lágrimas nos olhos.

Ele fez uma careta. – Eu sei. Você está se lembrando do que eu lhe disse, de que você não era o meu tipo, que eu não acreditava que poderia vir a me interessar por você. Mas os médicos explicaram isso para mim. Até mesmo quando eu estava com amnésia, eu ainda tentava te proteger. Deluca estava atrás de mim e você estaria em perigo se ficasse perto de mim. – ele sorriu gentilmente. – Você vê, não era que eu não me importava. Eu me preocupava tanto com você que até amnésia não afetou isso.

Ela pegou com sua pequena mão a enorme mão de Marcus e o olhou com o coração nos olhos. – Sim, eu me caso com você, Marcus.

– Eles não estavam brincando, você sabe, quando disseram que eu tenho uma péssima reputação – ele adicionou, com uma expressão solene – eu era um homem mau.

– Nenhum homem mal poderia fazer acolchoados como o que você trouxe para mim hoje – ela disse simplesmente, engolindo com dificuldade as lágrimas que se amontoavam em seus olhos.

Os dedos de Marcus se entrelaçaram com os dela.

Barb e Barney trocaram olhares, mas tanto Marcus quanto Delia não compartilharam essa memória. Era muito pessoal.

– Sim, Marcus – Delia repetiu. – Eu me caso com você.

Ele sorriu de orelha a orelha.

– Nós precisaremos de mais champagne – Barney disse rindo, e deu sinal ao garçom enquanto Barbara caía em lágrimas.

– Você gostaria de casar em Jacobsville? – Marcus perguntou quando ficaram sozinhos em seu quarto de hotel, ele planejava chamar a limusine para pegá-los.

– Gostaria – ela concordou.

– Nós podemos pedir a licença, fazer o teste de sangue e contratar um pastor em três dias – ele disse – Ou você gostaria de esperar até o Natal.

Ela o procurou, seus olhos famintos. – Eu prefiro morrer de fome a esperar.

Os olhos dele brilharam. – Eu também.

Numa questão de segundos a ligação para o motorista foi esquecida, seu vestido foi para o chão, seguido pela jaqueta de Marcus, numa trilha de peças de roupa que seguia em direção a cama *King-size*.

Eles mal conseguiram tirar as cobertas antes que o corpo enorme de Marcus deitasse sobre Delia, no macio e frio lençol.

– Me desculpe, eu estou realmente faminto – separando suas longas pernas e deitando entre elas. Ele olhou dentro de seus olhos selvagens e misteriosos. – Está tudo certo?

– O que você quer dizer, com está tudo certo? – ela arfou.

– Você está tomando alguma coisa? – ele enfatizou.

Ela negou com a cabeça.

Ele hesitou.

Ela olhou diretamente em seus olhos e deliberadamente ergueu seus quadris e deu um longo, lento e sensual abraço com suas pernas.

Ele tremeu.

Ele colocou seus lábios suavemente sobre os dela. A urgente ferocidade esquecida. Ele hesitou, respirou profundamente e a beijou com incrível ternura. A súbita mudança da paixão feroz para a delicada ternura pegou Delia de surpresa. Ela o encarou com grande curiosidade.

– Eu vou explicar – ele sussurrou, segurando as pernas de Delia a sua volta, num abraço íntimo. – Se vamos fazer um bebê, devemos fazê-lo com amor, não luxúria. – ele adicionou, com voz tremula.

Ela segurou o fôlego e lágrimas caíam de seus olhos. – Um bebê? – ela sussurrou. – Você quer mesmo? Não é muito cedo para isso?

– Não. Definitivamente não é – ele respondeu, fechando seus olhos com beijos carinhosos. – Um bebê só fará com que as coisas sejam mais perfeitas do que já são.

– Sim – ela soluçou em seu ouvido, enquanto ela sentia ele pressionar seu corpo com intimidade.

Ele se posicionou sobre ela, sorrindo enquanto sua mão a acariciava demoradamente, com grande ternura. Ele beijou seu rosto, fazendo pequenas cócegas com seus beijos num movimento demorado e doce de seu grande corpo. Os únicos sons no quarto eram os sussurros baixos e o roçar de pele com pele, os pequenos sons vindos da garganta do prazer sendo alcançado.

Sua mão enorme segurou a nuca de Delia. – Sinto muito você ter cortado seu cabelo – ele disse – Eu o adorava longo.

– Eu estava sofrendo – ela explicou. – Eu o deixarei crescer novamente... – ela gritou quando sentiu as mãos de Marcus irem a lugares mais íntimos do que ela já havia sentido antes.

– Você gosta disso? – ele murmurou – Vamos tentar isso.

– Marcus...!

Sua boca explorou a dela, como se ela fosse uma flor, tocando e sentindo seu gosto, e dando sensações que a deixavam extasiada.

Na hora que ele chegou aos seus seios, ela estava tremendo. Uma das mãos de Marcus estava entre eles preparando-a para recebê-lo.

As unhas curtas de Delia arranhavam os braços de Marcus enquanto ele a possuía profunda e calmamente, com grande intimidade.

– Nunca foi... Assim – ela tentava lhe dizer.

– Não, não era – ele sussurrou. Seus olhos estavam semicerrados, enquanto seu corpo se movia numa total possessão. – Nós nunca fizemos amor assim, antes, nem nos nossos melhores momentos. Mas agora é diferente. É... a criação de uma nova vida.

Ela pulsava. Seu corpo todo pulsava sob aquele corpo poderoso. Ela fez um som que nunca tinha escutado, profundo em sua garganta, enquanto chegava ao ápice do prazer.

– Assim... Assim – ele sussurrava – Nós estamos chegando lá... na beira... do universo!

Ele a apertou, mais, e ela levantou seu corpo para encontrar o dele. O movimento era frenético, potente e firme. toda aquela ternura os levou para um prazer ainda maior. Eles apegaram-se ainda mais, tremendo, pulsando, enquanto o prazer explodia em milhões de explosões os levaram perto da inconsciência.

Ela escutou a voz enrouquecida de Marcus em seu ouvido enquanto ele convulsionava sobre seu corpo tremulo. Ela chorou, por que havia sido especial. Ela não podia acreditar que estava vivendo aquilo.

– Eu estou... morrendo – ela soluçou.

– Assim como eu – ele disse, seu corpo se movendo sobre o dela no auge do êxtase.

Ela não conseguia se mover, nem quando seus corações pararam de bater descontroladamente. Ela agarrou-se as costas dele, segurando enquanto ele virava de lado, ainda pressionada a ele.

Ele tremeu uma última vez – Eu nunca havia me sentido assim com ninguém, nem mesmo com você – ele sussurrou, atemorizado.

– Nem eu.

Ele riu brincalhão – Sim, mas você era virgem – ele disse afrontosamente.

Ela riu, também, apreciando a intimidade doce e divertida ao mesmo tempo.

Ele a abraçou e se colocou de costas na cama. – Agora nós temos de nos casar rapidamente, assim nós não temos de perder o vestido de casamento que eu comprei para você.

– Vestido de... casamento? – ela gaguejou.

– É maravilhoso – ele disse cansadamente, colocando-a numa posição mais confortável. – Metros de renda, gola alta, e bordado com rosas brancas para combinar com o véu, e cinta liga rosa.

– Você me comprou um vestido de casamento? Ela exclamou. – Quando?

– Alguns dias depois que a minha memória voltou – ele murmurou sonolento. – Eu estava ficando louco, sentindo muito a sua falta, eu sabia que você precisava de tempo, mas eu tinha de fazer alguma coisa para me manter são. Então eu fui a Paris e procurei em todas as lojas de alta costura pelo vestido certo. Está pendurado no meu armário. Quer ver?

– Se quero? – ela respondeu, tocada.

Ele saiu da cama, abriu o armário, e pegou uma capa de proteção para vestidos. Ele pendurou no armário e abriu o zíper da capa, a renda caiu ao chão. Delia pulou da cama para olhá-lo, fascinada pela sua beleza etérea.

– Marcus deve ter custado uma fortuna – ela exclamou.

– Sim – ele meditou – Eu precisei fazer a hipoteca do hotel para pagá-lo. E eu acho que você será a noiva mais linda que esta cidade já viu.

Ela o olhou com adoração – Você certamente será o noivo mais lindo – ele disse a ela.

Ela foi a encontro dele colocando seus braços em seu pescoço puxando-o para baixo para beijá-lo. Nenhum deles estava vestido, fazia muito tempo que eles estavam separados, ele sentiu seus seios túrgidos e suas longas pernas contra ele e seu corpo enrijeceu.

Ela ergueu seu olhos e o provocou. – Bem? – ela perguntou – Você está pronto para outra?

Ele a abraçou mais e sorriu – Amor, você já não devia saber?

Ele a jogou no meio da cama e a seguiu logo depois.

Já era manhã quando eles acordaram. Ele rolou na cama, olhou o relógio e piscou. – Eu imagino que o motorista da limusine desistiu de nós e foi para a cama, também – ele contou para ela com um sorriso. – Eu o registrei aqui mesmo no hotel, para um caso assim.

– Homem inteligente – ela provocou.

– Hei, foi um bom tempo sem ninguém – ele se defendeu. Eu não toco em uma mulher desde que você foi embora, você sabe.

Ela sorriu. – Eu esperava, mas é bom ter certeza.

– Você confia em mim, não? – ele perguntou.

Ela assentiu. Ela chegou seu rosto perto do dele – Eu amo você, Marcus – ela sussurrou. – Eu amo tanto que chega a doer.

Ele beijou seu pescoço. – Eu amo você do mesmo jeito – ele gemeu. – Eu nunca imaginei que doía tanto ficar separado de alguém.

– Doeu...?

– Você perdeu nosso bebê, e foi embora antes mesmo de eu saber sobre isso. Eu não pude confortá-la. Pior, eu tenho de viver com o conhecimento de que eu fui a causa.

– Mas, não foi você – ela disse. – Marcus, não foi! Eu não podia deixar aquele homem matá-lo! Que tipo de vida eu teria sem você?

– Talvez uma melhor do que viremos a ter – ele disse preocupado – Eu ainda tenho inimigos. Nós ainda teremos tempos difíceis.

– Não me importo. Eu estarei com você e lutarei com você, se precisar. – ela levantou sua cabeça e o encarou com um olhar feroz e uma expressão amorosa. – Mulheres texanas sempre lutaram com suas famílias. Você é minha família, agora, também. – ela sussurrou. – E eu o amarei por toda a minha vida.

Ele se inclinou e colocou seus lábios sobre os dela com delicadeza. – Eu posso morrer por você. Meu amor – ele sussurrou em um tom gaguejado. – Eu darei o que você quiser!

Ela o abraçou apertado, sentindo-se segura e amada. – Eu só quero um bebê, Marcus – ela disse docemente.

Os abraços dele a apertaram mais. – Eu também!

Ela fechou seus olhos. – Eu tenho uma sensação que não teremos de esperar muito – ela murmurou com um sorriso.

Quando eles voltaram para a cidade, Marcus deu entrada no hotel Jacobsville para evitar qualquer fofoca sobre ele e Delia, e convidou seus amigos Cash e Tippy Grier para jantar com eles, Barb e Barney.

Mas o que começou com um simples encontro social, mudou.

Cash convidou seus amigos Judd Dunn e Marc Brannon, assim como os oficiais de polícia Palmer e Barret, e o xerife Hayes Carson, para encontrá-los no lobby do hotel de Marcus antes do jantar. E ele não mencionou isto para Delia.

Ele a deixou conversando com Barb, Barney e Tippy enquanto levava Marcus ao lobby sobre o pretexto de uma conversa pessoal com ele.

– Ah, não – Marcus disse quando viu os homens da força policial, a maioria usando uniforme. – Não, vocês não vão me prender por alguma antiga ordem de prisão, ainda mais antes de meu casamento, vão...?

– Nada disso – Cash disse imediatamente sorrindo. – Não, nós temos outro objetivo em mente.

Marcus apertou a mão de todos a sua volta, mas estava se perguntava o que eles queriam com ele.

– Nós perguntamos aos irmãos Hart como organizar um casamento – Cash disse alegremente. – Eles arranjaram tudo para cada um quando um deles pretendia se casar. E eles nos ensinaram todo o processo. Então aqui estamos nós. Nós o levaremos para tirar a licença logo pela manhã. Judd marcou consulta com a

Dra. Lou Coltrain para os exames de sangue amanhã as 11 horas. Marc contratou uma juíza de paz para celebrar a cerimônia daqui a duas semanas em seu escritório. – ele sorriu – Eu esqueci de perguntar, se você quer um pastor também...?

Marcus cambaleou em choque, ele simplesmente assentiu e mencionou que ele e Delia ainda não haviam tido tempo de discutir isso, mas eles estavam de acordo com tudo e que eles poderiam tomar conta disso também.

– Alugaremos um smoking – Cash adicionou franzindo os lábios quando Marcus deu seu tamanho.

– Telefonarei a Neiman-Marcus e encomendarei um para ser entregue a mim, com todos os acessórios – Marcus assentiu para este detalhe.

– Há ainda os convites – Cash continuou.

– Tudo a mão – o oficial Palmer alto e loiro disse com um sorriso. – Minha esposa trabalha em uma gráfica. Eles fazem cartões e convites também.

– Estou contratando o buffet para a recepção – o oficial Barret adicionou, sorrindo – E nós arranjamos o espaço com a associação de banqueiros local.

– Eu estou cuidando das flores – Marc Brannon disse – Uma amiga de Josette é a nossa melhor florista.

– Quem se encarregou dos proclamas no jornal local e outros e avisou a mídia? – Cash perguntou.

Ouviram-se uma série de imprecações.

Cash levantou uma mão – Tippy e eu cuidaremos disso.

– Mídia? – Marcus perguntou preocupado.

– Não se preocupe – Cash disse sorrindo. – Eu conheço as pessoas certas para chamar. Nós não temos nenhum repórter de tablóide aqui. Eu já perguntei para Matt Caldwell como pô-los para correr uma vez que ele precisou manter os repórteres longe de sua esposa Leslie alguns anos atrás. Isso funcionou muito bem!

– Eu penso que isso é tudo – Hayes Carson disse – exceto pela carona de vocês ate o aeroporto, que eu farei pessoalmente. Você não quer ficar preso no tráfego na sua viagem de lua de mel, certo? Ele disse.

Marcus sacudiu sua cabeça – Eu estava justamente pensando por onde começar. – ele disse sorrindo timidamente. – Obrigado rapazes. Muito obrigado.

– Não se preocupe com o cachorro e a galinha, também – Hayes adicionou com um sorriso. – Eu já arranjei lugares para eles no meu rancho até vocês decidirem quando vocês vão mandá-los para as Bahamas.

Delia ficou radiante. – Obrigada Hayes. Vocês, também, rapazes! – ela se direcionou aos outros.

Todos eles pareceram humildes. Eles não haviam mencionado as latas vazias, o confete, a espuma e as fitas que eles planejaram fixar na limusine que eles haviam alugado enquanto a recepção era feita. Ou que eles haviam ligado para Smith nas Bahamas sobre instruções detalhadas do que ele deveria fazer na casa de Marcus quando o casal voltasse para casa na semana seguinte a lua de mel em St. Martin no Caribe.

Todos os detalhes da cerimônia estavam prontos, perfeitos e sem nenhum obstáculo, para surpresa e divertimento de Delia. Ela nem se preocupou que os arranjos foram tirados de suas mãos. Ela ajudou a endereçar os convites que eram entregues em mãos pelos cowboys que trabalham nos ranchos a sua volta – mais especificadamente dos Hart, Ballengers, Tremaynes e Cy Parks.

O casamento foi incrível, a imprensa de dois continentes apareceu com satélites e repórteres. Os jornais mandaram repórteres com câmeras fotográficas e gravadores. Limusines vinham à cidade trazendo homens em ternos pretos, dois grupos alinhados lado a lado nos bancos da igreja. Outro banco era ocupado por pessoas de aparência mais dura, vigiavam os de terno preto. Oficiais da lei estavam em outro incluindo Cash e Tippy Grier, junto com seu assistente Judd Dunn e sua esposa Christabel, o ex Texas Ranger Marc Brannon e sua esposa Josette, os oficiais de polícia de Jacobsville Palmer e Barret com suas esposas e o xerife Hayes. Outro grupo era o de ex-mercenários com suas esposas em outro banco Dr. Micah e Callie Steele, Eb e Sally Scott, Cy e Lisa Parks e Harley Fowler ainda solteiro. Todos os cinco irmãos Hart, Justin e Calhoun Ballenger, os irmãos Tremayne todos com suas respectivas esposas, assim como o Dr. Coltrain e Dr. Morris e esposas. Tom Walker e esposa, Ted Regan e sua esposa, os Donavans, os Langleys e o

advogado Blake Kemp com sua secretária Violet. Todas as famílias conhecidas da cidade convidadas, que não se encontravam viajando, foram ao casamento. Era uma festa com letra maiúscula.

Havia alguns convidados inesperados também, tais como Tate Winthrop de Washington, D.C., e sua esposa Cecily. Ele trabalhava com segurança pessoal, ou algo assim Marcus contou para Delia, Marcus havia feito um favor para tirar Cecily do perigo.

Delia percebeu também que ele conhecia alguns políticos, dois astros de cinema, três ou quatro cantores conhecidos e uma banda de rock inteira muito conhecida. Ele realmente tinha um grupo bem diferente de amigos e conhecidos.

Mas a única pessoa que Delia queria saber era Barb, junto dela no altar, como madrinha. Sr. Smith havia tirado um dia de folga para o casamento e servia como padrinho para Marcus.

O pastor, eras um senhor de idade com um sorriso contagiante, dirigiu a cerimônia com dignidade e afeição, e no final, quando eles trocaram as alianças e se beijaram, não havia um olho seco.

Mais tarde, na recepção, o vestido de Delia se tornou o centro das atenções.

– Você pode dizer que ele veio de Paris – Barb lembrou-a, abraçando-a carinhosamente. Ela estava em êxtase desde que seu nome e de Barney apareceram nos proclamas como pais de Delia. Isso começou uma série de fofocas na cidade, mas as melhores possíveis.

– É lindo – Violet Hardy disse, sorrindo para Delia. – Eu suponho que nunca conseguirei vestir nada assim – ela adicionou. Violet estava acima do peso, embora tivesse um rosto muito bonito. Ela trabalhava para o advogado local Blake Kemp, que a trouxe ao casamento, para a surpresa de todo mundo. A aversão de Kemp a mulheres era muito conhecida.

– Você nunca sabe, Violet – Delia sussurrou dando uma olhada de esguelha para Blake Kemp, que conversava com Cy Parks, Violet corou.

Os cidadãos locais que não foram ao casamento estavam esperando do lado de fora da recepção, o casal sair para jogar arroz e desejar boa sorte.

O motorista da limusine há bastante tempo esperando, estava parado digna e silenciosamente ao lado do carro, que estava coberto com espuma onde se lia boa sorte, fitas, rendas, e latas amarradas em linhas, sapatos e fitas no para choque.

– Congratulações Sr. e Sra. Carrera – ele disse sorrindo, e abriu a porta com um floreio.

– Obrigada – eles ecoaram, mergulhando dentro da limusine debaixo de outra chuva de arroz.

Eles acenaram para a multidão uma última vez antes da porta se fechar.

Na manhã seguinte, eles estavam abraçados, na cama *king-size* em uma casa de praia luxuosa em St. Martin. Havia sido uma noite longa e apaixonada e eles acordaram tarde. Marcus acordou primeiro e pediu o café da manhã para o serviço de quarto. Depois ele voltou para a cama e ficou abraçado a Delia até que este chegasse.

Houve uma batida na porta.

Marcus beijou sua esposa para acordá-la carinhosamente, pegou o roupão e foi atender a porta, enquanto ela continuava na cama atrás da porta fechada.

Era o serviço de quarto com o café da manhã. Marcus deixou o garçom entrar, com o carrinho de chá, e o direcionou aonde deixá-lo. Ele deu ao sorridente garçom uma boa gorjeta e o deixou ir embora. Antes de ele chamar Delia, ele levantou as tampas dos pratos e cheirou os deliciosos ovos mexidos, bacon, lingüiça e torradas.

Ele voltou ao quarto, tirou o cobertor e olhou o lindo corpo nu de Delia, inclinou-se e beijou seus seios com ternura.

– Eu não quero parar, mas nós precisamos comer alguma coisa – ele sussurrou, colocando-a gentilmente de pé. – De minha parte, eu quero mantê-la assim –ele adicionou sorrindo.

– Assim nós nunca poderemos sair e ver os pontos turísticos – ela riu.

Ele a beijou. – Estraga prazeres. Quem quer ver os pontos turísticos quando estes são tão perfeitos? – ele perguntou. – Vamos. Eu pedi comida. Eu não sei quanto a você mais eu estou morrendo de fome.

– Onde está minha camisola?

Ele olhou por sobre sua cabeça. – perda de tempo colocá-lo, amor – ele contou com um sorriso. – Eu vou tirá-lo logo após o café da manhã.

Ela colocou sua mão na dele e o deixou levá-la até a mesa. Mas uma coisa inesperada aconteceu quando ela sentiu o cheiro de ovos mexidos.

Ela mal teve tempo de chegar ao banheiro. Ele estava logo atrás dela, com uma toalha molhada quando ela levantou. Ele a ajudou a lavar sua boca tão carinhosamente que ela quase chorou, então ele a pegou no colo, como se ela fosse uma pequena e apavorada criança, e a carregou para de volta para a cama.

Ele a ajeitou os travesseiros com muito carinho. – Oh, amor – ele disse suavemente – Eu nunca sonhei que aconteceria tão cedo.

Ela o encarou e disse sorrindo timidamente. – Nem eu – ela respondeu. – Marcus, eu acho que estou grávida!

– Sim – ele concordou, sorrindo de orelha a orelha. – Parece isso mesmo, não?

Ela o fez abaixar-se e o beijou até sentir seus lábios sensíveis.

– Agora, nós temos um grande dilema. – ele disse.

– Hmm?

Ele sorriu contra seus lábios. – quem nós avisaremos primeiro?

– Meus pais!

– Sr. Smith vai ficar chateado – ele disse. – Além disso, ele é o melhor babysitter que acharemos. Ele viajou para o aniversário do filho de Kip Tennison.

Ela ficou radiante. – Que idéia mais doce!

– Já sei – ele disse. – Você liga do telefone do quarto para barb e Barney. – ele foi até o quarto de vestir pegar seu celular. – Eu telefonarei para Smith do meu celular! – lê o colocou no bolso do roupão – Mas primeiro o café da manhã. Eu vou trazer para você um bom copo de leite e algumas torradas. Você pode tomá-lo na cama!

Ela piscou e sorriu para ele com amor nos olhos. – Você vai ser o melhor marido e pai no mundo – ela disse com convicção.

E ele foi.

**\*\*\*FIM\*\*\***